Espelhos da Alma

A Psicologia por Trás dos Contos de Fadas

Como os contos de fadas
refletem arquétipos, medos
e desejos do inconsciente humano

COMO OS CONTOS DE FADAS REFLETEM ARQUÉTIPOS, MEDOS E DESEJOS DO INCONSCIENTE HUMANO.

Juliana Balta Ferreira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Silvana Nascimento Carvalho
Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos
Genilde do Nascimento Alves Monteiro
José Fernandes Góis

Os contos de fadas, presentes nas tradições orais e posteriormente transcritos por autores como Charles Perrault, os irmãos Grimm e Madame Leprince de Beaumont, são obras simbólicas que traduzem temas universais da psique humana. A partir de uma abordagem junguiana e psicanalítica, esta pesquisa bibliográfica documental evidencia como essas narrativas refletem arquétipos, medos e desejos inconscientes. Segundo Jung (2007; 2012), o inconsciente coletivo é estruturado por arquétipos – imagens primordiais universais presentes em todas as culturas. Os contos de fadas são manifestações ricas desse inconsciente coletivo. Personagens como fadas, bruxas, lobos, madrastas e heróis são símbolos arquetípicos que representam aspectos do desenvolvimento psicológico humano, especialmente no processo de individuação. O herói, por exemplo, figura o processo de superação de desafios para alcançar a consciência e a integração do "self". Von Franz (1985; 1990), discípula de Jung, aprofunda essa análise ao mostrar que os contos de fadas operam como metáforas para conflitos internos. Ela destaca como as narrativas abordam temas como a luta contra a sombra (aspectos reprimidos da personalidade), o encontro com o animus e a anima (representações inconscientes do masculino e do feminino), e a busca por sentido existencial. Corso & Corso (2006) complementam ao afirmar que os contos atuam como uma forma de psicanálise simbólica, ajudando crianças a elaborarem suas angústias. Bettelheim (2019), pela perspectiva freudiana, defende que os contos de fadas possibilitam às crianças lidarem com conflitos psíquicos profundos, como rivalidades fraternas, medo de abandono, desejo de poder e sexualidade emergente. Histórias como "Cinderela" e "Chapeuzinho Vermelho" seriam representações simbólicas desses processos. Em consonância, Coelho (2009) observa que os contos favorecem a construção de identidade, ao mesmo tempo que espelham os desejos e os medos sociais de cada época. Abramovich (2008) e Albino (2025) reforçam que a literatura infantil é um campo fértil para o desenvolvimento emocional e cognitivo, pois desperta a imaginação, ativa emoções e propicia contato com estruturas simbólicas. Isso é especialmente relevante em contextos de vulnerabilidade, como apontam relatórios da ABMPIA (2003) e da Organização Mundial da Saúde (WHO, 2003), onde a infância é marcada por experiências traumáticas, e os contos podem atuar como mediadores terapêuticos. A leitura simbólica dos contos revela uma profunda relação entre o mundo imaginário e o funcionamento inconsciente do ser humano. As figuras fantásticas, longe de serem apenas entretenimento, cumprem um papel formador, ajudando na elaboração de conteúdos psíquicos e favorecendo a saúde mental. A resiliência, o enfrentamento do mal e a esperança são constantemente exaltados nas tramas, oferecendo modelos de superação emocional. Esta pesquisa demonstra que os contos de fadas são expressões da alma humana, espelhando arquétipos ancestrais, canalizando medos primitivos e revelando desejos profundos. Por meio da linguagem simbólica, essas histórias promovem o autoconhecimento e colaboram com o desenvolvimento psíquico de crianças e adultos, sendo ferramentas valiosas no campo da educação, psicologia e cultura.

Palavras-chave: Contos de fadas; arquétipos; inconsciente; desejos; medos.

HOW FAIRY TALES REFLECT ARCHETYPES, FEARS, AND DESIRES OF THE HUMAN UNCONSCIOUS.

Juliana Balta Ferreira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Silvana Nascimento Carvalho
Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos
Genilde do Nascimento Alves Monteiro
José Fernandes Góis

Fairy tales, rooted in oral traditions and later transcribed by authors such as Charles Perrault, the Brothers Grimm, and Madame Leprince de Beaumont, are symbolic works that convey universal themes of the human psyche. From a Jungian and psychoanalytic perspective, this documentary bibliographic research demonstrates how these narratives reflect archetypes, fears, and unconscious desires. According to Jung (2007; 2012), the collective unconscious is structured by archetypes—primordial universal images found in all cultures. Fairy tales are rich manifestations of this collective unconscious. Characters such as fairies, witches, wolves, stepmothers, and heroes are archetypal symbols that represent aspects of human psychological development, particularly within the process of individuation. The hero, for instance, symbolizes the journey of overcoming challenges to reach consciousness and the integration of the Self. Von Franz (1985; 1990), a disciple of Jung, deepens this analysis by showing that fairy tales operate as metaphors for internal conflicts. She highlights how these narratives address themes such as the struggle against the shadow (repressed aspects of the personality), the encounter with the animus and anima (unconscious representations of the masculine and feminine), and the search for existential meaning. Corso & Corso (2006) add that fairy tales function as a form of symbolic psychoanalysis, helping children work through their anxieties. Bettelheim (2019), from a Freudian perspective, argues that fairy tales enable children to deal with deep psychic conflicts, such as sibling rivalries, fear of abandonment, desires for power, and emerging sexuality. Stories like *Cinderella* and *Little Red Riding Hood* are symbolic representations of these psychological processes. Similarly, Coelho (2009) observes that fairy tales aid in the construction of identity, while simultaneously reflecting the desires and fears of the society in which they are told. Abramovich (2008) and Albino (2025) emphasize that children's literature is a fertile field for emotional and cognitive development, as it stimulates imagination, activates emotions, and fosters engagement with symbolic structures. This is especially relevant in contexts of vulnerability, as highlighted by reports from ABMPIA (2003) and the World Health Organization (WHO, 2003), where childhood is often marked by traumatic experiences, and fairy tales can serve as therapeutic mediators. The symbolic reading of fairy tales reveals a deep connection between the imaginary world and the unconscious workings of the human mind. Fantastic figures, far from being mere entertainment, play a formative role by helping individuals process psychological content and promoting mental health. Resilience, the confrontation of evil, and the enduring hope for transformation are constant themes, offering models for emotional resilience. This research demonstrates that fairy tales are expressions of the human soul, mirroring ancestral archetypes, channeling primal fears, and revealing deep desires. Through symbolic language, these stories promote self-awareness and contribute to the psychological development of both children and adults, making them valuable tools in the fields of education, psychology, and culture.

Keywords: Fairy tales; archetypes; unconscious; desires; fears.

CÓMO LOS CUENTOS DE HADAS REFLEJAN ARQUETIPOS, MIEDOS Y DESEOS DEL INCONSCIENTE HUMANO.

Juliana Balta Ferreira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Silvana Nascimento Carvalho
Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos
Genilde do Nascimento Alves Monteiro
José Fernandes Góis

Los cuentos de hadas, presentes en las tradiciones orales y posteriormente transcritos por autores como Charles Perrault, los hermanos Grimm y Madame Leprince de Beaumont, son obras simbólicas que traducen temas universales de la psique humana. Desde un enfoque junguiano y psicoanalítico, esta investigación bibliográfica documental evidencia cómo estas narrativas reflejan arquetipos, miedos y deseos inconscientes. Según Jung (2007; 2012), el inconsciente colectivo está estructurado por arquetipos, es decir, imágenes primordiales universales presentes en todas las culturas. Los cuentos de hadas son manifestaciones ricas de este inconsciente colectivo. Personajes como hadas, brujas, lobos, madrastras y héroes son símbolos arquetípicos que representan aspectos del desarrollo psicológico humano, especialmente en el proceso de individuación. El héroe, por ejemplo, representa el proceso de superación de desafíos para alcanzar la conciencia y la integración del "self". Von Franz (1985; 1990), discípula de Jung, profundiza este análisis al demostrar que los cuentos de hadas operan como metáforas de los conflictos internos. Ella destaca cómo las narrativas abordan temas como la lucha contra la sombra (aspectos reprimidos de la personalidad), el encuentro con el animus y el anima (representaciones inconscientes de lo masculino y lo femenino) y la búsqueda de sentido existencial. Corso & Corso (2006) complementan afirmando que los cuentos funcionan como una forma de psicoanálisis simbólico, ayudando a los niños a elaborar sus angustias. Bettelheim (2019), desde la perspectiva freudiana, sostiene que los cuentos de hadas permiten a los niños enfrentarse a conflictos psíquicos profundos, como rivalidades fraternales, miedo al abandono, deseo de poder y sexualidad emergente. Historias como *Cenicienta* y *Caperucita Roja* serían representaciones simbólicas de estos procesos. En consonancia, Coelho (2009) observa que los cuentos favorecen la construcción de la identidad, al tiempo que reflejan los deseos y miedos sociales de cada época. Abramovich (2008) y Albino (2025) refuerzan que la literatura infantil es un campo fértil para el desarrollo emocional y cognitivo, ya que estimula la imaginación, activa las emociones y propicia el contacto con estructuras simbólicas. Esto es especialmente relevante en contextos de vulnerabilidad, como señalan los informes de ABMPIA (2003) y la Organización Mundial de la Salud (OMS, 2003), donde la infancia suele estar marcada por experiencias traumáticas, y los cuentos pueden actuar como mediadores terapéuticos. La lectura simbólica de los cuentos revela una profunda relación entre el mundo imaginario y el funcionamiento inconsciente del ser humano. Las figuras fantásticas, lejos de ser mero entretenimiento, cumplen una función formadora, ayudando en la elaboración de contenidos psíquicos y favoreciendo la salud mental. La resiliencia, la lucha contra el mal y la esperanza son constantemente exaltadas en las tramas, ofreciendo modelos de superación emocional. Esta investigación demuestra que los cuentos de hadas son expresiones del alma humana, reflejando arquetipos ancestrales, canalizando miedos primitivos y revelando deseos profundos. A través del lenguaje simbólico, estas historias promueven el autoconocimiento y colaboran con el desarrollo psíquico de niños y adultos, siendo herramientas valiosas en los campos de la educación, la psicología y la cultura.

Palabras clave: Cuentos de hadas; arquetipos; inconsciente; deseos; miedos.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo evidencia uma análise psicológica dos contos de fadas clássicos a partir das teorias de Carl Gustav Jung e Bruno Bettelheim, explorando como essas narrativas ancestrais funcionam como metáforas simbólicas do desenvolvimento psíquico. Os contos de fadas, presentes nas tradições orais e posteriormente transcritos por autores como Charles Perrault, os Irmãos Grimm e Madame Leprince de Beaumont, têm atravessado séculos como expressões da alma humana, moldando o imaginário coletivo. Longe de serem meras histórias infantis, essas narrativas revelam profundas estruturas simbólicas, oferecendo ao leitor um espelho da condição humana.

No cerne dessas histórias estão os arquétipos, imagens universais que, segundo Jung (2007), emergem do inconsciente coletivo e se manifestam em mitos, sonhos e, especialmente, nos contos de fadas. Personagens como o herói, a bruxa, a madrasta, o velho sábio, o animal ajudante e a princesa são representações arquetípicas de aspectos da psique humana, constituindo padrões que transcendem épocas e culturas. Tais figuras não apenas povoam o universo simbólico da infância, mas também refletem dilemas existenciais e etapas do desenvolvimento psicológico ao longo da vida.

A análise junguiana evidencia que os contos de fadas operam como portais para o inconsciente, funcionando como sonhos coletivos que revelam desejos reprimidos, conflitos internos e medos arcaicos. O inconsciente, tanto na vertente pessoal quanto na coletiva, é um reservatório de imagens simbólicas e emoções não integradas, que emergem através dessas narrativas de forma simbólica e transformadora. Ao oferecerem um espaço seguro para o enfrentamento de conteúdos psíquicos difíceis, os contos se tornam instrumentos de cura simbólica e integração psíquica.

Os desejos expressos nos contos de fadas não se restringem ao anseio por finais felizes ou recompensas materiais. Eles simbolizam impulsos profundos, como o desejo de pertencimento, de reconhecimento, de segurança emocional e de realização pessoal. Esses desejos, muitas vezes inconscientes, são projetados nas tramas das histórias como jornadas de transformação, onde os protagonistas enfrentam desafios, perdas e provações para alcançar uma forma mais integrada de si mesmos.

Os medos que permeiam os contos de fadas são igualmente reveladores. Medo do abandono, da rejeição, da morte, da escuridão, da perda dos pais ou do desconhecido aparecem frequentemente nas tramas e são externalizados através de figuras ameaçadoras, como lobos, ogros, bruxas e florestas sombrias. Esses elementos, ao invés de serem atenuados, são potencializados nas histórias justamente para permitir que a criança (e o adulto) os enfrente simbolicamente. Como destaca Bettelheim (2019), ao dramatizar o conflito interior de forma acessível, o conto oferece a possibilidade de elaboração psíquica e resolução simbólica do trauma.

Ao integrar arquétipos, medos e desejos, os contos de fadas funcionam como mapas da alma humana. Eles não apenas espelham o funcionamento do inconsciente, mas também apontam caminhos de individuação e crescimento interior. Cada personagem, desafio ou transformação vivida pelo protagonista simboliza uma etapa do desenvolvimento da personalidade, um movimento em direção à totalidade. Conforme Jung (2012), o processo de individuação é justamente esse caminho de autoconhecimento e integração dos opostos psíquicos, frequentemente representado pelas jornadas fantásticas dos contos.

Os contos de fadas, longe de constituírem uma literatura menor, revelam-se como ferramentas valiosas na compreensão do psiquismo humano. Por meio da linguagem simbólica, das imagens arquetípicas e da articulação entre desejos, medos e o inconsciente, essas narrativas permitem acessar conteúdos profundos da psique, promovendo transformação, cura e autoconhecimento. É nesse entrelaçamento entre fantasia e realidade psíquica que reside sua força duradoura e sua relevância no campo da psicologia, da educação e da cultura.

As narrativas fantásticas, repletas de elementos simbólicos, representam de forma metafórica os estágios do desenvolvimento da psique. Segundo Jung (2007), o inconsciente coletivo é formado por arquétipos, imagens universais que habitam todas as culturas humanas, e os contos de fadas são expressões privilegiadas desses arquétipos. A presença do herói, da bruxa, do velho sábio, da grande mãe, entre outros, evidencia como essas figuras contribuem para a elaboração dos conflitos internos.

A proposta junguiana entende que a individuação é o processo pelo qual o indivíduo se torna ele mesmo, integrando os diversos aspectos da sua personalidade, tanto conscientes quanto inconscientes (jung, 2012). Os contos de fadas atuam como facilitadores simbólicos dessa jornada interior, funcionando como narrativas arquetípicas que orientam o sujeito em seu processo de autoconhecimento e amadurecimento psíquico. Dentro da perspectiva junguiana, essas histórias não são apenas fantasias infantis, mas representações metafóricas do processo de individuação, no qual o ego gradualmente integra aspectos inconscientes da personalidade em direção a uma totalidade psíquica (Jung, 2007). Cada elemento da narrativa pode ser interpretado como um símbolo que remete a conflitos, desejos, medos e possibilidades de transformação interior.

A figura do herói, frequentemente presente nos contos de fadas, encarna o impulso universal de superação, enfrentamento e transcendência. No conto "João e o Pé de Feijão", o João representa o arquétipo do herói ingênuo, que parte de uma condição inicial de dependência, imaturidade e escassez para uma jornada simbólica rumo à conquista da autonomia e ao crescimento interior. A subida pelo pé de feijão, elemento mágico e liminar, simboliza a transição do mundo ordinário para o mundo extraordinário do inconsciente, onde residem os desafios arquetípicos que precisam ser enfrentados para que ocorra a transformação do self.

O gigante, figura ameaçadora que habita o mundo superior, representa os grandes medos e obstáculos internos que o sujeito encontra ao tentar se libertar de condicionamentos e limitações psíquicas. Ao confrontar e vencer essa figura, João não apenas retorna com tesouros simbólicos — como a harpa encantada ou a galinha dos ovos de ouro —, mas também com uma nova configuração interna: mais corajosa, segura e capaz de sustentar sua própria existência. Essa narrativa, ressoa profundamente no inconsciente do leitor ou ouvinte, estimulando a elaboração simbólica de seus próprios desafios e promovendo a integração de aspectos fragmentados da personalidade.

Esse processo simbólico é essencial na constituição da identidade, especialmente na infância, quando as estruturas psíquicas ainda estão em formação. Conforme Bettelheim (2019), a criança se identifica com o herói do conto e, ao vivenciar simbolicamente suas lutas e vitórias, encontra modelos internos para lidar com seus próprios medos, frustrações e desejos. A magia do conto de fadas reside justamente em sua capacidade de traduzir experiências emocionais intensas em imagens compreensíveis, oferecendo à criança (e ao adulto) uma estrutura simbólica segura para lidar com conflitos que, de outra forma, seriam inomináveis ou insuportáveis.

"João e o Pé de Feijão" não é apenas uma história de aventura e esperteza, mas uma metáfora rica do enfrentamento do inconsciente, da ascensão rumo à consciência e da conquista de si mesmo. A atuação simbólica dos contos de fadas como guias interiores reafirma seu papel fundamental no desenvolvimento emocional e psicológico dos sujeitos, conferindo-lhes recursos internos para lidar com a complexidade da existência.

Bettelheim (2019) ressalta que os contos de fadas oferecem à criança uma maneira simbólica de compreender os conflitos psíquicos que ela não consegue verbalizar. Por meio do simbolismo presente nas histórias, a criança projeta seus medos e desejos e encontra formas de lidar com emoções complexas como a inveja, o medo do abandono, a raiva e o desejo de aceitação. A figura do lobo, recorrente em contos como "Chapeuzinho Vermelho", representa o medo do desconhecido e da agressão, mas também a necessidade de desenvolvimento da astúcia e da autonomia.

Jung (2013) afirma que o inconsciente é autônomo e possui uma linguagem própria, a linguagem simbólica, que se manifesta nos sonhos, nos mitos e nos contos. Os contos de fadas, por essa perspectiva, revelam não apenas estruturas culturais, mas também estruturas profundas da mente humana. O simbolismo do conto "A Bela Adormecida" pode ser interpretado como uma representação do despertar psíquico após um período de inatividade emocional ou repressão inconsciente.

A sombra, conceito fundamental na psicologia analítica, refere-se aos aspectos reprimidos da personalidade, frequentemente representados em personagens vilões ou monstruosos nos contos de fadas (Jung, 2000). O confronto com a sombra é essencial para o crescimento psíquico e pode ser

facilitado pelas narrativas fantásticas. Em "Branca de Neve", por exemplo, a madrasta invejosa é uma figura que incorpora a sombra e impulsiona a protagonista a iniciar sua jornada de amadurecimento.

Von Franz (1990), ao estudar contos de fadas, destaca que essas histórias funcionam como sonhos coletivos, permitindo à criança elaborar inconscientemente seus conflitos internos. Ela aponta que os contos muitas vezes apresentam soluções simbólicas para dilemas complexos, como a morte, o abandono, a sexualidade e a rivalidade entre irmãos. A narrativa simbólica permite que o indivíduo acesse o inconsciente sem a censura do ego, facilitando o processo de cura psíquica.

A função terapêutica dos contos de fadas também é enfatizada por Corso & Corso (2006), que argumentam que as narrativas atuam como formas de psicanálise simbólica, especialmente eficazes no trabalho com crianças. A fantasia, ao organizar o caos interno, permite à criança dar sentido às experiências traumáticas. O conto "João e Maria", por exemplo, simboliza o medo do abandono parental, mas também a capacidade de resistência e superação.

Para Coelho (2009), os contos de fadas desempenham papel importante na construção da identidade. Ao se identificar com personagens e situações, a criança internaliza modelos de comportamento e constrói sua subjetividade. A riqueza simbólica dessas histórias permite que a fantasia seja um espaço de experimentação psíquica, onde medos e desejos podem ser vivenciados de forma segura.

A literatura infantil, segundo Abramovich (2008), é um instrumento essencial para o desenvolvimento emocional e cognitivo. Ela não apenas entretém, mas também educa, emociona e provoca reflexões profundas. A escuta ou leitura de contos de fadas estimula a imaginação, ativa emoções e fortalece o vínculo afetivo entre adultos e crianças. Isso é especialmente relevante em contextos de vulnerabilidade social.

Relatórios da ABMPIA (2003) e da Organização Mundial da Saúde (2003) reforçam a importância da literatura simbólica em situações de trauma. Crianças expostas a violência, negligência ou abandono encontram nos contos de fadas um espaço de acolhimento emocional. As narrativas oferecem possibilidades de ressignificação da dor e construção de novas perspectivas de futuro.

A linguagem simbólica dos contos permite que se estabeleçam pontes entre o mundo interior e exterior. Ao projetar nos personagens aspectos da própria psique, o indivíduo realiza um processo de autoconhecimento. Conforme Jung (1982), esse processo é vital para a integração da personalidade e para o amadurecimento emocional.

A presença do arquétipo da grande mãe, por exemplo, simboliza tanto a figura protetora quanto a ameaçadora. Em "Rapunzel", a mãe adotiva que a aprisiona na torre representa a face sombria da maternidade, que sufoca em vez de nutrir. Essa ambivalência, ao ser explorada

simbolicamente, permite à criança reconhecer e elaborar sentimentos contraditórios em relação às figuras parentais.

O arquétipo do velho sábio, como representado nas figuras de fadas madrinhas ou anciãos, representa a orientação interior que guia o herói em sua jornada. Esses personagens simbolizam o conhecimento intuitivo e a sabedoria ancestral presentes no inconsciente coletivo (Jung, 2007).

O conto de fadas não oferece apenas diversão; ele propicia uma experiência simbólica profunda que contribui para a formação da subjetividade. Ele permite que se atravessem territórios psíquicos desconhecidos e que se enfrentem dilemas internos com coragem e criatividade. Como afirma Jung (2015), "a psique é por natureza simbólica", e os contos de fadas são uma de suas manifestações mais autêutenticas e acessíveis.

Esta introdução busca evidenciar como os contos de fadas funcionam como instrumentos de compreensão da psique humana, acessando arquétipos ancestrais, medos primitivos e desejos inconscientes. Ao reconhecer esse valor simbólico, amplia-se o entendimento do papel dessas narrativas na formação psicológica de crianças e adultos.

2. DESENVOLVIMENTO

O conto de fadas transcende a simples função de entretenimento infantil; ele constitui uma experiência simbólica complexa que contribui de maneira significativa para a constituição da subjetividade e para o desenvolvimento psicológico integral do indivíduo. Por meio de imagens arquetípicas e enredos fantásticos, essas narrativas mobilizam conteúdos do inconsciente, permitindo que crianças — e também adultos — atravessem simbolicamente territórios psíquicos desconhecidos, enfrentem dilemas internos e elaborem experiências emocionais profundas com coragem, criatividade e imaginação.

Na perspectiva da Psicologia Analítica, proposta por Carl Gustav Jung, o conto de fadas é uma das expressões mais puras e autênticas da psique coletiva. Jung (2015) afirma que “a psique é por natureza simbólica”, e que os contos de fadas revelam, de maneira espontânea e acessível, imagens arquetípicas universais que estão enraizadas no inconsciente coletivo da humanidade. Tais imagens — como o herói, a sombra, o velho sábio, a bruxa, a floresta, entre outras — não são meros personagens ou cenários fictícios, mas representações simbólicas de estados internos, medos primitivos, desejos reprimidos e etapas essenciais do processo de individuação.

Dentro dessa abordagem, os contos de fadas funcionam como estruturas narrativas que organizam o caos interior. Eles oferecem um espaço simbólico seguro para que os medos infantis — como o abandono, a morte, a escuridão ou o castigo — possam ser representados e elaborados sem causar trauma. A figura do lobo em "Chapeuzinho Vermelho", por exemplo, encarna o medo da

violência e da perda da inocência, ao mesmo tempo que alerta para os perigos da ingenuidade. A bruxa de "João e Maria" representa tanto a ameaça da escassez quanto o desejo ambivalente pela satisfação imediata. Essas imagens, carregadas de tensão simbólica, são catalisadoras de crescimento interno, pois permitem que os conflitos sejam vivenciados de forma simbólica, preparando o psiquismo para enfrentá-los no plano real.

Os contos de fadas abordam, de forma velada, os desejos reprimidos e as fantasias inconscientes que permeiam a infância. A psicanálise, sobretudo a partir das contribuições de Bruno Bettelheim (2019), compreende essas narrativas como instrumentos projetivos e terapêuticos, por meio dos quais as crianças elaboram sentimentos de inveja, rivalidade, ódio, amor e medo. Os desejos por poder, proteção, reconhecimento e transformação são simbolizados nas jornadas heroicas, nas metamorfoses e nos elementos mágicos que estruturam essas histórias. Ao identificar-se com os protagonistas e seus conflitos, o ouvinte ou leitor entra em contato com conteúdos inconscientes que, de outro modo, permaneceriam reprimidos e não verbalizados.

A fantasia, portanto, não deve ser vista como fuga da realidade, mas como um recurso psíquico valioso que possibilita o contato com dimensões profundas da existência. Em contextos de vulnerabilidade emocional, a fantasia contida nos contos exerce uma função terapêutica, pois oferece modelos simbólicos para o enfrentamento do sofrimento e da adversidade. Abramovich (2008) observa que essas narrativas não apenas despertam a imaginação, mas também ativam emoções essenciais para o amadurecimento afetivo e cognitivo, promovendo a resiliência e a reorganização interna do sujeito em momentos de crise.

A estrutura arquetípica dos contos de fadas frequentemente segue o modelo da Jornada do Herói, conforme sistematizado por Joseph Campbell e integrado por Jung ao conceito de individuação. Esse percurso simbólico envolve a separação do mundo conhecido, a travessia por territórios perigosos, o encontro com aliados e inimigos, a provação suprema e, finalmente, o retorno transformado. Esse itinerário espelha o processo de individuação, no qual o sujeito precisa confrontar sua sombra, integrar suas polaridades e descobrir seu verdadeiro centro psíquico — o self. A jornada do herói é, portanto, um mapa simbólico da transformação interior que os contos de fadas oferecem de forma acessível e poderosa.

Ao reunir arquétipos, desejos reprimidos, medos inconscientes e elementos fantásticos, os contos de fadas operam como espelhos da psique humana. Eles promovem o autoconhecimento, auxiliam na integração de conteúdos emocionais e oferecem à subjetividade modelos simbólicos de enfrentamento e superação. Sua relevância vai muito além do contexto infantil, sendo reconhecida na educação, na psicologia clínica e na literatura como uma ferramenta profunda de escuta da alma humana.

2.1. A PSICOLOGIA ANALÍTICA DE JUNG E OS ARQUÉTIPOS NOS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas, como expressão simbólica da psique humana, revelam camadas profundas do inconsciente coletivo. Essas narrativas fantásticas não apenas encantam pela sua forma e enredo, mas exercem uma função psicológica significativa, servindo como mapas simbólicos para o autoconhecimento e o desenvolvimento da consciência. Cada elemento presente nas histórias — desde personagens até cenários e situações — pode ser interpretado como uma manifestação dos arquétipos, que, segundo Jung (2015), são estruturas universais que compõem o inconsciente coletivo e se expressam por meio de imagens simbólicas presentes em todas as culturas.

Em cada narrativa, identificamos símbolos e imagens que representam conflitos internos, desejos reprimidos, medos primitivos e o processo de amadurecimento emocional. O herói que parte em uma jornada, a floresta escura que precisa ser atravessada, a bruxa que representa a sombra ou o lobo que encarna a ameaça do instinto descontrolado — tudo isso são representações psíquicas de estágios da alma humana. Segundo Jung (2015), essas imagens arquetípicas não são apenas figuras literárias ou folclóricas, mas expressões vivas e atuantes da experiência humana, capazes de ativar processos internos profundos.

Ao analisarmos essas histórias sob a ótica da Psicologia Analítica, percebemos que os elementos recorrentes como o lobo, a floresta escura, o castelo encantado ou a madrasta cruel não são meros artifícios narrativos. Eles simbolizam os desafios psíquicos inevitáveis que todo ser humano enfrenta ao longo da vida — tais como o medo do abandono, o confronto com a própria sombra, os conflitos de identidade e o anseio por pertencimento e superação (Almeida, 2007). A madrasta cruel, por exemplo, pode ser interpretada como a manifestação de um aspecto rejeitado da figura materna; o castelo encantado, como a realização do self após a jornada de integração dos opostos.

Essa perspectiva simbólica nos permite compreender por que essas histórias continuam tão presentes no imaginário coletivo, mesmo em sociedades modernas e tecnologicamente avançadas. Como observa Abramovich (2008), os contos de fadas não se restringem a uma função lúdica ou educativa: eles falam diretamente à alma da criança e do adulto, oferecendo um espaço simbólico de elaboração de conflitos e de reconstrução da subjetividade. Nesse sentido, a literatura infantil atua não apenas como ferramenta pedagógica, mas como instrumento terapêutico.

Albino (2005) também ressalta que a literatura infantil no Brasil tem seguido uma trajetória que acompanha o desenvolvimento emocional e cultural das crianças, reconhecendo a importância de oferecer narrativas que dialoguem com seus medos e desejos. Os contos de fadas, por sua linguagem metafórica, cumprem esse papel com eficácia notável. Eles oferecem à criança — e ao adulto que

permanece em seu interior — a possibilidade de enfrentar o desconhecido de forma segura, mediada pela fantasia.

Jung (2015) argumenta que a fantasia é uma via legítima de acesso às verdades psíquicas mais profundas. Por isso, os contos de fadas podem ser compreendidos como verdadeiros "sonhos coletivos" que espelham os processos de transformação e individuação do ser humano. A jornada do herói, tão presente nessas narrativas, corresponde ao processo de individuação descrito por Jung: um caminho de autoconhecimento, integração da sombra e realização do self.

Nos contos de fadas, cada personagem, objeto e evento simboliza aspectos da psique humana. A princesa aprisionada, por exemplo, pode representar a alma enclausurada por medos e repressões, enquanto o herói que a liberta simboliza a parte da consciência que busca a integração do self. Esses elementos não devem ser vistos apenas como ornamentos da narrativa, mas como manifestações arquetípicas que mobilizam o inconsciente coletivo.

O conceito de arquétipo é central para compreender a dimensão simbólica dos contos de fadas. Segundo Jung, arquétipos são formas primordiais de experiência, presentes desde sempre na estrutura da psique humana. Eles se manifestam em sonhos, mitos, rituais e, evidentemente, nos contos populares. Assim, figuras como o velho sábio, a bruxa, o herói e a donzela não pertencem a um único conto ou cultura, mas são expressões universais do psiquismo humano.

A bruxa, por exemplo, simboliza muitas vezes a sombra, isto é, os aspectos reprimidos e desconhecidos da personalidade. Ao enfrentá-la, o protagonista do conto entra em contato com suas próprias limitações e medos. Não se trata de destruir a bruxa, mas de integrá-la, reconhecendo o valor que reside na escuridão. Esse processo é parte fundamental da individuação, que exige o confronto com o que foi rejeitado ou ignorado pela consciência.

A floresta escura, tão presente nos contos de fadas, é outro símbolo de grande profundidade. Ela representa o inconsciente, o desconhecido, o lugar onde se perde o controle e onde tudo pode acontecer. Entrar na floresta é, portanto, um ato de coragem e de entrega, uma disposição para o mergulho interior. Nesse espaço simbólico, o herói precisa se reinventar, abandonar certezas e enfrentar suas próprias fantasias e terrores.

A travessia da floresta, portanto, é um rito de passagem. Ao sair dela, o herói já não é mais o mesmo. Ele emerge transformado, enriquecido por tudo que enfrentou e aprendeu. Essa transformação simboliza o crescimento emocional e espiritual, a passagem da infância à maturidade, da ignorância à sabedoria.

Jung destaca que o processo de individuação é muitas vezes doloroso, pois envolve abrir mão da ilusão de completude e aceitar a fragmentação interior. Os contos de fadas refletem isso ao

apresentar desafios quase impossíveis, perdas, traições e provacões. Cada obstáculo vencido simboliza um aspecto da psique que foi enfrentado e transformado.

No conto da Bela Adormecida, por exemplo, a longa espera do sono pode ser vista como um período de interiorização, em que a psique se prepara para uma nova fase. O beijo do príncipe é símbolo da consciência que desperta, do amor que integra e desperta o potencial adormecido da alma.

O lobo em Chapeuzinho Vermelho, por sua vez, representa o perigo do instinto descontrolado, mas também a necessidade de reconhecer os aspectos impulsivos da personalidade. O encontro com o lobo é inevitável, pois faz parte da experiência de crescimento. Evitar o lobo é evitar o contato com a sombra, o que impede a individuação.

Os contos de fadas têm, uma função terapêutica. Eles não apenas entretêm, mas oferecem modelos simbólicos para lidar com o sofrimento, a perda e a transformação. Como aponta Almeida (2007), esses contos são mapas simbólicos que ajudam o indivíduo a compreender seus dilemas e a encontrar caminhos de superação.

A madrasta cruel, figura também recorrente, encarna aspectos rejeitados da figura materna, mas também representa a exigência da vida em abandonar a dependência infantil. Ao enfrentá-la, o protagonista assume sua autonomia e entra em contato com sua força interior.

Cada narrativa é uma jornada simbólica que reflete os estágios do desenvolvimento humano. Desde o nascimento até a maturidade, os contos acompanham as crises, desafios e conquistas da alma humana, oferecendo uma linguagem simbólica para processar o que muitas vezes é indizível.

A fantasia, longe de ser escapismo, é uma linguagem da alma. Segundo Jung (2015), é por meio da fantasia que conseguimos dar forma ao que não pode ser expresso racionalmente. Os contos de fadas, ao mobilizarem a imaginação, possibilitam a elaboração simbólica de traumas, medos e esperanças.

Em um mundo cada vez mais racionalizado, os contos de fadas oferecem um espaço de reconexão com o mistério e com o sagrado. Eles resgatam o valor do invisível, do intuitivo e do simbólico, ajudando a equilibrar uma visão de mundo fragmentada e superficial.

Ao contar e ouvir essas histórias, não apenas participamos de uma tradição milenar, mas também nos engajamos em um processo de cura e crescimento interior. Como observa Abramovich (2008), a literatura infantil tem um poder formativo e transformador que vai além da sala de aula.

A linguagem simples e simbólica dos contos permite que eles sejam acessíveis a todos, independentemente da idade. Cada vez que ouvimos ou lemos um conto de fadas, ele pode nos dizer algo novo, pois nossa própria psique está em constante transformação.

A repetição das estruturas narrativas nos contos não é um defeito, mas uma força. Ela cria um espaço seguro para que a mente inconsciente possa projetar e elaborar seus conflitos. Como nos sonhos, os contos trabalham por meio de imagens recorrentes, paradoxos e transformações.

A função do conto de fadas é, assim, profundamente educativa no sentido arquetípico: educar a alma para suas próprias jornadas. Eles não ditam respostas, mas oferecem perguntas, caminhos e possibilidades.

A dimensão coletiva dos contos de fadas também é digna de nota. Por serem expressões do inconsciente coletivo, eles criam uma ponte entre o indivíduo e a cultura, entre o pessoal e o universal. O que é vivido subjetivamente por um, é compartilhado simbolicamente por todos.

Os contos funcionam como um espaço de pertencimento psíquico. Eles nos lembram que não estamos sozinhos em nossas dores e desafios, pois essas experiências fazem parte do drama humano compartilhado desde tempos imemoriais.

A capacidade de provocar emoções intensas também está relacionada à sua eficiência simbólica. O medo, o espanto, a alegria e o alívio sentidos ao ouvir um conto são sinais de que ele está tocando camadas profundas da psique.

A narrativa, quando simbólica, não precisa ser explicada racionalmente para ser compreendida. O inconsciente entende o que está sendo dito e reage, mesmo que a consciência não consiga formular isso em palavras.

Os contos de fadas são essenciais para o desenvolvimento infantil. Eles ajudam a criança a nomear seus medos, a reconhecer seus desejos e a construir uma identidade psíquica integrada.

Na vida adulta, os contos não perdem sua importância. Pelo contrário, podem ser revisitados com um novo olhar, oferecendo insights sobre questões existenciais como o amor, a morte, a solidão e a liberdade.

Como observa Albino (2005), a literatura infantil no Brasil tem assumido um papel cada vez mais relevante na formação subjetiva. Isso se deve, em parte, ao reconhecimento do valor simbólico e psicológico dessas narrativas.

A análise junguiana dos contos de fadas não se limita a uma interpretação psicológica, mas busca compreender a alma humana em sua totalidade. Os contos são expressões dessa alma, revelando seus anseios, seus dilemas e suas potências latentes.

Longe de serem ingênuas ou ultrapassadas, as histórias infantis são poderosos instrumentos de transformação interior. Elas falam diretamente ao coração e à imaginação, alimentando a esperança de que é possível crescer, integrar e florescer.

Através dos contos de fadas, somos convidados a empreender nossa própria jornada do herói, a enfrentar nossos monstros internos, a explorar a floresta escura da alma e, finalmente, a encontrar o castelo interior onde habita o nosso verdadeiro ser.

Ao reconhecer nos contos de fadas elementos simbólicos do inconsciente, como propõe a Psicologia Analítica, compreendemos por que essas histórias permanecem tão atuais e necessárias em diferentes contextos históricos e culturais. Elas não apenas entretêm ou educam, mas funcionam como espelhos psíquicos que refletem os dilemas existenciais, angústias, esperanças e desejos mais profundos do ser humano. Por meio de suas imagens arquetípicas, essas narrativas falam diretamente à alma, ativando conteúdos inconscientes que, muitas vezes, não conseguimos nomear racionalmente, mas que sentimos de forma visceral.

O caráter simbólico dessas histórias permite que cada leitor ou ouvinte projete nelas suas próprias experiências internas. A floresta sombria, por exemplo, pode representar tanto o medo do desconhecido quanto o mergulho necessário no inconsciente para o encontro consigo mesmo. A madrasta cruel pode simbolizar aspectos sombrios da maternidade, ou mesmo a voz interna da autocrítica. O príncipe, por sua vez, pode ser visto como a figura do animus, o arquétipo masculino interior, que conduz à individuação, à integração dos opostos dentro da psique. Essas imagens ganham vida não porque representam personagens exteriores, mas porque corporificam partes de nós que precisam ser reconhecidas, enfrentadas e transformadas.

Como afirma Almeida (2007), “os contos de fadas nos convidam a olhar para dentro de nós mesmos, a reconhecer nossos medos e desejos mais primitivos, e a buscar, com coragem, a transformação”. Essa transformação, no entanto, não é simples nem imediata. Ela requer um processo contínuo de enfrentamento das sombras, elaboração das perdas e redescoberta de sentidos. Os contos não oferecem soluções prontas, mas apresentam caminhos simbólicos que orientam o indivíduo em sua jornada interna. Cada obstáculo vencido pelo protagonista espelha uma possível superação pessoal, cada ajuda mágica representa uma manifestação do self, do centro organizador da psique.

Juliana Balta Ferreira (2025) argumenta que os contos de fadas, ao integrarem arquétipos junguianos como o herói, a sombra e o velho sábio, funcionam como instrumentos terapêuticos poderosos que despertam nos leitores o reconhecimento inconsciente de dilemas pessoais e coletivos, promovendo insights transformadores, embora por vezes reforcem estereótipos antiquados que exigem ressignificação crítica frente às demandas do mundo contemporâneo.

Simone Helen Drumond Ischkanian (2025) destaca que os elementos simbólicos presentes nos contos de fadas — como a floresta escura, os testes de coragem e a figura do vilão — funcionam como metáforas vivas dos conflitos psíquicos humanos, revelando não só a riqueza da psicologia analítica de Jung na compreensão do inconsciente, mas também a necessidade de revisitar essas

narrativas à luz das complexas realidades sociais atuais, especialmente em relação às questões de gênero e poder.

Gladys Nogueira Cabral (2025) afirma que os contos de fadas, quando analisados sob o prisma da Psicologia Analítica, revelam tanto o potencial positivo de guiar o indivíduo na jornada de autoconhecimento e integração dos opostos quanto o risco de cristalizar visões dualistas e maniqueístas da vida, sendo fundamental reinterpretá-los em diálogo com os desafios éticos e emocionais do mundo real.

Silvana Nascimento Carvalho (2025) observa que os arquétipos presentes nas histórias infantis, como a madrasta cruel, o herói solitário ou a donzela passiva, espelham aspectos profundos da psique humana que podem ajudar no processo de individuação e desenvolvimento emocional, mas também carregam implicações negativas quando reproduzidos de forma acrítica, exigindo um olhar atento às implicações culturais e sociais dessas imagens no imaginário coletivo atual.

Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos (2025) analisa que os contos de fadas operam como narrativas simbólicas que permitem o acesso ao inconsciente coletivo, favorecendo o autoconhecimento e a elaboração de conflitos internos, mas adverte que sua leitura literal ou ingênua pode reforçar padrões desatualizados de comportamento e valores que já não dialogam com a diversidade e complexidade do sujeito moderno.

Genilde do Nascimento Alves Monteiro (2025) entende que a presença dos arquétipos junguianos nos contos de fadas representa um recurso pedagógico e terapêutico essencial para trabalhar emoções, limites e potencialidades, sendo uma ferramenta positiva quando bem contextualizada, mas potencialmente problemática se desvinculada das transformações sociais e psicológicas vividas pelas crianças e adultos na contemporaneidade.

José Fernandes Góis (2025) defende que os contos de fadas, ao espelharem arquétipos universais da psique, como o mentor, o trickster e o herói, possibilitam uma leitura simbólica que favorece a formação moral e psicológica do indivíduo, ligando fantasia e realidade de modo eficaz, embora ressalte que esses contos necessitam ser reconfigurados criticamente para refletir os valores plurais e inclusivos exigidos pela sociedade atual.

Os contos de fadas atuam como mapas simbólicos da alma humana. Eles nos mostram que a dor é parte da jornada, mas que a esperança também está presente. Ensinam que o medo pode ser enfrentado, que a perda pode gerar aprendizado e que a transformação é possível — desde que haja disposição para o mergulho interno. Ao escutarmos ou lermos essas histórias, somos convidados a percorrer esse caminho junto aos personagens, ativando em nós a memória arquetípica de que a escuridão pode ser atravessada e que, ao final, há sempre a possibilidade de renascimento.

2.2 O PAPEL DOS MEDOS INFANTIS NAS NARRATIVAS FANTÁSTICAS

Os contos de fadas, como expressão simbólica da psique humana, revelam camadas profundas do inconsciente coletivo, conforme proposto por Carl Gustav Jung em sua teoria dos arquétipos e do inconsciente coletivo. Em cada narrativa, encontramos símbolos poderosos — como o lobo ameaçador, a floresta escura, o castelo encantado e a madrasta cruel — que não apenas enriquecem a trama, mas traduzem conflitos internos, medos primitivos e desejos reprimidos do ser humano. Esses elementos, segundo Jung, não são meramente criações imaginativas, mas expressões universais da experiência humana, presentes em todas as culturas e épocas (Jung, 2015). Dessa forma, os contos de fadas transcendem o entretenimento e tornam-se manifestações vivas do inconsciente coletivo, fornecendo aos indivíduos uma linguagem simbólica para compreender seu próprio mundo interno.

Bruno Bettelheim (2019), em sua análise clássica da função terapêutica dos contos de fadas, reforça que essas narrativas ajudam as crianças a enfrentarem seus medos inconscientes, proporcionando alívio emocional e estrutura psíquica. Ao projetarem suas angústias nos personagens e situações da história, os pequenos encontram um espelho seguro de suas próprias emoções, favorecendo o desenvolvimento da personalidade. Essa função simbólica é essencial, especialmente durante a infância, fase marcada pela formação do ego e pela elaboração de sentimentos intensos. Não por acaso, os arquétipos presentes nesses contos dialogam diretamente com os estágios da individuação descritos por Jung, nos quais o sujeito percorre uma jornada de integração de sua sombra e de realização do self.

A floresta escura, por exemplo, tão recorrente nas histórias infantis, representa o desconhecido, o caos e os dilemas existenciais que todos enfrentamos em determinados momentos da vida. Já o lobo simboliza a ameaça instintiva, a força predatória e os perigos do mundo externo — e também do interno. Ao entrar em contato com esses símbolos, o indivíduo é convidado a confrontar seus próprios medos e, ao superá-los simbolicamente, amadurecer emocionalmente. É o que Bettelheim (2019) denomina como a "função psíquica do conto": permitir que o leitor, especialmente a criança, transforme suas ansiedades inconscientes em imagens compreensíveis e superáveis.

A madrasta cruel, outro arquétipo comum, expressa a ambivalência da figura materna — tanto amorosa quanto opressora — e permite à criança lidar com sentimentos de raiva ou rejeição de forma indireta. Tal representação é importante, pois ajuda na elaboração de conflitos familiares sem culpa consciente. O conto opera como um campo simbólico de experimentação emocional, um espaço seguro onde sentimentos difíceis podem ser vivenciados e transformados. A esse respeito, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV, APA, 1994) reconhece a

importância do imaginário simbólico na elaboração psíquica de traumas e conflitos durante o desenvolvimento infantil.

Os contos de fadas, ao longo das gerações, têm cumprido uma função psicológica essencial ao oferecerem modelos de superação que dialogam com as experiências internas do indivíduo em formação. A estrutura simbólica dessas histórias geralmente se desenvolve a partir da jornada de um protagonista aparentemente frágil, indefeso ou desvalorizado, que é lançado a uma série de provações e precisa encontrar dentro de si recursos até então desconhecidos. Essa trajetória, que espelha o arquétipo da jornada do herói, revela-se como um poderoso impulso para o fortalecimento do ego, pois mostra que a verdadeira força não está na aparência, na origem social ou na autoridade externa, mas sim na capacidade interna de enfrentar e integrar as adversidades. A travessia simbólica do herói — do conhecido ao desconhecido, do medo ao enfrentamento, da solidão à realização — oferece, assim, um espelho transformador para o leitor, que se reconhece em suas inseguranças e também em seu potencial latente de superação.

A figura da heroína, muitas vezes subestimada na tradição literária clássica, ganha destaque nos contos de fadas ao protagonizar jornadas de grande profundidade emocional e espiritual. Personagens como a Bela, retratada por Beaumont (2021), personificam a coragem silenciosa, a capacidade de amar o diferente e o poder de transformação por meio da compaixão. Ao aceitar conviver com a fera, Bela rompe com os julgamentos superficiais e enfrenta o desconhecido com empatia e firmeza. Essa narrativa é mais do que uma história romântica: é uma metáfora para a aceitação das sombras internas, das partes assustadoras ou não reconhecidas de nós mesmos e dos outros. A fera, nesse sentido, representa o que é rejeitado pela consciência — o inconsciente sombrio — e a Bela representa o ego em processo de individuação, pronto para integrar os opostos psíquicos. Ao final da história, a transformação da fera em príncipe não é apenas um final feliz, mas um símbolo da reintegração do ser e do amadurecimento psíquico.

Ao oferecerem esses modelos simbólicos, os contos de fadas favorecem o desenvolvimento de virtudes fundamentais para a vida em sociedade, como a resiliência, a coragem, a empatia e a capacidade de lidar com o sofrimento. Em um mundo marcado por desafios emocionais cada vez mais complexos, especialmente na infância e adolescência, essas narrativas continuam sendo fontes inesgotáveis de inspiração e fortalecimento interno. Quando uma criança ou um jovem se identifica com o herói que supera perdas, abandona o conforto do lar e enfrenta criaturas ameaçadoras, ela inconscientemente internaliza que é possível também, na vida real, enfrentar os próprios medos, sobreviver ao abandono, lidar com frustrações e encontrar significado nas experiências difíceis. Esse aprendizado simbólico é essencial para a saúde emocional, pois oferece à psique ferramentas

metafóricas para elaborar conflitos internos, sem a necessidade imediata de enfrentá-los diretamente no plano concreto.

Do ponto de vista terapêutico, psicólogos como Jung e seguidores como Marie-Louise von Franz ressaltam que essas narrativas arquetípicas ativam conteúdos profundos do inconsciente, promovendo uma reorganização simbólica da personalidade. Quando o ego da criança ainda está em formação, ele é especialmente sensível a imagens simbólicas que representem transformação, redenção e superação. A vivência emocional de um conto de fadas, mesmo que apenas na escuta ou leitura, pode gerar efeitos duradouros na estruturação do eu, servindo como uma preparação imaginativa para os desafios reais da vida adulta. Nesse contexto, os contos não ensinam por meio de regras ou moralismos explícitos, mas sim por meio da vivência simbólica e emocional, que desperta no leitor a esperança de que, apesar das dificuldades, há sempre uma possibilidade de transformação.

Ao proporem a vitória do bem sobre o mal, da coragem sobre o medo e do amor sobre o ódio, os contos de fadas oferecem uma visão esperançosa da existência, essencial para o fortalecimento da psique em tempos de crise. Ainda que apresentem elementos sombrios, como florestas perigosas, madrastas cruéis ou lobos devoradores, essas narrativas não terminam no desespero. Ao contrário, elas demonstram que o sofrimento pode ser enfrentado e que o herói ou a heroína — representando cada um de nós — possui dentro de si a capacidade de atravessar o caos e sair transformado. Essa visão positiva e transformadora não é uma fuga da realidade, mas sim um convite à ressignificação da dor, à construção de sentido e à busca constante pela completude do ser.

Os contos de fadas permanecem essenciais não apenas na formação cultural e literária das crianças, mas também como fontes valiosas para o fortalecimento emocional e a educação da sensibilidade. Através da identificação com os personagens que enfrentam e vencem suas próprias limitações, o leitor — criança ou adulto — encontra coragem para seguir em sua própria jornada, enfrentando os "dragões" internos e externos com mais consciência e confiança. Essa função simbólica e educativa é o que torna os contos de fadas tão necessários e atemporais, reafirmando seu lugar privilegiado na construção do imaginário, da identidade e da saúde psíquica.

Do ponto de vista social e cultural, os contos de fadas precisam ser analisados criticamente. Embora carreguem simbolismos ricos, muitos deles também reproduzem estereótipos de gênero, raça e classe que não condizem com os valores contemporâneos. A madrasta vilã, a princesa passiva, o príncipe salvador, entre outros, são imagens que, se tomadas ao pé da letra, podem limitar o imaginário e consolidar visões conservadoras do papel da mulher, da autoridade e do afeto. É preciso, portanto, reinterpretar essas histórias, como propõe a leitura analítica junguiana, trazendo à tona seus sentidos mais profundos e transformadores.

No contexto do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), que assegura o direito à proteção emocional, ao desenvolvimento saudável e ao respeito à dignidade, é fundamental reconhecer o papel educativo e psicológico dos contos de fadas. Eles não apenas ensinam lições morais, mas contribuem para o amadurecimento emocional e social da criança. Contudo, sua leitura deve ser orientada, reflexiva e crítica, para que não reforcem estruturas de opressão, mas sirvam como ferramentas de libertação psíquica.

Juliana Balta Ferreira (2025) evidencia que **a**o analisar as narrativas fantásticas sob a ótica da psicodinâmica infantil, Juliana Balta Ferreira argumenta que os medos vivenciados pelas crianças — como o abandono, o castigo e o desconhecido — são elaborados simbolicamente nas histórias de fantasia, permitindo uma sublimação saudável das angústias psíquicas, ainda que, em alguns casos, a repetição excessiva de elementos ameaçadores possa intensificar fobias ou ansiedades mal resolvidas quando não há mediação adequada entre a fantasia e a realidade.

Simone Helen Drumond Ischkanian (2025) ressalta que os medos infantis representados em contos e fábulas não apenas espelham conflitos internos universais, mas também possibilitam à criança elaborar, por meio da imaginação e da metáfora, situações de insegurança emocional ou traumas familiares, embora alerte para o risco de certas leituras reforçarem estereótipos negativos, como o da madrasta malvada ou do castigo divino, que podem comprometer o desenvolvimento da empatia e da compreensão crítica do mundo.

Gladys Nogueira Cabral (2025) os medos infantis inseridos nas narrativas fantásticas operam como dispositivos estruturantes da psique em formação, pois ao enfrentar, simbolicamente, monstros, bruxas e florestas sombrias, a criança é encorajada a construir recursos internos de superação e autonomia, ainda que seja necessário cuidado para que tais símbolos não sejam tomados literalmente, o que poderia gerar confusão entre realidade e ficção em crianças muito pequenas.

Silvana Nascimento Carvalho (2025) enfatiza que os medos retratados nos contos de fadas refletem experiências humanas arquetípicas, funcionando como metáforas de processos emocionais reais — como o medo da rejeição, da solidão ou da morte — e que, ao serem vividos no plano simbólico, tornam-se menos ameaçadores e mais compreensíveis, embora ela reconheça que o excesso de dramatização ou violência gráfica possa causar reações de retraimento ou insensibilização emocional, especialmente em contextos socioculturais vulneráveis.

Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos (2025) defende que o contato com medos simbólicos por meio da literatura fantástica é essencial para o desenvolvimento da resiliência emocional na infância, uma vez que permite à criança nomear e enfrentar sentimentos de angústia e impotência, promovendo a construção do senso de identidade; no entanto, ela destaca a importância da mediação pedagógica e afetiva para evitar interpretações literalistas que podem gerar sofrimento psíquico.

Genilde do Nascimento Alves Monteiro (2025) os medos infantis nas narrativas fantásticas cumprem uma função educativa e terapêutica, ao colocarem a criança em contato com situações simbólicas de perigo e superação, incentivando a confiança em si mesma e o enfrentamento da realidade com coragem, embora ela critique a falta de diversidade cultural em muitas dessas histórias, o que limita a identificação de crianças que não se veem representadas nos personagens e nos enredos.

José Fernandes Góis (2025) argumenta que os medos retratados em narrativas fantásticas são recursos narrativos de altíssimo valor psicológico, pois propiciam o confronto simbólico com a sombra e com os conteúdos inconscientes reprimidos, promovendo a integração da personalidade e o fortalecimento do ego infantil, mas alerta que a ausência de interpretação simbólica por parte de educadores e cuidadores pode transformar o medo em trauma, em vez de em aprendizado.

Os contos de fadas permanecem necessários e atuais porque continuam refletindo nossas angústias mais íntimas, nossos anseios mais profundos e nossos percursos de transformação. Como sugere a Psicologia Analítica, eles funcionam como "sonhos coletivos" (Jung, 2015), atravessando séculos e culturas, e oferecendo imagens simbólicas que nos ajudam a nomear o que ainda não compreendemos, a enfrentar o que ainda não superamos e a vislumbrar quem podemos nos tornar.

2.3 DESEJOS REPRIMIDOS E O SIMBOLISMO NOS CONTOS

Os contos de fadas têm sido objeto de análise profunda por parte da psicanálise e da psicologia, especialmente no que tange ao simbolismo e à manifestação de desejos reprimidos nas narrativas. Segundo Bettelheim (2019), os contos de fadas funcionam como uma espécie de espelho simbólico da psique humana, revelando, por meio de metáforas e arquétipos, conflitos internos e anseios que muitas vezes são ocultados no consciente. Dessa forma, esses relatos não apenas entretêm, mas também atuam como ferramentas de expressão e elaboração de sentimentos reprimidos que emergem de modo velado.

A repressão dos desejos, conceito fundamental na teoria psicanalítica, especialmente na obra de Freud, encontra uma representação emblemática nos contos. Muitas vezes, os personagens enfrentam dilemas, sofrimentos e obstáculos que simbolizam as batalhas internas do ego contra impulsos inconscientes. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Psiquiátrica Americana (1994) destaca que a repressão é um mecanismo central de defesa utilizado pelo ego para manter pensamentos e desejos inaceitáveis fora da consciência. Nos contos, essa dinâmica pode ser percebida no simbolismo da escuridão, do aprisionamento e das transformações mágicas.

A simbologia presente em narrativas como “A Bela e a Fera” de Madame Leprince de Beaumont (Beaumont, 2021) é rica em representações de desejos reprimidos, especialmente aqueles relacionados ao amor, à sexualidade e à aceitação do outro. A fera representa a parte selvagem e instintiva que deve ser reconhecida e integrada para que o equilíbrio psíquico seja restabelecido. Essa narrativa, assim como outras, permite que crianças e adultos interpretem conflitos internos complexos por meio de imagens simbólicas, facilitando a expressão do inconsciente.

Coelho (2009) enfatiza que os contos de fadas são formados por símbolos, mitos e arquétipos que têm origem na experiência coletiva da humanidade. Os símbolos, enquanto linguagem do inconsciente, expressam conteúdos reprimidos de forma indireta, funcionando como um canal para que desejos e medos ocultos possam ser representados e compreendidos. Assim, o conto, longe de ser uma simples história infantil, serve como uma mediação entre o consciente e o inconsciente, promovendo uma espécie de catarse psicológica.

Na psicanálise dos contos de fadas, conforme Bettelheim (2019), o processo de amadurecimento psíquico é simbolicamente narrado por meio dos desafios enfrentados pelos personagens. Esses desafios podem ser vistos como representações dos desejos reprimidos que precisam ser reconhecidos e integrados para o desenvolvimento saudável do ego. A narrativa proporciona uma via simbólica para que esses desejos ocultos possam ser vivenciados de forma segura e controlada, evitando rupturas psíquicas.

Corroborando essa perspectiva, Corso e Corso (2006) discutem como a psicanálise aplicada às histórias infantis revela que os conflitos internos da criança, muitas vezes relacionados a desejos proibidos, são sublimados por meio do simbolismo dos contos. O enfrentamento dos medos, a superação de monstros e a conquista do herói são representações metafóricas de lutas internas, especialmente contra a ansiedade, a culpa e o desejo reprimido.

A repressão dos desejos em contextos familiares e sociais é tema também abordado por Carranza e Pedrão (2005), que investigam a satisfação pessoal de adolescentes em tratamento por uso de drogas. Eles destacam que o ambiente familiar muitas vezes contribui para o bloqueio da expressão emocional e dos desejos legítimos, o que pode levar a comportamentos compensatórios e a problemas de saúde mental. Essa dinâmica, quando analisada sob a luz do simbolismo dos contos, pode ser interpretada como a manifestação de conflitos não elaborados que os contos, de forma simbólica, ajudam a trazer à tona.

No âmbito da literatura infantil, os contos de fadas ganham uma dimensão educativa e terapêutica, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), que enfatiza a importância da literatura para o desenvolvimento integral da criança. Os contos, ao permitirem a externalização simbólica dos desejos reprimidos, favorecem o processo de autoconhecimento e a

construção da identidade, funcionando como instrumentos de mediação entre a criança e seus conflitos internos.

Grimm e Grimm (2014) são pioneiros na coleta e publicação dos contos que até hoje permeiam a cultura ocidental. Suas histórias frequentemente trazem elementos que simbolizam desejos e medos ancestrais, o que evidencia a função psicodinâmica desses relatos. A transformação da personagem, a superação do perigo e a resolução final feliz são metáforas para a liberação e elaboração dos desejos reprimidos, que encontram nas imagens dos contos um canal seguro para serem processados.

Ao analisar o simbolismo dos contos, é fundamental destacar a presença de arquétipos que representam padrões universais da experiência humana. Jung, embora não citado diretamente aqui, influenciou muito essa visão, e Coelho (2009) ressalta que esses arquétipos são elementos centrais que permitem o reconhecimento dos desejos inconscientes por meio das imagens simbólicas presentes nas narrativas. A jornada do herói, o confronto com o dragão e o encontro com a figura materna são exemplos dessa linguagem arquetípica.

Bettelheim (2019) ainda argumenta que os contos de fadas, por meio do simbolismo, criam um espaço seguro para que a criança explore desejos reprimidos, como a autonomia, a independência e a sexualidade, sem o risco de julgamento ou punição. Dessa forma, os contos funcionam como uma válvula de escape para tensões emocionais, contribuindo para o equilíbrio psíquico e o desenvolvimento emocional.

A repressão não está presente apenas na infância. O simbolismo dos contos reflete também conflitos adultos que permanecem latentes. Corso e Corso (2006) destacam que a análise psicanalítica das histórias infantis pode revelar traumas e desejos reprimidos que continuam a influenciar o comportamento e as emoções na vida adulta, mostrando a profundidade e a abrangência desse campo de estudo.

Segundo Coelho (2009), a linguagem dos contos de fadas atua nesse limiar, possibilitando que conteúdos reprimidos sejam externalizados e assimilados pelo ego, contribuindo para a resolução de conflitos internos e o fortalecimento da personalidade.

A relação entre repressão, simbolismo e saúde mental é enfatizada no estudo de Carranza e Pedrão (2005), que mostram como a expressão reprimida de desejos e emoções pode estar associada a transtornos psiquiátricos. O enfrentamento simbólico desses desejos por meio dos contos pode funcionar como estratégia terapêutica para promover a autoexpressão e a reorganização psíquica.

O simbolismo dos contos pode servir para a identificação e a empatia, aspectos fundamentais para a compreensão de si mesmo e do outro. Ao reconhecer elementos simbólicos que

representam seus desejos reprimidos, o leitor ou ouvinte encontra nas histórias um espelho que valida suas emoções, reduzindo sentimentos de isolamento e culpa (Bettelheim, 2019).

No contexto cultural, os contos refletem valores, tabus e normas que influenciam quais desejos são reprimidos e como isso se manifesta simbolicamente. Grimm e Grimm (2014) registraram versões diversas de contos que revelam essa variação cultural, mostrando que o simbolismo está intrinsecamente ligado ao contexto social e histórico.

O simbolismo dos contos, não é estático; ele evolui conforme as transformações culturais, sociais e psicológicas da humanidade. Segundo Coelho (2009), a reinterpretarão dos símbolos é uma tarefa constante, que permite a cada geração compreender e elaborar seus desejos reprimidos à luz de suas experiências particulares.

Bettelheim (2019) ainda ressalta que o poder dos contos de fadas reside na sua capacidade de falar diretamente ao inconsciente, usando símbolos que resistem ao tempo e à censura do ego consciente. Essa qualidade faz com que os contos sejam veículos privilegiados para o processamento dos desejos reprimidos.

Ao abordar o conceito de desejo reprimido, o DSM IV (APA, 1994) fornece um referencial para entender como esses desejos podem se manifestar em transtornos mentais, quando não elaborados adequadamente. O simbolismo dos contos oferece uma ponte para a expressão desses desejos de forma menos patológica, promovendo a integração psíquica.

Juliana Balta Ferreira (2025) argumenta que os contos de fadas, ao expressarem desejos reprimidos por meio de um simbolismo rico e multifacetado, oferecem uma oportunidade valiosa para o autoconhecimento e a elaboração emocional, porém também podem perpetuar estereótipos culturais negativos que reforçam tabus sociais, mostrando assim a dualidade entre sua função terapêutica e seus limites na representação do mundo real.

Simone Helen Drumond Ischkanian (2025) enfatiza que o simbolismo presente nos contos de fadas funciona como uma linguagem universal que possibilita a externalização de conflitos psíquicos reprimidos, promovendo processos de cura e amadurecimento, ainda que o uso desses símbolos possa, em algumas circunstâncias, reforçar medos e ansiedades internalizados, refletindo as tensões do contexto social e cultural contemporâneo.

Gladys Nogueira Cabral (2025) destaca que os desejos reprimidos representados nos contos atuam como uma válvula de escape simbólica que favorece a ressignificação de traumas e conflitos pessoais, contribuindo positivamente para o equilíbrio psicológico, mas alerta que a repetição de certos padrões simbólicos pode limitar a criatividade e a diversidade interpretativa, espelhando, assim, limitações do mundo real em lidar com a pluralidade de experiências humanas.

Silvana Nascimento Carvalho (2025) ressalta que o simbolismo dos contos permite a elaboração dos desejos reprimidos de maneira segura e acessível, facilitando o desenvolvimento emocional e social, contudo, reconhece que a ambiguidade desses símbolos pode gerar interpretações divergentes que dificultam a universalização dos seus benefícios, refletindo as complexas e por vezes contraditórias relações entre o indivíduo e a sociedade.

Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos (2025) observa que os contos de fadas, ao representarem desejos reprimidos por meio de narrativas simbólicas, desempenham um papel fundamental no fortalecimento da identidade e na superação de conflitos internos, entretanto, ressalta que a carga simbólica pode também revelar os preconceitos e limitações culturais, mostrando como essas narrativas dialogam com as contradições e desafios do mundo real.

Genilde do Nascimento Alves Monteiro (2025) defende que o uso do simbolismo nos contos para expressar desejos reprimidos promove um espaço de reflexão crítica que permite a integração de aspectos ocultos da psique, facilitando processos de transformação pessoal, embora reconheça que, quando mal interpretados, esses símbolos podem reforçar inseguranças e conflitos não resolvidos, evidenciando as tensões entre o universo interno e as demandas externas da realidade social.

José Fernandes Góis (2025) propõe que a presença dos desejos reprimidos simbolizados nos contos constitui um recurso importante para a compreensão das dinâmicas inconscientes e o enfrentamento de conflitos emocionais, valorizando seus efeitos positivos no desenvolvimento humano, mas alerta para os riscos de uma leitura literalista que pode desconsiderar a complexidade do contexto social, limitando a aplicação desses ensinamentos ao mundo real contemporâneo.

No campo da psicoterapia infantil, a utilização dos contos como recurso terapêutico é fundamentada na ideia de que o simbolismo pode desbloquear conteúdos reprimidos, facilitando a comunicação entre terapeuta e paciente (Corso & Corso, 2006). A narrativa simbólica permite que a criança expresse desejos e conflitos que não conseguiriam verbalizar diretamente.

O uso dos contos também se estende para a terapia de adultos, que podem acessar seus desejos reprimidos e conflitos por meio da interpretação simbólica das histórias infantis, resgatando elementos esquecidos ou negados na infância (Bettelheim, 2019).

No âmbito familiar, o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990) destaca a importância de um ambiente que favoreça a expressão emocional saudável. Os contos, ao simbolizarem desejos reprimidos, podem atuar como instrumentos para que pais e educadores compreendam melhor os conflitos internos das crianças e adolescentes, promovendo um ambiente de acolhimento.

Grimm e Grimm (2014) oferecem uma rica fonte de material simbólico que pode ser explorado para entender como os desejos reprimidos se manifestam em diferentes contextos culturais

e históricos. O confronto com o desconhecido, a transformação e a redenção são temas recorrentes que simbolizam o processo de elaboração dos desejos.

O trabalho de Beaumont (2021) reforça essa dimensão, ao analisar como "A Bela e a Fera" expressa simbolicamente a integração do desejo reprimido com o amor e a aceitação, elementos fundamentais para a saúde psíquica e emocional.

Carranza e Pedrão (2005) indicam que o reconhecimento dos desejos reprimidos e sua expressão adequada são fatores essenciais para a recuperação em processos de tratamento em saúde mental, destacando a importância de abordagens que incluam a dimensão simbólica.

Coelho (2009) lembra que os contos, ao explorarem o imaginário coletivo, atuam como mediadores entre a cultura e o indivíduo, permitindo que desejos reprimidos sejam contextualizados e compreendidos dentro de uma rede simbólica compartilhada.

Os contos de fadas revelam-se ferramentas poderosas para a compreensão e elaboração dos desejos reprimidos, utilizando o simbolismo como linguagem que transcende a barreira da consciência e permite a integração psíquica. A análise psicanalítica desses relatos, aliada ao entendimento dos mecanismos de defesa descritos no DSM IV (APA, 1994), oferece um panorama rico para o estudo da mente humana.

É fundamental reconhecer que a relação entre desejos reprimidos e simbolismo nos contos é um campo multidisciplinar que envolve psicologia, literatura, antropologia e educação, ampliando as possibilidades de intervenção terapêutica e pedagógica. O conhecimento aprofundado dessas conexões contribui para a promoção da saúde mental e do desenvolvimento humano integral.

2.4 A FUNÇÃO TERAPÊUTICA DA FANTASIA NO DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO

A fantasia, enquanto fenômeno psíquico, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento psicológico do indivíduo, funcionando como uma ponte simbólica entre o consciente e o inconsciente, e possibilitando a expressão e elaboração de conteúdos internos complexos. Pieri (2002), em seu *Dicionário Junguiano*, destaca que a fantasia não é simplesmente uma fuga da realidade, mas sim um espaço criativo onde o indivíduo pode explorar símbolos, arquétipos e imagens que promovem a integração da psique. Essa perspectiva junguiana realça a importância da fantasia como instrumento terapêutico, pois ela permite que conteúdos reprimidos e fragmentados possam ser vivenciados e transformados.

Jean Piaget (1995), por sua vez, traz uma abordagem que integra a fantasia ao desenvolvimento cognitivo e emocional da criança, ressaltando que o jogo simbólico e a imaginação são essenciais para a construção do conhecimento e da autonomia psíquica. Para Piaget, a fantasia

não apenas auxilia na elaboração das experiências vividas, mas também permite que o sujeito crie cenários onde conflitos internos podem ser experimentados e resolvidos de forma segura, facilitando a maturação psicológica.

A visão de Jung, apresentada por Silveira (1981), amplia a compreensão sobre a função da fantasia, relacionando-a à manifestação dos arquétipos e à dinâmica da individuação. Jung via a fantasia como um mecanismo pelo qual o inconsciente se expressa, trazendo à tona símbolos que orientam o indivíduo no processo de autoconhecimento e integração dos opostos internos. Nesse sentido, a fantasia assume um papel terapêutico profundo, pois atua como uma linguagem simbólica que pode ser interpretada para promover a cura e o equilíbrio psíquico.

Marie-Louise von Franz, discípula de Jung, é uma das vozes mais importantes no estudo da fantasia e seu papel nos contos de fada, que ela analisa como representações simbólicas dos processos inconscientes. Em *A sombra e os males nos contos de fada* (1985), von Franz demonstra como a fantasia pode revelar aspectos sombrios da psique, os chamados conteúdos da sombra, que precisam ser reconhecidos e integrados para evitar doenças mentais e promover o crescimento psicológico. A fantasia se torna um meio de confrontar o lado oculto do eu, permitindo a transformação e a elaboração de conflitos internos.

Em *A interpretação dos contos de fadas* (1990), von Franz destaca a função reparadora da fantasia que atua nos contos, onde os símbolos ajudam o indivíduo a enfrentar crises, medos e ansiedades, propondo soluções arquetípicas que ressoam com as necessidades da psique em diferentes estágios da vida. Essa função terapêutica da fantasia é fundamental para o desenvolvimento saudável, pois possibilita o processamento emocional e o fortalecimento da identidade.

Stein (2006), em sua obra *Jung: o mapa da alma*, complementa essas perspectivas ao afirmar que a fantasia é um mapa interno que ajuda o indivíduo a navegar pelo vasto território do inconsciente. Segundo Stein, a fantasia oferece ao sujeito uma representação simbólica dos conflitos, desejos e traumas, permitindo a sua elaboração consciente e a integração dos conteúdos reprimidos, o que resulta em maior equilíbrio emocional e psicológico.

No desenvolvimento infantil, a fantasia desempenha um papel ainda mais vital, pois é por meio dela que a criança explora o mundo, experimenta papéis sociais e elabora emoções complexas. Piaget (1995) enfatiza que o jogo simbólico é uma forma de fantasia que permite à criança simular situações e experimentar soluções para problemas, construindo assim suas capacidades cognitivas e emocionais.

Pieri (2002) ressalta que a fantasia, ao promover o contato com símbolos arquetípicos, facilita a comunicação entre as várias partes da psique, especialmente na infância, quando a

linguagem verbal ainda está em desenvolvimento. Esse contato simbólico favorece o equilíbrio psíquico e o amadurecimento emocional, funcionando como um mecanismo protetor contra a fragmentação e o sofrimento psicológico.

A fantasia também pode ser fonte de angústia e confusão quando não é adequadamente mediada. Silveira (1981) alerta para o risco de a fantasia assumir contornos patológicos, especialmente quando o indivíduo perde a capacidade de distinguir entre realidade e imaginação, o que pode levar a sintomas psicóticos ou dissociativos. A função terapêutica da fantasia depende de um equilíbrio entre liberdade criativa e ancoragem na realidade.

Von Franz (1985) complementa essa visão ao destacar que a sombra projetada na fantasia deve ser reconhecida e integrada para evitar que seus conteúdos se manifestem de maneira destrutiva. Os contos de fada, ao simbolizarem esses conteúdos sombrios, auxiliam na elaboração e transformação dessas partes reprimidas, mostrando a eficácia da fantasia na terapia analítica.

A fantasia, portanto, não é apenas uma atividade lúdica, mas um processo psicológico complexo que auxilia no desenvolvimento da personalidade, na resolução de conflitos internos e no fortalecimento da capacidade de adaptação ao mundo externo. Stein (2006) reforça que essa função terapêutica da fantasia está relacionada à sua capacidade de conectar o consciente e o inconsciente, promovendo a individuação.

No campo da psicoterapia, o uso consciente da fantasia pode facilitar a expressão de conteúdos difíceis de acessar verbalmente. Pieri (2002) destaca que a análise das fantasias, sonhos e símbolos permite ao terapeuta compreender o estado emocional do paciente e guiá-lo na integração dos conflitos internos, favorecendo a cura e o crescimento pessoal.

Ao mesmo tempo, a fantasia pode funcionar como um mecanismo de defesa contra ansiedades e sofrimentos, mascarando temporariamente o enfrentamento direto da realidade, como alerta Piaget (1995). No entanto, quando usada de forma saudável, ela atua como um recurso para a elaboração progressiva dos conflitos e para o desenvolvimento da resiliência.

Silveira (1981) argumenta que a função da fantasia na psique é particularmente significativa durante momentos de crise, quando o indivíduo necessita de novas formas simbólicas para entender e superar suas dificuldades, e os conteúdos fantásticos surgem como catalisadores de transformação.

Von Franz (1990) também salienta que o retorno aos contos de fada e às imagens simbólicas durante a terapia pode revitalizar a capacidade do paciente de lidar com seus conflitos, atuando como uma espécie de roteiro arquetípico para a superação de desafios internos.

A fantasia, em sua relação com o mundo real, estabelece um diálogo entre o subjetivo e o objetivo, permitindo que a psique organize suas experiências de maneira coerente e significativa.

Stein (2006) destaca que essa função mediadora é essencial para o desenvolvimento da consciência e para a construção da identidade pessoal.

Pieri (2002) reforça que o acesso à fantasia possibilita o contato com o Self, o centro regulador da psique segundo Jung, que integra os diversos aspectos da personalidade, promovendo a harmonia interna.

É importante reconhecer que a função terapêutica da fantasia transcende a infância e acompanha o indivíduo ao longo da vida, sendo um recurso vital para o enfrentamento das transformações e crises da existência humana, conforme enfatiza Piaget (1995).

No contexto cultural, a fantasia está presente em mitos, contos e rituais que refletem os dilemas coletivos e individuais, servindo como veículos simbólicos que promovem a coesão social e o equilíbrio psíquico, como observa von Franz (1985).

Ao investigar os contos de fada, Pieri (2002) ressalta que esses relatos oferecem uma linguagem simbólica que dialoga diretamente com os processos inconscientes, funcionando como ferramentas terapêuticas que favorecem a individuação e o desenvolvimento psicológico.

Silveira (1981) destaca que a fantasia é um processo dinâmico que pode tanto preservar quanto transformar a psique, dependendo da forma como é integrada na consciência.

A fantasia pode contribuir para o fortalecimento da criatividade, da imaginação e da capacidade de simbolização, habilidades fundamentais para a adaptação e o crescimento pessoal, conforme apontado por Piaget (1995).

Von Franz (1990) explica que o trabalho com a fantasia, especialmente por meio da interpretação dos contos de fada, pode revelar os padrões inconscientes que moldam o comportamento e as emoções, facilitando a tomada de consciência e a mudança.

Stein (2006) ressalta que a fantasia como função terapêutica também promove a reconciliação dos opostos internos, auxiliando no processo de individuação, o que resulta em maior equilíbrio e saúde mental.

É fundamental compreender que a fantasia, ao atuar como intermediária entre o consciente e o inconsciente, promove a transformação psíquica e o desenvolvimento psicológico ao permitir que os desejos, medos e conflitos sejam elaborados em uma linguagem simbólica acessível, conforme demonstrado por todos esses autores que fundamentam o entendimento da psicologia analítica.

2.5 A JORNADA DO HERÓI E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

A Jornada do Herói, conceito amplamente difundido por Joseph Campbell, reflete um arquétipo universal presente em mitos, contos e narrativas que percorrem a trajetória do indivíduo em busca de sua identidade plena. Essa narrativa pode ser entendida como um paralelo simbólico ao

processo de individuação descrito por Carl Gustav Jung, que se refere ao desenvolvimento psicológico pelo qual o indivíduo integra aspectos conscientes e inconscientes da psique, alcançando a totalidade do Self (Jung, 2013). A conexão entre a Jornada do Herói e a individuação revela-se fundamental para compreendermos a função transformadora das narrativas na formação da identidade e no amadurecimento psíquico.

Abramovich (2008) destaca que a literatura infantil, incluindo os contos de fada, funciona como um veículo privilegiado para a transmissão desses arquétipos, especialmente porque dialoga diretamente com o imaginário infantil, que está em constante processo de construção e reconstrução da realidade interna. Segundo a autora, a fantasia nas histórias de infância oferece um espaço seguro para que a criança explore conflitos, medos e desejos, vivenciando simbolicamente as etapas da Jornada do Herói e os desafios da individuação.

Albino (2025) complementa essa visão ao discutir a evolução da literatura infantil no Brasil, ressaltando que a inserção de narrativas que abordam a superação de obstáculos e a busca pela identidade pode favorecer o desenvolvimento emocional e ético da criança. A autora defende que, quando adequadamente contextualizadas, essas histórias auxiliam os jovens leitores a se reconhecerem em seus processos internos, promovendo a autodescoberta e a resiliência.

O trabalho de Almeida (2007) aprofunda a relação entre os contos de fada e a psicologia junguiana, ressaltando que esses relatos tradicionais são manifestações simbólicas dos arquétipos do inconsciente coletivo. Para Almeida, os contos refletem a Jornada do Herói como um processo de individuação, em que o protagonista enfrenta a sombra, integra opostos internos e alcança a transcendência psíquica. Essa dinâmica favorece a compreensão do próprio eu e a construção da identidade autêntica.

O simbolismo presente nos contos de fada, conforme Coelho (2009), manifesta os dilemas existenciais humanos, especialmente os relacionados à luta entre luz e sombra, vida e morte, consciente e inconsciente. A Jornada do Herói, nesse contexto, apresenta um roteiro simbólico que espelha o processo de individuação, onde o enfrentamento dos desafios internos resulta no fortalecimento do Self e na realização da totalidade psíquica.

Bettelheim (2019) reforça essa perspectiva ao mostrar que os contos de fada são essenciais para que crianças e adultos processem conflitos emocionais e desejos reprimidos de maneira simbólica. Segundo Bettelheim, a Jornada do Herói serve como um modelo para a superação de adversidades e a conquista do equilíbrio psíquico, possibilitando o desenvolvimento de autonomia e confiança.

A análise junguiana do arquétipo do herói, discutida por Jung (2007; 2012), aponta que a Jornada do Herói é uma representação do ego em sua busca pelo Self, enfrentando as provas

necessárias para a integração dos conteúdos inconscientes. Jung enfatiza que o processo de individuação é inseparável da experiência do herói, que deve confrontar suas próprias sombras para alcançar a plenitude.

Silveira (1981) destaca que a obra de Jung elucidou o papel da mitologia e dos contos de fada na psique humana, mostrando como essas narrativas oferecem símbolos que facilitam a individuação. O autor argumenta que a Jornada do Herói é uma dramatização da transformação interna, onde o herói simboliza o ego em busca de autoconhecimento.

Pieri (2002), em seu *Dicionário Junguiano*, explicita que os símbolos encontrados na Jornada do Herói, como o encontro com a sombra, o encontro com o animus ou anima, e a busca pelo tesouro, correspondem a etapas fundamentais do processo de individuação. A jornada, portanto, é um espelho do movimento interno da psique que visa a integração e o equilíbrio.

O confronto com a sombra, segundo Von Franz (1985), é uma etapa crítica na Jornada do Herói e no processo de individuação. A sombra representa os aspectos reprimidos e desconhecidos da personalidade, cuja aceitação é necessária para o crescimento psicológico. Os contos de fada ilustram essa luta simbólica, demonstrando que a integração da sombra é essencial para a maturidade emocional.

Von Franz (1990) acrescenta que a Jornada do Herói nos contos não apenas representa a luta contra forças externas, mas simboliza o embate interno contra os conflitos inconscientes. A resolução desses conflitos através da fantasia promove o fortalecimento do ego e o alinhamento com o Self, culminando na individuação.

Abramovich (2008) aponta que a narrativa do herói proporciona um modelo inspirador para crianças e adolescentes, auxiliando-os a compreender os desafios que enfrentam em suas próprias jornadas pessoais. A autora enfatiza a função educativa e terapêutica dessa narrativa, especialmente na formação da resiliência.

Albino (2025) destaca que, no contexto da literatura infantil brasileira, o resgate de narrativas que abordam a Jornada do Herói pode contribuir para o desenvolvimento emocional saudável, oferecendo referências simbólicas para a construção da identidade em meio às adversidades sociais.

A compreensão da Jornada do Herói em conexão com a psicologia analítica, conforme Almeida (2007), revela que esse percurso simbólico não é linear, mas envolve ciclos de morte e renascimento psíquico, onde o herói passa por múltiplas fases de integração e desconstrução, essenciais para o amadurecimento.

Jung (2015), em *Mysterium Conjunctionis*, explora a importância da união dos opostos na psique para o processo de individuação, enfatizando que o herói simboliza esse esforço pela

harmonização dos elementos conflitantes da personalidade, processo que é refletido nas narrativas da Jornada do Herói.

No que tange ao enfrentamento da dor e do sofrimento, Bettelheim (2019) aponta que a Jornada do Herói proporciona uma estrutura simbólica que ajuda o indivíduo a encontrar sentido em suas dificuldades, promovendo a esperança e a transformação.

A abordagem de Marquês e Cruz (2000) sobre adolescentes e o uso de drogas destaca que a ausência de processos simbólicos e identitários claros pode levar à busca por substitutos ilusórios, tornando a Jornada do Herói uma metáfora importante para intervenções psicoterapêuticas que visam a reconstrução da identidade.

Carranza e Pedrão (2005) enfatizam que o fortalecimento da identidade e a resolução de conflitos internos são fundamentais para a recuperação e o desenvolvimento pessoal, o que pode ser facilitado por processos simbólicos como a Jornada do Herói.

A legislação brasileira, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), reforça a importância da proteção e do desenvolvimento saudável das crianças, o que inclui a promoção de experiências culturais e simbólicas que apoiem o processo de individuação e o fortalecimento emocional.

A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABMPIA, 2003) alerta para os riscos do abuso e da violência, que podem interromper o desenvolvimento da identidade, tornando o acesso a narrativas simbólicas, como a Jornada do Herói, ainda mais crucial para a reparação psíquica.

Perrault (2012) oferece uma coleção clássica de contos que ilustram a Jornada do Herói, enfatizando a importância da fantasia e do simbolismo na estruturação da experiência emocional e psicológica, especialmente na infância.

Corso e Corso (2006) ressaltam que a análise dos contos no divã evidencia a função terapêutica dessas narrativas, que auxiliam na externalização e elaboração dos conflitos inconscientes, promovendo a individuação.

Grimm e Grimm (2014) são fundamentais para compreender as raízes da Jornada do Herói nos contos tradicionais, cujos temas universais refletem processos arquetípicos que atravessam culturas e gerações.

Jung (2000) expande a compreensão dos arquétipos e do inconsciente coletivo, mostrando como a Jornada do Herói manifesta esses padrões universais, funcionando como um roteiro para a transformação psicológica.

A dualidade do animus e da anima, abordada por Jung (2020), representa aspectos masculinos e femininos dentro da psique, que o herói deve reconhecer e integrar para completar seu processo de individuação.

Juliana Balta Ferreira (2025) ressalta que a Jornada do Herói, ao refletir o processo de individuação, oferece uma estrutura simbólica que fortalece a resiliência e a autoconsciência, porém também pode gerar frustrações quando o indivíduo não consegue superar os desafios internos, evidenciando as dificuldades reais do enfrentamento de conflitos emocionais numa sociedade que nem sempre apoia o desenvolvimento integral do sujeito.

Simone Helen Drumond Ischkanian (2025) destaca que o processo de individuação, exemplificado pela Jornada do Herói, promove a integração dos aspectos conscientes e inconscientes da psique, favorecendo o amadurecimento emocional e a autonomia, embora essa trajetória possa ser marcada por crises profundas que refletem tensões reais entre as expectativas sociais e o desejo de autenticidade pessoal.

Gladys Nogueira Cabral (2025) enfatiza que a Jornada do Herói simboliza a busca pela totalidade psíquica e autotranscendência, proporcionando um modelo positivo para o desenvolvimento psicológico, contudo, alerta para os riscos de idealizações exageradas que podem levar ao isolamento ou à alienação diante das dificuldades concretas do cotidiano, especialmente em contextos socioeconômicos adversos.

Silvana Nascimento Carvalho (2025) argumenta que o processo de individuação, manifestado pela Jornada do Herói, funciona como um instrumento terapêutico que ajuda a ressignificar traumas e conflitos, fortalecendo o equilíbrio interno, mas observa que essa jornada pode ser dificultada por fatores externos como a desigualdade social e o déficit de apoio emocional, evidenciando a complexa interação entre mundo interno e realidade externa.

Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos (2025) afirma que a Jornada do Herói, enquanto representação simbólica da individuação, oferece uma narrativa positiva de superação e autoconhecimento que inspira transformações pessoais, ainda que essa mesma narrativa possa desencadear sentimentos de inadequação quando o percurso não segue o padrão idealizado, refletindo os desafios reais de processos subjetivos em ambientes pouco acolhedores.

Genilde do Nascimento Alves Monteiro (2025) destaca que a Jornada do Herói, ao simbolizar o confronto com a sombra e a integração dos opostos internos, contribui para a formação de uma identidade mais integrada e madura, embora reconheça que o caminho da individuação seja permeado por conflitos difíceis de manejar, que refletem as tensões do mundo real em termos de violência, exclusão e sofrimento psíquico.

José Fernandes Góis (2025) observa que o processo de individuação narrado na Jornada do Herói é fundamental para o desenvolvimento da autonomia e do senso crítico, promovendo a saúde mental, porém chama atenção para o fato de que a ausência de redes de apoio e o contexto social desfavorável podem comprometer essa trajetória, evidenciando a importância de intervenções psicossociais que dialoguem com as realidades concretas vividas pelos sujeitos.

Piaget (1995) reforça que o desenvolvimento cognitivo e emocional é favorecido pela interação com símbolos e narrativas que permitem a experimentação e resolução de conflitos internos.

A Jornada do Herói, ao representar simbolicamente a busca pelo Self e a integração dos opostos psíquicos, oferece uma metáfora profunda e multifacetada para o processo de individuação, que é fundamental para o crescimento psicológico, a maturidade emocional e a promoção da saúde mental; conforme destaca Marie-Louise von Franz (2016) em seu estudo sobre o processo de individuação, esse percurso interno não apenas possibilita a harmonização das polaridades dentro da psique humana, como também conduz à emergência de uma identidade mais completa e autêntica, capaz de enfrentar os desafios e ambiguidades da existência.

Essa metáfora é especialmente relevante quando considerada em diálogo com as preocupações contemporâneas expressas pela Organização Mundial da Saúde (WHO, 2003), que sublinha a importância do desenvolvimento emocional saudável e da prevenção de traumas na infância, fatores essenciais para assegurar que indivíduos possam percorrer essa jornada simbólica rumo à individuação com o suporte necessário para superar adversidades e construir resiliência.

A Jornada do Herói funciona não apenas como um modelo narrativo universal, mas como um instrumento terapêutico e pedagógico que estimula o autoconhecimento, o enfrentamento da sombra e a integração psíquica, favorecendo a saúde mental e a adaptação funcional ao mundo real, numa dinâmica que sintetiza as contribuições dos diversos autores e obras que exploram a relação entre mito, psicologia e desenvolvimento humano.

3. CONCLUSÃO

Os contos de fadas, ao longo da história, transcenderam seu papel de simples narrativas infantis para se configurarem como verdadeiros espelhos simbólicos da psique humana, refletindo com profundidade os arquétipos universais que habitam o inconsciente coletivo, conforme elucidado por autores clássicos da psicologia analítica. Essas histórias carregam em sua essência os medos primordiais, as esperanças e os desejos reprimidos que dialogam diretamente com as experiências subjetivas de cada indivíduo, permitindo que a audiência, independentemente da idade, se conecte com suas próprias sombras e luzes internas. Assim, ao mergulhar na simbologia dos contos, somos

convidados a revisitar, compreender e ressignificar as forças internas que moldam nossa personalidade e nossas escolhas, o que confere a essas narrativas um valor terapêutico e educativo incomparável.

A função dos contos de fadas como veículos de arquétipos revela uma dimensão psicológica que ultrapassa o aspecto lúdico ou meramente folclórico dessas histórias. Eles atuam como mapas simbólicos que orientam o processo de individuação, termo cunhado por Carl Gustav Jung para descrever a jornada rumo à integração do self, na qual o indivíduo reconhece e harmoniza os opostos dentro de si mesmo. Nesse contexto, os contos funcionam como ferramentas poderosas para o desenvolvimento emocional e psicológico, pois oferecem imagens e metáforas que facilitam a compreensão das complexidades internas e possibilitam o enfrentamento dos desafios existenciais. Essa dimensão simbólica, presente nos contos, é um convite para o autoconhecimento, impulsionando o crescimento pessoal e a resiliência frente às adversidades da vida.

A representação simbólica de monstros, vilões e situações adversas pode ser entendida como a materialização dos temores internos e das resistências inconscientes, que precisam ser integrados para que a psique alcance equilíbrio e saúde. Ao dar forma narrativa a essas angústias, os contos de fadas permitem que os indivíduos enfrentem suas próprias sombras em um ambiente seguro, facilitando a elaboração de traumas, ansiedades e inseguranças, o que reforça o papel dessas histórias na psicoterapia e no desenvolvimento emocional.

A gratificação de explorar os contos de fadas reside também na universalidade de seus temas, que atravessam culturas e épocas, mostrando que a busca pela individuação e pelo equilíbrio psíquico é uma experiência compartilhada por toda a humanidade. Essa universalidade demonstra que os medos e desejos expressos nos contos são, de fato, expressões legítimas e necessárias do inconsciente coletivo, que se manifestam de diferentes formas, mas com a mesma essência simbólica. Portanto, estudar essas narrativas é mergulhar nas raízes da experiência humana, entendendo melhor as forças que movem nossos comportamentos, emoções e aspirações, e valorizando a riqueza cultural que sustenta esses arquétipos.

Ao reconhecer a importância dos contos de fadas na promoção da saúde mental e no estímulo ao processo de individuação, este artigo oferece uma contribuição significativa para diversas áreas do conhecimento, como a psicologia, a educação e a literatura. As narrativas simbólicas presentes nos contos são ferramentas poderosas para professores, terapeutas e pais, que podem utilizá-las para fomentar o desenvolvimento emocional saudável e a capacidade crítica das crianças e adultos. Assim, os contos de fadas ultrapassam o âmbito do entretenimento, tornando-se instrumentos de transformação pessoal e social, capazes de enriquecer o diálogo sobre a complexidade do ser humano e suas necessidades psíquicas.

Este estudo reafirma-se a importância dos contos de fadas como fontes inesgotáveis de sabedoria e autoconhecimento, que refletem a riqueza e a profundidade do inconsciente humano. Reconhecer esses textos como reflexos simbólicos dos arquétipos, medos e desejos internos é reconhecer também o valor da narrativa como caminho para a cura, o crescimento e a integração psíquica. Dessa forma, os contos de fadas permanecem vivos e atuais, oferecendo, a cada nova geração, a oportunidade de empreender sua própria jornada do herói rumo à realização do self e ao equilíbrio emocional, consolidando sua relevância tanto no campo da psicologia quanto na cultura humana em geral.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices.** 5ª ed. São Paulo: Scipione, 2008.

ALBINO, Lia Cupertino Duarte. **A literatura infantil no Brasil: origem, tendências e ensino.** Disponível em: https://docplayer.com.br/8682229-A-literatura-infantil-no-brasil-origem-tendencias-e-ensino.html. Acesso em: 28 jul. 2025.

ALMEIDA, Marilene Tavares. **O conto de fada numa abordagem Junguiana.** São Paulo. 2007. Disponível em: http://www.prejunguiano.wordpress.com/2009/11/23/oconto-de-fada-numa-abordagem-junguiana/. Acesso em: 30 jul. 2025.

ABMPIA. Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência. **Relatório abuso sexual do período de 01 de janeiro de 2000 a 31 de janeiro de 2003 do Sistema Nacional de Combate a Exploração Sexual Infanto-Juvenil.** Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: http://www.abrapia.org.br/. Acesso em: 23 jul. 2025.

APA. Associação Psiquiátrica Americana. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM IV.** 4ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas.** 37. ed. Tradução Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

BEAUMONT, J-M. L. **A Bela e a Fera e outros contos de fadas de Madame Leprince de Beaumont.** LESLIE, C., VENTURA, S. (orgs).Londrina: Florear, 2021

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Diário Oficial da União, Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990, Brasília/DF, 1990.

CARRANZA, Doris Violeta Velásquez; PEDRAO, Luiz Jorge. **Satisfação pessoal do adolescente adido às drogas no ambiente familiar durante a fase de tratamento em um instituto de saúde mental.** Rev. Latino-Am. Enfermagem [online]. 2005, vol.13. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692005000700011&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 28 jul. 2025.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolo, mito, arquétipos.** 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

GRIMM, J.; GRIMM, W. **Os Contos de Grimm.** São Paulo: Paulus, 2014.

JUNG, Carl Gustav**. Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** 5.ed. [tradução Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

JUNG, C. G. **Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo.** Petrópolis: Vozes, 1982.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente.** Petrópolis: Vozes, 2012.

JUNG, C. G. **A natureza da psique.** Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNG, C. G**. Mysterium conjunctionis**: p**esquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia.** Petrópolis: Vozes, 2015.

JUNG, E**. Animus e anima: uma introdução à psicologia analítica sobre os arquétipos do masculino e feminino inconscientes.** São Paulo: Pensamento Cultrix, 2020.

MARQUÊS, A.; CRUZ, M. **O adolescente e o uso de drogas.** Rev. Bras. Psiquiatr. vol.22 s.2 São Paulo, dez. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000600009. Acesso em: 23 jul. 2025.

PERRAULT, C. **Contos da Mamãe Gansa**. São Paulo: LPM, 2012.

PIERI, P. F. **Dicionário Junguiano**. São Paulo: Paulus, 2002.

PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia.** 21ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

SILVEIRA, N**. Jung: vida e obra.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

STEIN, M. **Jung: o mapa da alma.** São Paulo: Cultrix, 2006.

VON FRANZ, M-L. **A sombra e os mal nos contos de fada.** São Paulo: Paulinas, 1985.

VON FRANZ, M-L. **A interpretação dos contos de fadas.** São Paulo: Paulus, 1990.

VON FRANZ, M-L. O processo de individuação. In. JUNG, C.G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016. p. 328-506.

WHO. World Health Organization. **Documentos e publicações da Organização Mundial da Saúde.** Geneva, 2003. Disponível em: http://www.who.int/topics/child_abuse/en/. Acesso em: 23 jul. 2025.

ESPELHO DA ALMA: A PSICOLOGIA POR TRÁS DOS CONTOS DE FADAS – AMPLIANDO A VISÃO DO EU, DO OUTRO E DO NÓS NA EXPERIÊNCIA SIMBÓLICA DOS CONTOS.

Juliana Balta Ferreira
Simone Ischkanian
Gladys Cabral
Sandro Ischkanian
Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos
Silvana Nascimento de Carvalho
Gabriel Nascimento de Carvalho

Este estudo, de base documental e bibliográfica, investiga os contos de fadas sob a perspectiva simbólica e psicológica, ampliando a compreensão da construção do Eu, da relação com o Outro e da formação do Nós. Fundamentado em autores como Bettelheim (1980), Jung (1971, 2000), Campbell (1990), Von Franz (1985) e Estes (1994), o texto discute como os contos de fadas operam como espelhos da alma humana e ferramentas de integração psíquica, especialmente na infância, mas com repercussões ao longo de toda a vida. A narrativa simbólica dos contos possibilita ao sujeito um processo de identificação com arquétipos universais — como heróis, vilões, fadas, monstros e animais — que representam conflitos e dilemas existenciais. O "Eu" se manifesta nas jornadas internas dos protagonistas, que enfrentam provações, perdas, exílios e reencontros consigo mesmos, com o objetivo de amadurecer, elaborar traumas ou desenvolver aspectos psíquicos inconscientes. Essa trajetória espelha o conceito de individuação proposto por Jung (1984), segundo o qual o desenvolvimento psíquico exige a integração das sombras e o reconhecimento de símbolos internos. O "Outro" nos contos não é apenas o antagonista, mas uma figura de espelhamento, confronto ou auxílio. Personagens como madrastas, bruxas, príncipes, ajudantes mágicos e animais falantes operam como representações do alter ego ou das forças externas que provocam transformação. A relação com o Outro simboliza o processo relacional que o indivíduo vivencia na sociedade — com as normas, expectativas, exclusões e vínculos afetivos. O "Nós" é construído na coletividade cultural que os contos promovem. A oralidade e a tradição literária fazem dos contos mecanismos de transmissão de valores, alertas morais, ensinamentos emocionais e fortalecimento da identidade coletiva. Nesse sentido, os contos atuam como espelhos sociais, revelando padrões de comportamento, desafios de gênero, expectativas parentais e crises de pertencimento (Estes, 1994; Corso & Corso, 2006). A pesquisa ainda destaca a relevância clínica e terapêutica dos contos. Na psicologia analítica, especialmente com crianças, eles são utilizados como formas de expressão simbólica e projeção emocional (Zampirom & Dóro, 2018; Vasconcellos, 2004). Animais, florestas, castelos e metamorfoses aparecem como metáforas da psique em transformação (Chevalier & Gheerbrant, 1992; Bachmann, 2016). Obras como *O Patinho Feio* (Andersen, 2008) e *O Mágico de Oz* (Baum, 2003) exemplificam processos de exclusão, autodescoberta e busca de pertencimento que se repetem em contextos sociais diversos, especialmente entre jovens influenciados por padrões de autoimagem e reconhecimento social. Os contos de fadas são dispositivos simbólicos essenciais para o desenvolvimento do Eu, a compreensão do Outro e a construção do Nós. Em um mundo fragmentado, hiperconectado e emocionalmente instável, os contos ainda oferecem um campo fértil para o resgate da alma individual e coletiva, revelando-se ferramentas de autoconhecimento, empatia e cura simbólica.

Palavras-chave: Psicologia; contos de fadas; simbolismo; eu, outro e nós; espelhos da alma.

MIRROR OF THE SOUL: THE PSYCHOLOGY BEHIND FAIRY TALES – EXPANDING THE VISION OF THE SELF, THE OTHER, AND THE WE IN THE SYMBOLIC EXPERIENCE OF TALES.

Juliana Balta Ferreira
Simone Ischkanian
Gladys Cabral
Sandro Ischkanian
Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos
Silvana Nascimento de Carvalho
Gabriel Nascimento de Carvalho

This study, based on documentary and bibliographic research, investigates fairy tales from a symbolic and psychological perspective, broadening the understanding of the construction of the Self, the relationship with the Other, and the formation of the We. Grounded in authors such as Bettelheim (1980), Jung (1971, 2000), Campbell (1990), Von Franz (1985), and Estes (1994), the text discusses how fairy tales operate as mirrors of the human soul and tools for psychic integration—especially during childhood, but with repercussions throughout life. The symbolic narrative of fairy tales enables the subject to identify with universal archetypes—such as heroes, villains, fairies, monsters, and animals—that represent existential conflicts and dilemmas. The "Self" manifests through the protagonists' internal journeys, who face trials, losses, exiles, and self-reunions, aiming for maturity, trauma processing, or development of unconscious psychic aspects. This path reflects Jung's (1984) concept of individuation, according to which psychic development requires integrating one's shadows and recognizing internal symbols. The "Other" in fairy tales is not only the antagonist but also a mirror figure, representing confrontation or assistance. Characters such as stepmothers, witches, princes, magical helpers, and talking animals represent the alter ego or external forces that promote transformation. The relationship with the Other symbolizes the relational process individuals experience within society—its norms, expectations, exclusions, and emotional bonds. The "We" is constructed through the cultural collectivity promoted by tales. Oral tradition and literary heritage make fairy tales mechanisms for transmitting values, moral warnings, emotional teachings, and reinforcing collective identity. In this sense, fairy tales function as social mirrors, revealing behavioral patterns, gender challenges, parental expectations, and crises of belonging (Estes, 1994; Corso & Corso, 2006). This research also highlights the clinical and therapeutic relevance of fairy tales. In analytical psychology, especially with children, they are used as forms of symbolic expression and emotional projection (Zampirom & Dóro, 2018; Vasconcellos, 2004). Animals, forests, castles, and metamorphoses appear as metaphors of the psyche in transformation (Chevalier & Gheerbrant, 1992; Bachmann, 2016). Works such as *The Ugly Duckling* (Andersen, 2008) and *The Wizard of Oz* (Baum, 2003) exemplify processes of exclusion, self-discovery, and the search for belonging that recur in diverse social contexts, especially among youth influenced by standards of self-image and social recognition. Fairy tales are essential symbolic tools for the development of the Self, the understanding of the Other, and the construction of the We. In a fragmented, hyperconnected, and emotionally unstable world, fairy tales continue to offer fertile ground for the restoration of both individual and collective souls, revealing themselves as tools for self-knowledge, empathy, and symbolic healing.

Keywords: Psychology; fairy tales; symbolism; Self, Other, and We; soul mirrors.

ESPEJO DEL ALMA: LA PSICOLOGÍA DETRÁS DE LOS CUENTOS DE HADAS – AMPLIANDO LA VISIÓN DEL YO, DEL OTRO Y DEL NOSOTROS EN LA EXPERIENCIA SIMBÓLICA DE LOS CUENTOS.

Juliana Balta Ferreira
Simone Ischkanian
Gladys Cabral
Sandro Ischkanian
Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos
Silvana Nascimento de Carvalho
Gabriel Nascimento de Carvalho

Este estudio, basado en investigación documental y bibliográfica, investiga los cuentos de hadas desde una perspectiva simbólica y psicológica, ampliando la comprensión de la construcción del Yo, la relación con el Otro y la formación del Nosotros. Fundamentado en autores como Bettelheim (1980), Jung (1971, 2000), Campbell (1990), Von Franz (1985) y Estes (1994), el texto discute cómo los cuentos de hadas funcionan como espejos del alma humana y herramientas para la integración psíquica, especialmente en la infancia, pero con repercusiones a lo largo de toda la vida. La narrativa simbólica de los cuentos permite al sujeto un proceso de identificación con arquetipos universales —como héroes, villanos, hadas, monstruos y animales— que representan conflictos y dilemas existenciales. El "Yo" se manifiesta en los viajes internos de los protagonistas, quienes enfrentan pruebas, pérdidas, exilios y reencuentros consigo mismos, con el objetivo de madurar, elaborar traumas o desarrollar aspectos psíquicos inconscientes. Esta trayectoria refleja el concepto de individuación propuesto por Jung (1984), según el cual el desarrollo psíquico exige la integración de las sombras y el reconocimiento de símbolos internos. El "Otro" en los cuentos no es solo el antagonista, sino una figura de espejo, confrontación o ayuda. Personajes como madrastras, brujas, príncipes, ayudantes mágicos y animales parlantes operan como representaciones del alter ego o de las fuerzas externas que provocan transformación. La relación con el Otro simboliza el proceso relacional que el individuo vive en la sociedad —con sus normas, expectativas, exclusiones y vínculos afectivos. El "Nosotros" se construye en la colectividad cultural que los cuentos promueven. La oralidad y la tradición literaria hacen de los cuentos mecanismos para la transmisión de valores, alertas morales, enseñanzas emocionales y fortalecimiento de la identidad colectiva. En este sentido, los cuentos actúan como espejos sociales, revelando patrones de comportamiento, desafíos de género, expectativas parentales y crisis de pertenencia (Estes, 1994; Corso & Corso, 2006). La investigación también destaca la relevancia clínica y terapéutica de los cuentos. En la psicología analítica, especialmente con niños, se utilizan como formas de expresión simbólica y proyección emocional (Zampirom & Dóro, 2018; Vasconcellos, 2004). Animales, bosques, castillos y metamorfosis aparecen como metáforas de la psique en transformación (Chevalier & Gheerbrant, 1992; Bachmann, 2016). Obras como *El patito feo* (Andersen, 2008) y *El mago de Oz* (Baum, 2003) ejemplifican procesos de exclusión, autodescubrimiento y búsqueda de pertenencia que se repiten en contextos sociales diversos, especialmente entre jóvenes influenciados por patrones de autoimagen y reconocimiento social. Los cuentos de hadas son dispositivos simbólicos esenciales para el desarrollo del Yo, la comprensión del Otro y la construcción del Nosotros. En un mundo fragmentado, hiperconectado y emocionalmente inestable, los cuentos aún ofrecen un campo fértil para el rescate del alma individual y colectiva, revelándose como herramientas de autoconocimiento, empatía y sanación simbólica.

Palabras clave: Psicología; cuentos de hadas; simbolismo; yo, otro y nosotros; espejos del alma.

1. INTRODUÇÃO

Os contos de fadas são muito mais do que simples histórias infantis; eles constituem um rico repertório simbólico que reflete as profundezas da psique humana. Conforme Von Franz (1985, p. 45) afirma, esses relatos operam como “espelhos da alma”, revelando os conflitos, desejos e medos que habitam o inconsciente coletivo. Por meio de personagens arquetípicos, como heróis, vilões, fadas e monstros, os contos ilustram a complexidade das experiências humanas, permitindo que leitores de todas as idades se reconheçam e compreendam suas próprias emoções e vivências internas.

Bruno Bettelheim, em sua obra clássica "A Psicanálise dos Contos de Fadas" (1980, p. 98), ressalta que essas narrativas possuem uma função terapêutica, auxiliando no desenvolvimento emocional infantil. Ele explica que os contos ajudam as crianças a lidar com medos universais, como o medo da perda, do abandono e do desconhecido, ao mesmo tempo em que promovem a internalização de valores e a construção da identidade. Assim, a magia dos contos de fadas está em sua capacidade de simbolizar situações difíceis, possibilitando um processo gradual de enfrentamento e superação.

A importância dos contos de fadas ultrapassa a infância, pois sua dimensão simbólica permanece presente na vida adulta, funcionando como ferramentas para o autoconhecimento e a compreensão dos próprios conflitos. Vasconcellos (2004, p. 76), em sua pesquisa sobre imagens simbólicas no processo de adoecer, destaca como a expressão simbólica, presente nos contos, pode facilitar o enfrentamento das crises emocionais em pacientes oncológicos, demonstrando a universalidade e a atemporalidade dessas narrativas.

A construção do Eu, do Outro e do Nós nos contos de fadas é fundamental para o desenvolvimento psicológico, pois permite que o indivíduo explore suas relações consigo mesmo e com o mundo social. Conforme Zampirom e Dóro (2018, p. 123), o trabalho terapêutico com crianças submetidas a tratamentos invasivos, como o transplante de células-tronco hematopoiéticas, utiliza o brincar e os contos de fadas como expressões simbólicas para auxiliar na elaboração do sofrimento e na construção de vínculos afetivos seguros.

O processo simbólico dos contos é ancorado nos arquétipos junguianos, que são imagens universais presentes no inconsciente coletivo, capazes de refletir experiências humanas fundamentais. Jung (2000, p. 212) destaca que esses arquétipos, manifestados em figuras como o herói, a sombra, a mãe e o sábio, são representações essenciais para o desenvolvimento psíquico, funcionando como guias no processo de individuação — o amadurecimento do Eu por meio da integração do inconsciente.

A narrativa dos contos permite que o sujeito se identifique com personagens que enfrentam desafios e transformações, o que pode refletir sua própria jornada interior. Von Franz (1985, p. 67)

pontua que o herói ou heroína dos contos atravessa provações que simbolizam o confronto com aspectos sombrios da psique, como traumas ou medos reprimidos, culminando em um reencontro consigo mesmo, que promove a cura e o crescimento pessoal.

A figura do Outro, por sua vez, não se restringe ao antagonista, mas também inclui auxiliares, aliados e figuras ambíguas que espelham forças internas do sujeito. Bettelheim (1980, p. 115) observa que madrastas, bruxas e animais falantes podem ser compreendidos como projeções das partes reprimidas do Eu, que precisam ser reconhecidas para que o indivíduo alcance a totalidade psíquica.

A relação entre Eu e Outro nos contos é, portanto, uma representação simbólica dos relacionamentos sociais e afetivos que permeiam a experiência humana. Conforme Vasconcellos (2004, p. 89), o contato com essas narrativas permite que o sujeito vivencie simbolicamente o diálogo e o confronto com o Outro, um processo fundamental para o desenvolvimento da empatia e da compreensão interpessoal.

A construção do Nós nos contos de fadas ocorre através da transmissão cultural e da tradição oral, que mantêm vivos os valores e as normas sociais, reforçando a identidade coletiva. Estes (1994, p. 130) destaca que, ao compartilhar histórias, as comunidades criam um espaço simbólico onde se afirmam vínculos sociais, crenças e esperanças, fortalecendo o sentimento de pertencimento e coesão social.

O simbolismo presente nos contos aborda questões profundas da existência humana, como o medo da morte, a busca por reconhecimento e o conflito entre liberdade e segurança. Zampirom e Dóro (2018, p. 138) argumentam que, ao expressar essas temáticas por meio de metáforas, os contos possibilitam uma elaboração emocional que extrapola a linguagem racional, acessando camadas inconscientes do sujeito.

Os elementos fantásticos, como florestas, castelos e metamorfoses, são imagens arquetípicas que representam estados internos da psique e processos de transformação. Chevalier e Gheerbrant (1992, p. 210) interpretam a floresta, por exemplo, como símbolo do inconsciente e do desconhecido, lugar onde o herói deve se aventurar para confrontar suas sombras e emergir fortalecido.

A metamorfose é outra metáfora poderosa nos contos, refletindo o potencial de transformação pessoal e renovação. Bachmann (2016, p. 88) enfatiza que a transformação física dos personagens simboliza processos psíquicos de desenvolvimento, nos quais o sujeito abandona velhas identidades para dar lugar a novas formas de ser e estar no mundo.

O Patinho Feio, de Hans Christian Andersen (2008, p. 15), é um exemplo paradigmático da jornada do Eu em busca de pertencimento. Este conto explora temas de exclusão social, rejeição e

autodescoberta, refletindo conflitos internos universais que afetam especialmente crianças e jovens em formação de identidade.

O Mágico de Oz, de L. Frank Baum (2003, p. 68), simboliza a aventura do autoconhecimento, onde Dorothy e seus companheiros enfrentam medos, inseguranças e limitações internas. A história enfatiza a importância da coragem, do amor e da sabedoria como elementos fundamentais para a individuação.

A psicanálise dos contos revela que a dimensão simbólica dessas narrativas facilita o acesso ao inconsciente, tanto em contextos clínicos quanto no cotidiano. Bettelheim (1980, p. 123) defende que os contos ajudam a criança a compreender sentimentos difíceis, como a inveja, o ciúme e a culpa, promovendo uma integração emocional saudável.

A abordagem simbólica também tem relevância na psicologia contemporânea, especialmente na psicologia analítica, onde os contos são usados como ferramentas para a expressão emocional e o desenvolvimento da consciência simbólica. Roth (2012, p. 250) ressalta que essa prática terapêutica favorece o diálogo entre o consciente e o inconsciente, ampliando o processo de autoconhecimento.

A experiência simbólica dos contos contribui para a construção da identidade, pois permite ao indivíduo representar seus conflitos e possibilidades em imagens universais. Penna (2014, p. 134) destaca que o processamento simbólico-arquetípico promove a integração das partes fragmentadas do Eu, fortalecendo a coesão psíquica e a resiliência.

Os contos de fadas atuam como mecanismos de socialização emocional, ensinando a lidar com emoções difíceis e incentivando a empatia. Corso e Corso (2006, p. 56) explicam que a identificação com personagens simbólicos possibilita que crianças e adultos vivenciem, de forma segura, situações que estimulam a maturação emocional e social.

A dimensão moral dos contos, muitas vezes subliminar, orienta o sujeito em sua jornada ética, apresentando exemplos de virtudes e vícios. Campbell (1990, p. 92) observa que os mitos e contos carregam ensinamentos que sustentam os valores culturais e guiam o comportamento social, funcionando como mapas simbólicos para a vida.

A perspectiva fenomenológica também enriquece a compreensão dos contos, pois destaca a experiência vivida e a relação direta do sujeito com os símbolos. Neumann (1996, p. 112) afirma que a grande mãe, presente em muitos contos, simboliza tanto a nutrição quanto a destruição, refletindo as ambivalências da vida psíquica.

O tratamento terapêutico que envolve contos e brincadeiras, especialmente em crianças, facilita a elaboração de traumas e o desenvolvimento da resiliência emocional. Zampirom e Dóro (2018, p. 120) relatam que a prática lúdica possibilita a expressão simbólica de emoções complexas, contribuindo para o fortalecimento do Eu.

A simbolização dos conflitos internos nas histórias permite que o sujeito enfrente desafios emocionais sem se sentir diretamente ameaçado, pois a distância simbólica oferece segurança para a exploração psíquica. Von Franz (1985, p. 89) destaca que o simbolismo atua como uma ponte entre o consciente e o inconsciente, favorecendo a integração psíquica.

O papel dos contos de fadas na educação emocional é amplamente reconhecido, pois eles promovem a reflexão sobre valores e comportamentos. Bettelheim (1980, p. 142) ressalta que, ao ouvir e vivenciar essas histórias, a criança aprende a diferenciar o bem do mal, a entender as consequências de suas ações e a desenvolver uma moralidade que dialoga com suas experiências internas.

A dimensão coletiva dos contos é essencial para a construção da identidade cultural. Estes (1994, p. 145) enfatiza que as narrativas mantêm viva a memória social, transmitindo normas, tradições e modelos de conduta que estruturam a convivência em grupo, reforçando o senso de pertencimento e continuidade histórica.

A relação entre o simbólico e o real nos contos de fadas também é objeto de estudo na psicologia social. Corso e Corso (2006, p. 72) apontam que, através dos contos, padrões de gênero, papéis sociais e expectativas familiares são expostos e questionados, oferecendo um espaço para a crítica e a ressignificação desses aspectos na vida cotidiana.

A utilização dos contos em contextos terapêuticos é particularmente eficaz na abordagem de traumas e perdas. Vasconcellos (2004, p. 99) demonstra que o simbolismo presente nas histórias permite que pacientes, especialmente crianças, processem emoções complexas como medo, tristeza e raiva, auxiliando na reconstrução do equilíbrio psíquico.

A presença de símbolos recorrentes nos contos, como a jornada, o encontro com o mentor e a batalha contra a sombra, está diretamente ligada ao processo de individuação descrito por Jung. Jung (1984, p. 154) afirma que esses símbolos representam etapas fundamentais do desenvolvimento psíquico, facilitando o amadurecimento e a integração da personalidade.

De forma complementar, Von Franz (1985, p. 112) destaca que os contos revelam os "mistérios da alma", funcionando como mapas simbólicos que orientam o indivíduo em sua jornada interior, especialmente nos momentos de crise e transformação. Eles indicam caminhos para enfrentar a ansiedade, o medo e a incerteza.

A função do herói nas histórias é crucial para o desenvolvimento da coragem e da autonomia. Bettelheim (1980, p. 160) explica que a identificação com o protagonista que enfrenta adversidades e supera obstáculos estimula a resiliência emocional e o enfrentamento dos próprios desafios da vida real.

As figuras femininas nos contos também representam aspectos da psique que demandam atenção e integração. Von Franz (1985, p. 130) analisa que personagens como a grande mãe, a feiticeira e a donzela simbolizam forças vitais, criativas e destrutivas, que refletem a complexidade do feminino psíquico.

A importância do contexto cultural para a interpretação dos contos é ressaltada por Campbell (1990, p. 110), que destaca que cada sociedade adapta suas narrativas de acordo com seus valores, mitos e desafios, tornando os contos uma ferramenta dinâmica e viva, que dialoga com as necessidades de cada época.

A simbologia dos animais nos contos é um elemento fundamental para a expressão dos instintos e emoções. Chevalier e Gheerbrant (1992, p. 234) interpretam que os animais representam forças naturais e aspectos instintivos da psique, servindo como símbolos de sabedoria, perigo, fidelidade ou traição, dependendo do contexto narrativo.

No processo de psicoterapia, a exploração desses símbolos pode facilitar o acesso a conteúdos reprimidos ou difíceis de verbalizar. Roth (2012, p. 267) destaca que a mediação dos contos e símbolos permite que o paciente experimente, através da narrativa, suas próprias questões internas de forma segura e criativa.

A dimensão temporal dos contos — com seus ciclos de nascimento, morte e renascimento — também é um aspecto importante para a compreensão dos processos de mudança pessoal. Jung (2000, p. 230) enfatiza que essa repetição cíclica simboliza o movimento contínuo da psique em direção à renovação e à transformação.

A relação dos contos com a espiritualidade é outro aspecto que merece atenção. Campbell (1990, p. 123) aponta que as histórias funcionam como mitos modernos que, além de explicar a realidade, oferecem um sentido transcendental para a existência, promovendo a integração entre o material e o espiritual.

A utilização do brincar e da narração de contos em contextos terapêuticos, especialmente com crianças, é amplamente documentada. Zampirom e Dóro (2018, p. 135) mostram que essa prática possibilita uma expressão simbólica espontânea, que facilita a elaboração de conflitos e o fortalecimento da identidade.

O simbolismo do castelo, presente em muitos contos, é interpretado como um espaço interno da psique, que pode representar tanto a segurança quanto o isolamento. Von Franz (1985, p. 142) explica que a jornada para o castelo simboliza o acesso às profundezas do Eu, onde se encontram os tesouros psíquicos e as provas necessárias para o crescimento.

A narrativa de superação e transformação presente nos contos reflete a capacidade humana de resiliência frente às adversidades. Bettelheim (1980, p. 176) destaca que a estrutura clássica dos

contos — problema, crise e resolução — ensina a criança que, apesar dos desafios, é possível encontrar soluções e crescer.

A interação entre o consciente e o inconsciente, mediada pelo simbolismo dos contos, é fundamental para o equilíbrio psíquico. Jung (1984, p. 170) afirma que a consciência só se desenvolve plenamente quando reconhece e integra os conteúdos inconscientes, processo que os contos facilitam de maneira lúdica e acessível.

A transmissão oral dos contos contribui para a continuidade e adaptação cultural, funcionando como um elo entre gerações. Estes (1994, p. 160) enfatiza que essa transmissão mantém viva a riqueza simbólica das narrativas, que se adaptam às transformações sociais sem perder seu poder psicoterapêutico.

O caráter ambíguo e paradoxal das figuras nos contos, como bruxas e dragões, reflete a complexidade das emoções humanas. Von Franz (1985, p. 158) analisa que essa ambiguidade permite que o sujeito reconheça e acolha suas próprias contradições internas, essencial para a integração psíquica.

A relação dos contos com os processos de luto e perda é outra dimensão importante. Vasconcellos (2004, p. 105) destaca que os símbolos presentes nas histórias auxiliam na elaboração das dores emocionais, facilitando o enfrentamento do sofrimento e a reconstrução da esperança.

A presença do elemento mágico nos contos possibilita que a realidade seja ressignificada, abrindo espaço para a criatividade e a imaginação. Campbell (1990, p. 136) afirma que essa dimensão mágica atua como catalisadora de mudanças internas profundas, promovendo a renovação psíquica.

A utilização dos contos de fadas como instrumentos de autoconhecimento e cura simbólica é cada vez mais valorizada na psicologia contemporânea. Roth (2012, p. 280) ressalta que essas narrativas oferecem um terreno fértil para o diálogo entre as diversas partes da psique, favorecendo o equilíbrio e o bem-estar emocional.

Em um mundo marcado por fragmentação e instabilidade emocional, os contos de fadas continuam a ser ferramentas poderosas para o resgate da alma, promovendo autoconhecimento, empatia e cura. Bettelheim (1980, p. 190) conclui que a riqueza simbólica dessas histórias permanece essencial para o desenvolvimento humano em todas as fases da vida.

2. DESENVOLVIMENTO

Os contos de fadas atuam como um espelho da alma, refletindo as complexas jornadas internas pelas quais os indivíduos passam ao longo da vida. Através de suas narrativas simbólicas, esses contos oferecem uma representação metafórica dos conflitos psíquicos e das transformações

emocionais. Segundo Penna (2014, p. 47), “os símbolos presentes nos contos de fadas funcionam como pontes que conectam a consciência ao inconsciente, facilitando a compreensão e a integração dos aspectos fragmentados do Eu.” A psicologia analítica encontra nesses mitos um campo fértil para explorar o desenvolvimento emocional e a construção da identidade.

A exposição repetida a essas histórias arquetípicas permite que crianças e adultos confrontem medos primordiais, como a perda, a rejeição e a busca por pertencimento, em um ambiente seguro e estruturado simbolicamente. Roth (2012, p. 230) destaca que “a narrativa dos contos cria um espaço psíquico onde os conflitos internos podem ser vivenciados simbolicamente, promovendo um processo de individuação e autoconsciência.” Essa experiência simbólica não apenas estimula a resiliência emocional, mas também amplia a visão do Eu em relação ao Outro e ao Nós, reforçando as conexões sociais e intrapessoais.

Os personagens presentes nos contos, como a bruxa, o príncipe ou a fada madrinha, representam arquétipos universais que carregam significados profundos e múltiplas camadas interpretativas. Schneider e Torossian (2009, p. 135) afirmam que “os arquétipos dos contos são expressões simbólicas das estruturas psíquicas coletivas, facilitando a comunicação entre o consciente e o inconsciente, além de fornecerem modelos para o enfrentamento de desafios existenciais.” Cada figura simboliza aspectos do psiquismo humano, como a sombra, a anima, o herói e o sábio, cujas interações refletem a dinâmica interna do indivíduo.

Elementos como objetos mágicos, florestas sombrias e castelos encantados são símbolos carregados de significados que transcendem a literalidade do conto. Essas imagens evocam aspectos do inconsciente e incentivam a exploração dos territórios emocionais pouco acessados pela razão direta. Conforme Penna (2014, p. 52), “a floresta nos contos é um espaço liminar, um território onde o ego se confronta com o desconhecido e a transformação psíquica é possível.” Tal cenário oferece uma metáfora para a travessia das crises internas e o renascimento emocional.

As histórias clássicas, como "Branca de Neve" e "A Pequena Sereia," ilustram a importância dos vínculos familiares e sociais para a constituição da identidade e do senso de pertencimento. O laço com a família é representado como um elemento fundamental para o desenvolvimento saudável do indivíduo, mas também como um desafio a ser superado na jornada rumo à autonomia. Schneider e Torossian (2009, p. 140) observam que “a tensão entre a necessidade de conexão e a busca pela independência está no cerne das tramas familiares nos contos de fadas, refletindo dilemas reais enfrentados pelo sujeito.”

A psicologia dos contos de fadas também destaca a dimensão do coletivo, na qual o Eu individual é continuamente moldado pelas relações com o Outro e pelo senso de Nós. Essa perspectiva amplia a experiência simbólica, pois evidencia que o processo de autoconhecimento não

é solitário, mas mediado pelos vínculos comunitários e culturais. Roth (2012, p. 250) argumenta que "a narrativa coletiva contida nos contos de fadas oferece um espelho para que o sujeito reconheça sua posição dentro de uma rede social e cultural mais ampla, favorecendo o desenvolvimento do sentido de pertencimento."

O simbolismo arquetípico nos contos promove a elaboração psíquica dos conflitos internos, como o medo da rejeição, da morte simbólica do ego e da busca pela realização pessoal. Esses temas são recorrentes e universalmente presentes, evidenciando a função terapêutica desses mitos. Segundo Penna (2014, p. 60), "os contos de fadas auxiliam no processamento simbólico-arquetípico dos conflitos, oferecendo caminhos para a integração das polaridades psíquicas e para a superação das crises existenciais."

A narrativa dos contos de fadas permite ainda o reconhecimento de aspectos da sombra, aqueles elementos reprimidos ou negados da personalidade, que precisam ser integrados para o desenvolvimento psicológico saudável. Os encontros do herói com o mal, a figura da madrasta ou da bruxa representam esse confronto necessário com o lado obscuro do Eu. Schneider e Torossian (2009, p. 138) enfatizam que "a representação do mal nos contos não é apenas um adversário externo, mas uma manifestação simbólica das tensões internas que precisam ser reconhecidas e integradas."

O desenvolvimento emocional proporcionado pelos contos de fadas é acompanhado por uma ampliação da autoconsciência, pois as narrativas auxiliam na identificação e compreensão das emoções, assim como na elaboração das experiências traumáticas ou conflitivas. Roth (2012, p. 255) ressalta que "a imersão simbólica nas histórias possibilita que o sujeito reconheça suas próprias emoções refletidas nos personagens, criando um espaço para a reflexão e a transformação psíquica."

A dimensão educativa dos contos de fadas não deve ser subestimada, pois essas histórias carregam mensagens morais, culturais e psicológicas que contribuem para a formação do caráter e do entendimento social. Okido et al. (2017, p. 45) sugerem que "a narrativa simbólica é uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento da empatia, do autocuidado e da compreensão do outro, aspectos fundamentais para a construção de uma identidade saudável e integrada."

O simbolismo presente nos objetos mágicos, como a varinha, o espelho ou o anel, representa a capacidade do indivíduo de acessar recursos internos para a superação dos desafios e para o crescimento pessoal. Estes elementos funcionam como metáforas para a força psíquica latente e a possibilidade de transformação. Penna (2014, p. 58) afirma que "os objetos simbólicos nos contos funcionam como catalisadores da mudança, promovendo o deslocamento do sujeito de um estado de estagnação para um estado de realização."

A figura do herói ou heroína em muitos contos representa o arquétipo da jornada do self, marcada por provações, queda, renascimento e conquista da individuação. Este padrão reflete as

etapas do desenvolvimento psicológico e as crises inerentes à maturação emocional. Roth (2012, p. 240) destaca que "a jornada do herói é uma metáfora para o processo contínuo de integração do Eu, onde cada obstáculo superado simboliza um avanço no caminho da autotransformação."

Ao analisar os contos sob a lente da psicologia, é possível perceber que essas narrativas funcionam como mapas simbólicos que orientam o sujeito na compreensão e resolução de suas próprias histórias internas. Schneider e Torossian (2009, p. 145) explicam que "a estrutura arquetípica dos contos oferece uma linguagem simbólica que possibilita a externalização e o processamento dos conflitos internos, promovendo o autoconhecimento e a cura."

A repetição dos elementos simbólicos nos contos evidencia a universalidade das experiências humanas e o reconhecimento coletivo das questões fundamentais da existência. Esses símbolos atravessam culturas e épocas, adaptando-se aos contextos, mas mantendo sua essência psicossocial. Penna (2014, p. 49) observa que "os arquétipos são constantes da psique humana, e os contos funcionam como um repertório simbólico que reflete essas constantes, possibilitando a identificação e a transformação do sujeito."

O ambiente da floresta, tão presente nos contos de fadas, pode ser interpretado como o espaço liminar onde o Eu confronta o inconsciente e se abre para a descoberta de aspectos desconhecidos da própria psique. Esse local misterioso e desafiador simboliza o processo de autodescoberta e transformação. Roth (2012, p. 235) define a floresta como "o território da sombra, onde o ego enfrenta seus medos e atravessa a experiência da crise rumo à renovação."

As dificuldades enfrentadas pelos protagonistas simbolizam as crises necessárias para o desenvolvimento psicológico, e o desfecho feliz reforça a possibilidade de superação e integração. Essa mensagem é fundamental para o fortalecimento da esperança e da resiliência emocional. Schneider e Torossian (2009, p. 142) afirmam que "os finais dos contos funcionam como promessas simbólicas de transformação, indicando que a reconciliação com o inconsciente e a resolução dos conflitos internos são possíveis."

A relação entre o Eu e o Outro, tema central em muitos contos, representa o processo dialético que molda a identidade e permite a expansão da consciência. Os contos ilustram as tensões e alianças que se formam nas relações interpessoais, promovendo a reflexão sobre o papel do sujeito no coletivo. Penna (2014, p. 55) destaca que "a dinâmica entre o Eu e o Outro é fundamental para o desenvolvimento psíquico, pois é nesse encontro que o sujeito constrói seu sentido de si e do mundo."

Os contos de fadas também abordam o enfrentamento do medo da morte simbólica, ou seja, a necessidade de deixar para trás antigas formas de ser para que novas possam emergir. Este processo é essencial para a maturação emocional e a evolução do self. Roth (2012, p. 260) explica que "a

morte simbólica nos contos representa o momento de crise que precede a transformação, uma etapa necessária para a renovação psíquica."

A importância da comunidade e do pertencimento é ressaltada como um elemento que fornece suporte e estrutura para a construção do Eu. Essa rede social é vital para o desenvolvimento saudável e para a internalização de valores compartilhados. Schneider e Torossian (2009, p. 136) apontam que "a pertença a um grupo oferece segurança e um sentido de continuidade, aspectos indispensáveis para a formação da identidade."

O processo de individuação, descrito pela psicologia analítica, encontra nos contos de fadas um rico material simbólico para sua compreensão e facilitação. A narrativa espelha o caminho do sujeito em busca da totalidade, integrando aspectos conscientes e inconscientes. Penna (2014, p. 62) explica que "os contos de fadas representam a jornada arquetípica da individuação, fornecendo um roteiro simbólico para o desenvolvimento do self integrado."

O papel das figuras femininas nos contos, como a fada madrinha, a princesa ou a bruxa, exemplifica as múltiplas dimensões da psique feminina, incluindo a sabedoria, a vulnerabilidade e a força transformadora. Essas representações ajudam a ampliar a compreensão da identidade de gênero e da experiência emocional. Roth (2012, p. 265) ressalta que "as figuras femininas nos contos simbolizam diferentes aspectos do anima, refletindo as complexidades da psique feminina."

A função terapêutica dos contos de fadas está também na possibilidade de reestruturação narrativa, na qual o sujeito pode reinterpretar suas próprias histórias de vida, incorporando novos sentidos e perspectivas. Schneider e Torossian (2009, p. 144) destacam que "a narrativa simbólica permite a ressignificação das experiências traumáticas, promovendo a cura emocional e o fortalecimento do Eu."

O uso dos contos de fadas em contextos clínicos tem se mostrado eficaz para trabalhar aspectos emocionais difíceis, favorecendo a externalização dos conflitos internos e a elaboração simbólica dos mesmos. Okido et al. (2017, p. 48) sugerem que "a psicoterapia com contos de fadas amplia o repertório emocional do paciente, auxiliando na elaboração e integração dos conteúdos inconscientes."

A linguagem simbólica dos contos de fadas transcende as limitações do discurso racional, facilitando a comunicação entre diferentes níveis da psique e entre gerações. Essa característica torna essas histórias particularmente poderosas para a transmissão cultural e para o desenvolvimento pessoal. Penna (2014, p. 50) afirma que "os contos falam uma linguagem universal, capaz de conectar o consciente ao inconsciente, o passado ao presente e o indivíduo à coletividade."

A dinâmica entre luz e sombra, tema recorrente nos contos, simboliza a necessidade de equilíbrio entre os aspectos conscientes e inconscientes do psiquismo, fundamental para a saúde

mental. Roth (2012, p. 245) ressalta que “a integração das polaridades psíquicas é essencial para a individuação, e os contos de fadas ilustram essa dinâmica por meio de suas narrativas simbólicas.”

O simbolismo da água, presente em muitos contos, representa as emoções profundas e a fluidez da vida psíquica, sendo um elemento que convoca o sujeito a mergulhar no inconsciente para emergir transformado. Schneider e Torossian (2009, p. 139) explicam que “a água simboliza o fluxo emocional e a possibilidade de purificação e renascimento.”

Os contos de fadas também revelam a importância da coragem e da perseverança diante das adversidades, ensinando que o crescimento psicológico demanda esforço e enfrentamento dos próprios limites. Penna (2014, p. 57) observa que “a figura do herói que persiste diante dos obstáculos é um símbolo do potencial humano de superação e transformação.”

A função dos animais nos contos, muitas vezes como guias ou protetores, simboliza a conexão com a natureza e os instintos primordiais, aspectos que enriquecem a compreensão da psique humana. Roth (2012, p. 255) aponta que “os animais representam os arquétipos instintivos, fundamentais para o equilíbrio entre razão e emoção.”

Juliana Balta Ferreira (2025) destaca com precisão como essas narrativas arquetípicas favorecem o desenvolvimento da psique e a elaboração de emoções profundas, especialmente ao evidenciar a simbologia da jornada do herói como metáfora para a autotransformação. Sua escrita demonstra sensibilidade e domínio da linguagem simbólica, sendo eficaz ao traduzir complexos conceitos psicológicos para contextos educacionais e clínicos. No entanto, sua análise por vezes assume uma perspectiva excessivamente idealizada, deixando em segundo plano uma investigação mais crítica das representações normativas e excludentes presentes em algumas histórias, como padrões de beleza estereotipados ou papéis de gênero restritivos, o que enfraquece a amplitude reflexiva de seu trabalho.

Simone Ischkanian (2025) constrói uma argumentação sólida e teoricamente embasada ao tratar da importância dos símbolos nos contos de fadas, com destaque para os elementos naturais como a floresta e a água, os quais interpreta com profundidade como metáforas do inconsciente e da fluidez emocional. Sua contribuição se destaca pelo rigor conceitual e pela capacidade de integrar os fundamentos da psicologia analítica com exemplos claros e acessíveis. Todavia, sua abordagem tende a universalizar a experiência psíquica representada nos contos, desconsiderando contextos históricos e culturais que moldam diferentes recepções dessas narrativas, o que poderia ser enriquecido por uma análise mais interseccional, sensível às questões de classe, raça e gênero.

Gladys Cabral (2025) oferece uma abordagem integradora e bem articulada dos contos de fadas enquanto ferramentas simbólicas para a promoção do autoconhecimento e do amadurecimento emocional, com ênfase nos processos de individuação junguianos e nas metáforas de transição

presentes em tramas clássicas como “A Bela Adormecida” e “Chapeuzinho Vermelho”. Sua escrita é envolvente e demonstra profundo compromisso com a dimensão simbólica do cuidado e da escuta clínica. Entretanto, seu trabalho apresenta certa limitação ao tratar os contos de fadas como estruturas atemporais, deixando de explorar como certas representações — como a dicotomia entre bem e mal ou a idealização do amor romântico — podem impactar negativamente o imaginário de crianças e adolescentes na contemporaneidade, perpetuando modelos pouco inclusivos.

Sandro Ischkanian (2025) traz uma contribuição valiosa ao enfatizar a dinâmica entre luz e sombra nos contos de fadas, compreendendo-os como espaços de tensão simbólica que favorecem a integração do inconsciente e o fortalecimento do Eu. Sua escrita revela domínio dos conceitos junguianos e uma leitura profunda da função terapêutica das narrativas arquetípicas, especialmente na forma como estas ajudam o sujeito a reconhecer e integrar suas próprias contradições internas. Ainda assim, sua análise carece de um aprofundamento crítico que contemple os limites éticos dessas histórias, como as violências simbólicas muitas vezes naturalizadas ou a ausência de representações diversas, o que enfraquece sua proposta de ressignificação contemporânea das narrativas tradicionais.

Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos (2025) destaca-se por sua leitura vigorosa da coragem como força estruturante nas narrativas simbólicas dos contos de fadas, ressaltando a importância da perseverança como motor do crescimento psíquico e da reconstrução subjetiva diante de experiências de perda, dor ou abandono. Seu texto é inspirador e encontra eco em práticas clínicas e pedagógicas voltadas ao fortalecimento da autoestima e da identidade. No entanto, ao centrar sua análise exclusivamente nos aspectos positivos e fortalecedores dessas histórias, acaba por negligenciar as tensões e ambivalências que compõem a totalidade da experiência simbólica, como os medos não elaborados, os traumas velados ou as mensagens contraditórias frequentemente presentes nas tramas.

Silvana Nascimento de Carvalho (2025) apresenta um trabalho criativo e bem estruturado ao analisar a função simbólica dos animais nos contos de fadas, explorando com sensibilidade como essas figuras arquetípicas representam os vínculos entre instinto e consciência, natureza e cultura, emoção e razão. Sua abordagem se destaca por valorizar a dimensão não verbal do conhecimento e por propor uma escuta mais intuitiva da psique. Entretanto, sua análise poderia ganhar densidade se incluísse uma problematização mais crítica das representações exóticas ou estereotipadas de certas figuras animais, frequentemente associadas ao “selvagem”, ao “estrangeiro” ou ao “desconhecido”, o que pode reforçar fronteiras simbólicas excludentes em vez de integradoras.

Gabriel Nascimento de Carvalho (2025) contribui com reflexões relevantes ao abordar o simbolismo da água e sua relação com as emoções profundas, enfatizando como os contos de fadas promovem um mergulho no inconsciente e favorecem a purificação psíquica por meio de narrativas de renascimento. Sua leitura destaca o potencial catártico e transformador das histórias simbólicas,

alinhando-se a uma visão terapêutica humanizada e sensível. Contudo, seu texto poderia avançar ao considerar também os efeitos normativos de algumas dessas narrativas, especialmente quando estruturadas em torno de dicotomias rígidas — como pureza versus corrupção, bem versus mal — que, ao serem interpretadas literalmente, podem limitar a pluralidade de sentidos e enfraquecer a potência emancipatória do conto como espelho da alma.

O enredo dos contos, estruturado em etapas claras como a partida, a iniciação e o retorno, reflete a estruturação da experiência psíquica e o ciclo de desenvolvimento emocional e existencial do sujeito. Schneider e Torossian (2009, p. 143) destacam que "a narrativa dos contos é um roteiro simbólico para a experiência humana, orientando a transição pelas fases da vida."

2.1. MENSAGENS SUBLIMINARES:

Os contos de fadas, mesmo quando narrados de maneira lúdica ou aparentemente inofensiva, carregam uma estrutura profunda que comunica mensagens subliminares sobre a existência humana. Essas mensagens não são sempre acessadas racionalmente pelas crianças ou adultos, mas operam simbolicamente, agindo sobre o inconsciente. Como indicam Corso e Corso (2006, p. 17), "os contos infantis não são histórias inocentes: eles contêm verdades cruéis e profundas, mascaradas em linguagem simbólica." A presença do medo, da perda, da superação e da esperança se disfarça em fábulas que, muitas vezes, falam mais da vida real do que qualquer discurso direto. Cabe ao mediador ajudar a tornar consciente aquilo que é vivido emocionalmente de forma implícita por meio dessas histórias.

Segundo Jung, os símbolos representam a única forma pela qual o inconsciente consegue se expressar, trazendo à tona imagens psíquicas arquetípicas que ajudam o indivíduo a integrar aspectos desconhecidos de si. "O símbolo tem por função representar um conteúdo inconsciente que, embora presente, não é ainda conhecido" (Jung, 1984, p. 119). Os contos de fadas atuam como portais simbólicos que permitem que conteúdos inconscientes sejam projetados, reconhecidos e elaborados, proporcionando, assim, um caminho para a individuação.

A criança não processa a realidade com os mesmos filtros lógicos que os adultos. Sua cognição é estruturada também por imagens e emoções, o que torna a linguagem simbólica dos contos uma ferramenta poderosa. Estes símbolos falam diretamente à psique infantil, oferecendo modelos de enfrentamento de conflitos e situações emocionais. "A linguagem simbólica é natural para a criança, que reconhece com facilidade os movimentos emocionais contidos nos contos" (Corso; Corso, 2006, p. 45). Mesmo sem compreender racionalmente a história, a criança absorve sua essência afetiva e psíquica.

A linha entre fantasia e realidade não é clara para a mente infantil, o que dá aos contos de fadas um duplo poder: ao mesmo tempo que oferecem um espaço seguro para ensaiar emoções difíceis, também podem, sem mediação, provocar mal-entendidos ou temores infundados. Por isso, torna-se fundamental que o adulto atue como guia nessa travessia simbólica, ajudando a distinguir o que é metáfora e o que pertence ao mundo concreto. Jung (1971, p. 65) alerta que "a imaginação não é um simples devaneio, mas uma força criativa que molda a realidade interior do sujeito."

A escuta atenta do adulto diante do relato infantil sobre um conto de fadas pode revelar conteúdos inconscientes emergentes que demandam cuidado. O papel do mediador é fundamental para ajudar a criança a nomear, processar e compreender suas emoções por meio da história. "O adulto que escuta simbolicamente oferece à criança a possibilidade de integrar experiências psíquicas que, sozinhas, ela não saberia elaborar" (Estes, 1994, p. 138). A mediação, não é apenas interpretação intelectual, mas presença afetiva.

Os contos de fadas funcionam como uma espécie de mapa do desenvolvimento emocional e psíquico, permitindo que a criança projete conflitos internos e os veja resolvidos simbolicamente. "Ao identificar-se com o herói ou heroína, a criança ensaia sua própria jornada de crescimento" (Fillus; Janowski, 2013, p. 648). As histórias não são meras distrações, mas ferramentas que ajudam na organização da subjetividade, no reconhecimento dos próprios sentimentos e na construção da identidade.

Apesar de sua riqueza simbólica, muitos contos clássicos carregam valores que precisam ser problematizados, como padrões de gênero rígidos, idealização da beleza e punições severas. A leitura crítica deve coexistir com a interpretação simbólica, ampliando a consciência de quem ouve. "Nem toda mensagem subliminar é positiva; algumas reforçam estereótipos e limitações culturais" (Corso; Corso, 2006, p. 89). É essencial que a mediação inclua uma escuta ativa e reflexiva.

Fillus e Janowski (2013) exploram como o arquétipo do herói aparece no imaginário infantil e sua relevância para o desenvolvimento psicológico. A criança que sonha com castelos, dragões e vitórias está, na verdade, lidando com suas próprias inseguranças e desejos de superação. "O herói representa a luta do eu infantil contra os obstáculos internos e externos" (Fillus; Janowski, 2013, p. 650). Os contos funcionam como simulações simbólicas dessas lutas.

A presença do vilão, do monstro ou da madrasta má nos contos é a expressão simbólica do que Jung chama de "sombra" – o lado rejeitado da psique. "A sombra representa tudo aquilo que o indivíduo recusa reconhecer como parte de si mesmo" (Jung, 2000, p. 126). Ao enfrentar essas figuras, o herói (e a criança) está, simbolicamente, confrontando aspectos de sua própria psique que precisam ser integrados.

Cada conto narra um processo de transformação emocional e psíquica. Do sofrimento à superação, do medo ao amor, do abandono à aceitação. Estes processos, quando vividos simbolicamente, fortalecem a estrutura emocional do ouvinte. “A estrutura narrativa do conto conduz o sujeito por uma trilha de dor, provação e, por fim, renascimento” (Estes, 1994, p. 144). Essa jornada psíquica é profundamente restauradora quando acompanhada de forma consciente.

2.2. A BUSCA PELO AMOR E PELA IDENTIDADE

A jornada da Cinderela do século XXI não se encerra mais ao encontrar um príncipe, mas, sobretudo, ao encontrar a si mesma. Histórias clássicas como *Cinderela* e *A Bela e a Fera*, ainda que originadas em contextos sociais muito distintos do atual, permanecem influentes ao simbolizar, por meio da linguagem arquetípica, a busca pelo amor, pelo reconhecimento e pela aceitação própria. Essas narrativas têm sido reinterpretadas diante das transformações sociais, culturais e familiares contemporâneas.

As "Cinderelas" da nossa sociedade já não são mais as jovens silenciadas que esperam passivamente pela salvação externa. Muitas delas emergem dos bailes modernos — não mais os palácios, mas sim as baladas, os fluxos de funk, os festivais urbanos e os espaços digitais — como protagonistas de suas histórias, moldando seu destino com autonomia e, muitas vezes, enfrentando solidão, julgamentos ou crises identitárias no processo. A “fada madrinha” pode ser hoje representada por um mentor, por um curso de capacitação, por uma rede de apoio feminina ou até por uma terapeuta que ajuda a jovem a calçar o seu próprio “sapato de cristal”: a identidade que lhe cabe, e não a que a sociedade impõe.

A transformação das posturas familiares também interfere diretamente nesse cenário. Já não há, em muitos lares, a figura do pai provedor e da mãe submissa — muitas famílias são chefiadas por mulheres solteiras, outras por avós, tios ou mesmo por lares reconstituídos. Jung (1993, p. 112) destaca que “o inconsciente reage às transformações culturais e históricas, exigindo novas imagens para as mesmas necessidades arquetípicas”, o que nos leva a compreender que o desejo de amar e ser amado permanece, mas as formas de expressá-lo e vivê-lo estão em constante mutação.

As jovens que circulam pelo universo do funk, por exemplo, muitas vezes utilizam essa estética como forma de afirmação identitária e resistência, ainda que confrontem padrões tradicionais de feminilidade. Embora sejam alvo de críticas sociais, são também expressão de uma nova Cinderela — aquela que dança, canta e trabalha, mesmo em meio à precariedade, e ainda deseja o amor, mas sem abrir mão de sua liberdade. A Cinderela da balada, por sua vez, não está apenas em busca de um par romântico, mas de conexão, prazer, diversão e pertencimento — experiências válidas que refletem a complexidade do feminino moderno.

Kast (2016, p. 44) lembra que “a alma precisa de tempo para elaborar e integrar as experiências emocionais, sobretudo as relacionadas ao afeto e à identidade”. Não se trata de julgar o novo comportamento feminino, mas de entendê-lo em sua profundidade psíquica. As mulheres Cinderelas independentes do século XXI desejam, sim, o amor — mas preferem antes um emprego estável, um diploma, uma viagem internacional, a cura de um trauma, ou a realização de um sonho profissional. Elas não esperam por um príncipe para salvá-las, mas muitas ainda buscam alguém com quem dividir a jornada.

O “príncipe encantado” também se reinventou: pode ser um parceiro sensível, um amigo amoroso, um companheiro intelectual ou até um sujeito imperfeito, mas disposto a crescer junto. Encontrá-lo na nova sociedade passa menos por idealizações românticas e mais por encontros reais, afetivos e conscientes. Jung (2011, p. 78) argumenta que “o amor genuíno só é possível quando o eu não está alienado de si mesmo, quando há inteireza”, o que reforça a noção de que a jornada do amor verdadeiro começa com o autoconhecimento.

A busca pela identidade, tema central da narrativa de *Cinderela*, permanece profundamente relevante no século XXI, especialmente em meio a um cenário de transformações sociais, culturais e psíquicas que exigem das mulheres uma constante reinvenção de si mesmas.

Na versão moderna do conto, as madrastas já não são apenas figuras externas maldosas, mas simbolizam as forças internas e sociais que limitam o florescimento da identidade feminina. A insegurança cultivada por padrões estéticos inatingíveis, o machismo estrutural presente nas microviolências cotidianas, a dependência emocional herdada de modelos familiares disfuncionais e os traumas mal elaborados são madrastas simbólicas que continuam a habitar o inconsciente coletivo e individual. Jung (1993, p. 146) afirma que “enquanto conteúdos inconscientes forem projetados no mundo externo, o indivíduo permanecerá prisioneiro da sombra”, o que reforça a urgência do processo de individuação como libertação.

O palácio de Cinderela transforma-se em um lugar subjetivo: é a conquista de uma existência autêntica, onde o valor não depende do reconhecimento alheio, mas da validação interna. O castelo é agora um espaço simbólico construído por meio de escolhas conscientes, relacionamentos saudáveis e realizações pessoais e profissionais que reflitam a verdade interior da mulher moderna. Para muitas, esse processo implica abandonar a expectativa de encontrar um “salvador” e aceitar que o verdadeiro resgate vem da coragem de enfrentar suas próprias sombras. Como aponta Kast (2016, p. 89), “o amadurecimento emocional exige a disposição para olhar o que há de mais doloroso em nós, sem recuar”. Esta disposição, muitas vezes árdua, é o primeiro passo para a construção de uma nova identidade que integre tanto as feridas quanto as potências.

A presença simbólica das irmãs invejosas no conto original também pode ser reinterpretada na contemporaneidade. Elas representam as vozes críticas internas e externas que sabotam a autoestima feminina: comparações injustas, competição desleal, padrões irreais de desempenho e beleza. Ao internalizar essas figuras, muitas mulheres se tornam suas próprias antagonistas, repetindo padrões de autossabotagem ou vivendo em função de agradar os outros.

A libertação dessa dinâmica exige um reencontro com o próprio centro, com o "self" descrito por Jung como o arquétipo da totalidade. Somente ao reconhecer o valor único de sua trajetória e suas qualidades essenciais, é que a mulher contemporânea pode, simbolicamente, calçar o seu próprio sapato de cristal — que neste século não é mais uma peça de luxo, mas um símbolo de autenticidade e alinhamento interno.

Juliana Balta Ferreira (2025) se destaca ao propor uma leitura sensível da jornada de Cinderela como metáfora do processo de autoconhecimento feminino, valorizando os aspectos simbólicos do empoderamento e da reconstrução identitária diante das adversidades emocionais e sociais, embora, em certos momentos, sua abordagem permaneça mais voltada ao universo psíquico individual, carecendo de um diálogo mais amplo com os aspectos estruturais e culturais que atravessam a experiência feminina no século XXI.

Simone Ischkanian (2025) apresenta uma análise lúcida e envolvente da figura de Cinderela contemporânea, ao enfatizar o enfrentamento das "madrastas internas", como a autossabotagem e a dependência emocional, reconhecendo com profundidade o valor da individuação junguiana, mas poderia ter aprofundado mais a relação entre essas dinâmicas simbólicas e as exigências estéticas e midiáticas impostas à mulher moderna, que também constituem forças arquetípicas do mal disfarçadas de normalidade.

Gladys Cabral (2025) contribui com clareza e pertinência ao discutir o "castelo subjetivo" como símbolo de uma realização pessoal centrada na autonomia emocional e no reconhecimento interno, o que enriquece a leitura simbólica da narrativa de Cinderela; no entanto, sua proposta poderia ir além da esfera individualizada, explorando mais os mecanismos coletivos de opressão que ainda impedem muitas mulheres de "calçar seu próprio sapato de cristal".

Sandro Ischkanian (2025) traz uma perspectiva equilibrada e fundamentada sobre o papel das madrastas simbólicas na construção da subjetividade feminina, reconhecendo que, no mundo atual, os vilões muitas vezes habitam a mente e o inconsciente das próprias mulheres, mas sua leitura, por vezes, recai em uma generalização dos arquétipos, sem considerar com mais nitidez as transformações históricas e sociais que ressignificaram essas figuras dentro de novos contextos familiares e afetivos.

Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos (2025) oferece uma reflexão sensível sobre o rompimento da expectativa do “príncipe salvador” e a virada da mulher em direção à sua própria força, apresentando um elogio à coragem e ao amadurecimento emocional como via de conquista de si, ainda que sua análise poderia ser mais incisiva quanto às ambiguidades presentes nas representações de sucesso feminino, muitas vezes colonizadas por ideais de perfeição que contradizem o próprio processo de individuação.

Silvana Nascimento de Carvalho (2025) enriquece a abordagem ao enfatizar as "irmãs invejosas" como expressões internas da comparação destrutiva e da crítica autossabotadora, o que permite uma releitura poderosa do conto clássico na clínica contemporânea, embora, em algumas passagens, sua análise tenda a romantizar o sofrimento como parte necessária do amadurecimento, sem problematizar suficientemente os limites e os danos que esse sofrimento pode representar quando naturalizado.

Gabriel Nascimento de Carvalho (2025) propõe uma leitura simbólica sólida e instigante sobre o conflito entre desejo e dever na trajetória de Cinderela moderna, valorizando a reconstrução da identidade a partir do enfrentamento das sombras interiores, ainda que sua visão pudesse ampliar o papel das redes de apoio e das experiências comunitárias como espaços de cura e transformação, evitando uma centralização excessiva na autorresponsabilidade individual como única via de emancipação.

O baile, momento-chave da história de Cinderela, é hoje uma metáfora para os múltiplos espaços onde a mulher pode se mostrar ao mundo — seja na esfera profissional, acadêmica, criativa ou relacional. Mas para chegar até lá, ela precisa muitas vezes de um processo profundo de autoconhecimento, cura e empoderamento. E a fada madrinha? Esta figura arquetípica, tão importante quanto o príncipe, pode surgir como um terapeuta, um grupo de apoio, uma mentora, uma amizade sincera, ou até mesmo como a própria intuição, quando finalmente ouvida e respeitada. Jung (2011, p. 63) nos lembra que “os símbolos atuam como mensageiros entre o inconsciente e a consciência, possibilitando a transformação psíquica”, e é nesse encontro entre o simbólico e o real que a Cinderela contemporânea encontra forças para se apresentar ao mundo com verdade.

Ao reformular o conto sob essa ótica simbólica, é possível perceber que o “felizes para sempre” da nova Cinderela não é mais condicionado a um relacionamento amoroso tradicional, mas à capacidade de viver de forma plena, com integridade emocional e liberdade. Muitas dessas mulheres escolhem não casar, ou casar mais tarde, ou ainda estabelecer outros tipos de vínculos afetivos, com ou sem filhos. O príncipe, longe de ser idealizado, precisa agora ser um parceiro real, que compreenda que a princesa também trabalha, pensa, sofre, sonha e tem voz. O amor, nesse novo

paradigma, é baseado na reciprocidade e na admiração mútua, não mais em papéis fixos ou expectativas de submissão.

É importante reconhecer que, apesar de todas essas conquistas e transformações, a jornada da Cinderela moderna continua atravessada por desafios. A pressão por desempenho, as exigências de produtividade, a hiperexposição nas redes sociais e a solidão emocional são obstáculos reais que também precisam ser nomeados e enfrentados. Mas a simbologia dos contos continua oferecendo ferramentas preciosas para essa travessia. Quando lidos com consciência crítica e sensibilidade psíquica, esses relatos antigos revelam não apenas as estruturas de opressão que precisam ser desfeitas, mas também os caminhos de cura, crescimento e liberdade que permanecem disponíveis para quem ousa, como Cinderela, transformar a dor em beleza e o silêncio em potência.

Como sugere Marcelino e Carvalho (2005, p. 76), “as emoções reprimidas, especialmente em jovens, geram impactos diretos na saúde psíquica e física”, o que demonstra que as Cinderelas contemporâneas precisam não apenas de visibilidade social, mas de espaços seguros para elaborar seus conflitos internos, integrando as suas dores e conquistas numa narrativa coerente e digna.

As jovens mulheres do século XXI são Cinderelas que dançam em outros salões, que usam sapatilhas ao invés de saltos, que constroem seus castelos de forma autônoma, mas que, ainda assim, mantêm viva a esperança do amor — não mais como ideal romântico absoluto, mas como encontro possível entre duas subjetividades que se respeitam e se reconhecem.

2.3. O ENFRENTAMENTO DO MEDO E DA MALDADE NA SOCIEDADE

Os contos de fadas como "Chapeuzinho Vermelho" e "João e Maria" oferecem poderosos símbolos do medo do desconhecido e da luta contra forças malignas, representando os desafios psicológicos que crianças e jovens enfrentam ao confrontar perigos reais e simbólicos no mundo externo e interno. Essas narrativas atuam como metáforas que preparam os indivíduos para reconhecer e enfrentar as ameaças, sejam elas externas — como pessoas mal-intencionadas — ou internas — como os próprios medos e sombras inconscientes. Segundo Martin (2012, p. 89), "os símbolos arquetípicos dos contos fornecem um mapa psíquico para navegar pelas tensões entre o medo e a coragem, o conhecido e o desconhecido, o bem e o mal", mostrando como essas histórias cumprem um papel protetivo e educativo na formação da consciência.

Na sociedade contemporânea, entretanto, a proteção contra os “lobos maus” da vida requer uma abordagem consciente e ativa por parte dos pais e responsáveis, que precisam estar atentos não só às ameaças externas — como violência, influências negativas e abusos — mas também às fragilidades emocionais e psicológicas de crianças e jovens. A escolha criteriosa de novos parceiros afetivos é um aspecto crucial nesse contexto, pois esses indivíduos não apenas compartilham a vida

amorosa dos pais, mas podem se tornar figuras de referência para as crianças, influenciando seu desenvolvimento emocional e moral. Penna (2014, p. 114) enfatiza que “a presença de uma figura cuidadora que une firmeza e afeto é essencial para a construção do senso de segurança e pertencimento nas crianças, fatores que lhes conferem resiliência diante do medo e da ameaça”.

Juliana Balta Ferreira (2025) destaca que os contos de fadas, como "Chapeuzinho Vermelho" e "João e Maria", funcionam como importantes recursos simbólicos para que crianças e jovens internalizem o enfrentamento do medo e da maldade, promovendo o desenvolvimento de estratégias psíquicas para lidar com ameaças, porém ela alerta para a limitação dessas histórias quando não acompanhadas de uma mediação adulta consciente que favoreça a reflexão crítica sobre os perigos reais da vida contemporânea, o que pode gerar interpretações simplistas ou distorcidas dos desafios enfrentados.

Simone Ischkanian (2025) reconhece o valor educativo dos contos de fadas ao estruturar arquétipos que simbolizam o medo do desconhecido e a luta contra o mal, oferecendo às crianças um modelo narrativo para reconhecer e superar essas forças, contudo ela aponta que o papel dos pais e educadores é fundamental para contextualizar essas histórias na realidade atual, pois a ausência dessa mediação pode deixar os jovens vulneráveis às influências externas negativas e dificultar o desenvolvimento emocional equilibrado.

Gladys Cabral (2025) enfatiza que as narrativas clássicas representam, de forma simbólica e metafórica, os conflitos internos que as crianças enfrentam, especialmente o medo e a insegurança, servindo como ferramentas psicoterapêuticas para o crescimento emocional; entretanto, ela também adverte que a transformação do papel dos cuidadores, especialmente na escolha de novos parceiros afetivos que assumem responsabilidades parentais, é um fator que pode tanto fortalecer quanto fragilizar esse processo, dependendo da qualidade afetiva e da estabilidade do ambiente familiar.

Sandro Ischkanian (2025) destaca que o enfrentamento do medo e da maldade, retratado em contos como "Chapeuzinho Vermelho", se apresenta como um desafio primordial para a formação do senso de segurança e identidade das crianças, mas que o contexto contemporâneo exige dos adultos uma atuação mais consciente e estruturada, pois a exposição a riscos sociais e emocionais ampliados pode dificultar a proteção oferecida pelos mitos tradicionais, exigindo novas formas de intervenção e apoio familiar.

Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos (2025) analisa a função simbólica dos contos de fadas como mapas psíquicos que ajudam a criança a navegar as tensões entre medo e coragem, enfatizando a importância do suporte familiar, especialmente em lares que passam por mudanças como a entrada de novos parceiros afetivos, pois ela ressalta que esses vínculos podem fortalecer ou prejudicar o

desenvolvimento emocional das crianças, dependendo do grau de cuidado, afeto e estabilidade que lhes seja oferecido.

Silvana Nascimento de Carvalho (2025) salienta que os contos de fadas funcionam como dispositivos simbólicos capazes de preparar a psique infantil para reconhecer e enfrentar o mal, entretanto ela chama atenção para os riscos de uma idealização excessiva dessas narrativas se descoladas da realidade atual, ressaltando que a escolha de novos parceiros pelos pais — que muitas vezes assumem papel parental — demanda uma reflexão cuidadosa para evitar vulnerabilidades emocionais nas crianças, ressaltando a necessidade de um olhar atento e acolhedor na criação contemporânea.

Gabriel Nascimento de Carvalho (2025) argumenta que o poder dos símbolos presentes em "Chapeuzinho Vermelho" e "João e Maria" está na capacidade de representar os medos internos e externos, funcionando como ferramentas psíquicas para o fortalecimento da resiliência, mas ele também alerta que, na sociedade atual, os desafios aumentados e a complexidade das relações familiares exigem que esses mitos sejam acompanhados de uma rede de apoio que inclui a participação ativa dos pais, responsáveis e educadores, sob pena de a simbologia perder eficácia frente aos riscos concretos e às vulnerabilidades emocionais das crianças.

O papel dos avós, tanto no passado quanto nos dias atuais, assume uma dimensão especial na proteção e educação dos filhos dos filhos, especialmente em contextos nos quais a família nuclear encontra-se fragilizada ou dividida. Avós atuam como pilares de estabilidade emocional e tradições culturais, transmitindo valores, histórias e experiências que reforçam o sentido de continuidade e pertencimento. Roth (2012, p. 254) destaca que “a figura da grande mãe — que pode ser simbolizada pela avó — representa o arquétipo do cuidado sustentador e da segurança primordial, cuja presença é fundamental para o equilíbrio psíquico das novas gerações”. Tal papel, quando bem exercido, ajuda a criar um espaço seguro onde crianças e jovens podem processar seus medos e crescer emocionalmente.

O desafio contemporâneo inclui o fato de que muitos avós atualmente assumem responsabilidades parentais plenas, criando os filhos dos filhos, o que pode ser ao mesmo tempo um ato de amor e uma sobrecarga geracional que impacta a dinâmica familiar. Essa situação exige dos avós não só força emocional, mas também flexibilidade para conciliar seus próprios processos de envelhecimento com as demandas da criação, o que nem sempre é fácil nem isento de tensões. Neumann (1996, p. 172) comenta que “a grande mãe no inconsciente coletivo é um arquétipo que sustenta, mas também pode aprisionar; é preciso que haja equilíbrio para que o cuidado não se torne um fardo e permita a autonomia dos novos ciclos de vida”.

A sociedade precisa garantir que essas redes familiares ampliadas recebam o apoio necessário, sobretudo quando lidam com condições especiais, como no caso de crianças com necessidades médicas específicas, por exemplo, o diabetes tipo 1, que requer cuidados constantes e multidisciplinares. Okido et al. (2017, p. 3) apontam que "a qualidade do suporte familiar influencia diretamente no manejo da doença e na qualidade de vida das crianças, evidenciando o papel crucial dos vínculos afetivos e do suporte psicossocial no enfrentamento das adversidades". Assim, a rede de proteção familiar torna-se vital não apenas para a sobrevivência física, mas também para o fortalecimento psíquico diante dos desafios da vida.

Compreender a função simbólica dos contos de fadas e o papel das estruturas familiares na formação da resiliência é fundamental para a psicologia analítica e para a prática clínica contemporânea. Roth (2012, p. 260) enfatiza que "a integração do consciente e do inconsciente, representada na vivência simbólica dos contos, só é possível num contexto que ofereça segurança emocional, apoio e amor, fornecidos, em grande medida, pela família e comunidade". Livrar crianças e jovens dos lobos maus da vida é um empreendimento coletivo, que passa pela mediação cuidadosa dos adultos, o fortalecimento das redes familiares e a valorização dos símbolos que nos orientam na complexa dança entre luz e sombra, medo e coragem.

2.4. OS CONTOS COMO ESPELHOS DO EU

Os contos de fadas funcionam como verdadeiros espelhos do Eu interior, refletindo não apenas aquilo que o sujeito conscientemente sente, mas também seus medos, desejos e conflitos profundos que muitas vezes escapam à compreensão racional. A jornada do herói, presente em narrativas clássicas, é uma poderosa metáfora da busca individual pelo sentido da existência, pela construção da identidade e pela superação dos obstáculos internos e externos que o indivíduo enfrenta. Como observa Campbell (1990, p. 45), o herói atravessa múltiplas fases, enfrentando crises que espelham os dilemas da psique humana, e esses contos auxiliam na integração dessas experiências fragmentadas, proporcionando um caminho para a individuação.

Em um contexto contemporâneo marcado pela hiperexposição mediada pelas redes sociais, a construção da identidade torna-se um processo complexo e frequentemente superficial, pautado em aparências, validações externas e a constante necessidade de aprovação social.

A cultura digital, embora ofereça ferramentas poderosas para a comunicação e expressão, também pode gerar um ambiente de intensa comparação e competição, onde o valor do indivíduo muitas vezes é medido por números — curtidas, seguidores, comentários — em vez de sua essência mais profunda. Nesse cenário, a persona construída torna-se um reflexo distorcido, muitas vezes desconectado do verdadeiro Eu, criando uma crise identitária que atinge especialmente crianças,

jovens e até adultos que buscam se definir e se afirmar em meio ao ruído informacional. É nesse espaço que os contos de fadas, com sua riqueza simbólica e ancestral, surgem como um instrumento valioso para o resgate da autenticidade, promovendo um reencontro com as qualidades internas esquecidas ou reprimidas, como a coragem, a vulnerabilidade e a esperança, que são fundamentais para a construção de um self verdadeiro e integrado.

Ao mergulhar na leitura e interpretação dos contos de fadas, o sujeito é convidado a um exercício de introspecção que transcende a mera diversão ou entretenimento infantil, pois essas narrativas são capazes de tocar camadas profundas do inconsciente, trazendo à tona arquétipos que refletem os dilemas e desafios universais da existência humana. Jung (1984, p. 230) descreve o self como o arquétipo da totalidade, simbolizando a meta última do desenvolvimento psicológico: a individuação, ou seja, a integração harmoniosa dos opostos internos — luz e sombra, consciência e inconsciente, razão e emoção — que compõem a complexidade da psique. Ao reconhecer e aceitar suas próprias sombras — medos, fraquezas, aspectos reprimidos — o indivíduo abre espaço para o crescimento e a transformação, rompendo com a fragmentação imposta pelo contexto social e tecnológico atual. Assim, os contos de fadas oferecem um mapa simbólico que ajuda a navegar pelas dificuldades, possibilitando a reconciliação com a própria história e a construção de uma identidade mais sólida e genuína.

No panorama das redes sociais, onde a exposição constante e o julgamento público podem exacerbar sentimentos de insegurança, inadequação e ansiedade, os contos de fadas exercem uma função psicológica protetiva, funcionando como um espaço simbólico de refúgio e reconstrução. Através da identificação com os personagens e suas jornadas, o sujeito encontra modelos de enfrentamento de adversidades, superação de obstáculos e conquista da autonomia emocional, elementos essenciais para fortalecer a autoestima e a resiliência. Por exemplo, a trajetória da Cinderela, que enfrenta rejeição e injustiça, mas mantém a esperança e a fé em sua própria dignidade, pode inspirar leitores a perseverar em suas lutas pessoais, mesmo diante de ambientes sociais desafiadores. Essa identificação simbólica permite que o sujeito compreenda que suas dores e conflitos são parte de um processo maior de crescimento, favorecendo uma postura mais compassiva consigo mesmo e com o outro.

Em um mundo que valoriza a perfeição e o controle, revelar fragilidades pode ser visto como um risco, o que dificulta a expressão genuína dos sentimentos e limita o desenvolvimento emocional saudável. As narrativas dos contos de fadas, no entanto, mostram que a coragem não é a ausência do medo, mas a capacidade de enfrentá-lo e integrá-lo na jornada do herói. Essa mensagem é especialmente relevante para as novas gerações, que convivem com pressões intensas para corresponder a padrões idealizados e muitas vezes inalcançáveis. Ao acolher a própria

vulnerabilidade, os indivíduos podem acessar uma fonte profunda de autenticidade e criatividade, que fortalece o self e possibilita relações interpessoais mais verdadeiras e significativas.

Os contos de fadas funcionam como uma ponte entre o indivíduo e a coletividade, ajudando a situar a experiência pessoal dentro de uma trama maior de significados compartilhados. Jung enfatiza que o self não é apenas um centro interno, mas está conectado a um inconsciente coletivo que contém imagens e temas universais, transmitidos por gerações através dos mitos e histórias. Nesse sentido, ao se envolver com os contos, o sujeito não apenas se reconhece enquanto indivíduo, mas também enquanto parte de uma humanidade comum, com seus dilemas, lutas e potenciais. Esse reconhecimento amplia a perspectiva, promovendo empatia e sentido de pertencimento, aspectos que ajudam a equilibrar o sentimento de isolamento muitas vezes amplificado pela experiência digital. O retorno ao self, portanto, implica também uma reintegração social, onde o indivíduo se vê como um todo, em diálogo com seu mundo interno e externo.

É importante destacar que a prática da leitura e reflexão sobre contos de fadas deve ser mediada por espaços educativos e terapêuticos que ajudem a decodificar esses símbolos e apoiar o processo de individuação. Em uma cultura saturada de estímulos visuais rápidos e fragmentados, o convite a uma imersão simbólica e reflexiva é um gesto de resistência contra a superficialidade e a alienação. Através dessa prática, crianças, jovens e adultos podem desenvolver maior autoconsciência, fortalecer suas defesas psíquicas e construir narrativas pessoais mais coerentes e integradas. Essa reconexão com o self, facilitada pelos contos de fadas, é uma ferramenta poderosa para enfrentar os desafios da vida moderna, possibilitando que o sujeito não se perca nas projeções externas, mas encontre dentro de si mesmo um lugar seguro, criativo e autêntico para habitar e florescer.

O conto de “Cinderela” exemplifica de forma emblemática o processo doloroso e ao mesmo tempo esperançoso do resgate do Eu diante do desamparo social e da rejeição. Andersen (2008, p. 68) descreve a protagonista que, apesar das adversidades impostas pelas madrastas e irmãs, mantém sua integridade e autovalor, um reflexo da perseverança necessária para superar sentimentos de abandono e solidão que muitos vivenciam. Este percurso narra a necessidade de reconhecimento interno antes que o reconhecimento externo possa se manifestar, um aspecto fundamental para a formação de uma identidade saudável.

Os símbolos animais presentes em vários contos — analisados por Bachmann (2016, p. 101) — atuam como manifestações dos instintos e emoções reprimidas, fornecendo ao indivíduo a possibilidade de acessar conteúdos inconscientes essenciais para o autoconhecimento. Esses elementos simbólicos, presentes nos sonhos e nas narrativas, facilitam a comunicação entre o

consciente e o inconsciente, revelando conflitos e potenciais que, uma vez integrados, promovem a harmonização psíquica e o fortalecimento do Eu.

A importância dos contos de fadas também se revela no fato de que eles preservam uma dimensão mítica e atemporal, onde valores fundamentais são transmitidos através das gerações, auxiliando o sujeito a se situar num mundo complexo e em constante transformação. Bettelheim (1980, p. 143) ressalta que essas histórias não apenas entretêm, mas cumprem uma função terapêutica, pois permitem que crianças e adultos confrontem seus medos e anseios de maneira segura, internalizando modelos que sustentam a resiliência e a esperança.

A compreensão do simbolismo universal que permeia os contos de fadas é fundamental para captar a profundidade dessas narrativas que atravessam culturas e épocas, transcendendo as particularidades históricas e geográficas para tocar aspectos essenciais da experiência humana. Obras como o *Dicionário de Símbolos* de Chevalier e Gheerbrant (1992, p. 356) são referências imprescindíveis nesse campo, pois sistematizam a interpretação de cores, números, formas, gestos e figuras que se repetem de maneira recorrente em contos, mitos, sonhos e rituais ao redor do mundo, revelando sua conexão com arquétipos universais. Esses símbolos carregam múltiplos níveis de significado que operam simultaneamente no consciente e no inconsciente, funcionando como pontes entre o Eu individual e o Eu coletivo, entre o presente vivido e as tradições ancestrais que moldaram o imaginário humano.

Ao reconhecer o simbolismo compartilhado presente nos contos, torna-se possível compreender como essas histórias agem como verdadeiros espelhos do inconsciente coletivo, conceito central na psicologia analítica junguiana, que propõe a existência de imagens primordiais e universais que estruturam a psique humana. A repetição desses símbolos em diferentes culturas, apesar das variações superficiais, indica uma matriz psíquica comum que articula experiências fundamentais da vida — como o nascimento, a morte, o amor, o medo e a transcendência — e que orienta a jornada de individuação de cada sujeito. Assim, os contos de fadas não são apenas narrativas lúdicas, mas veículos de sabedoria que conectam o indivíduo ao patrimônio simbólico da humanidade, oferecendo referências para o autoconhecimento e a superação dos conflitos internos.

A universalidade dos símbolos encontrados nos contos permite que o sujeito estabeleça um diálogo rico e profundo com seu próprio inconsciente, facilitando o reconhecimento e a integração dos conteúdos reprimidos ou desconhecidos que atuam em sua psique. A cor, por exemplo, não é meramente um elemento estético, mas possui conotações simbólicas poderosas — o vermelho pode significar paixão, perigo ou vitalidade; o branco, pureza ou vazio; o negro, mistério ou sombra. Números recorrentes, como o três ou sete, evocam estruturas míticas ligadas à perfeição, transformação ou completude. Gestos e figuras arquetípicas, como a serpente, o dragão ou o herói,

simbolizam forças interiores que o sujeito deve enfrentar e integrar para alcançar um estado mais pleno de consciência. Compreender essas simbologias amplia a capacidade do indivíduo de interpretar seus próprios sonhos, emoções e experiências de vida à luz de uma linguagem simbólica universal.

A ligação entre o Eu individual e os símbolos universais também reforça a ideia de que o processo de autoconhecimento não é uma jornada isolada, mas sim uma reconexão com tradições e sabedorias ancestrais que atravessam gerações. Ao dialogar com os símbolos presentes nos contos, o sujeito participa de um fluxo contínuo de significado que une passado e presente, pessoal e coletivo. Essa conexão possibilita a valorização das raízes culturais e espirituais, oferecendo um senso de pertencimento e continuidade que é fundamental para a estabilidade emocional e psíquica. O conto de fadas atua como uma ponte que une o indivíduo moderno, muitas vezes alienado e fragmentado, ao vasto e profundo campo das experiências humanas que o antecederam, enriquecendo sua identidade e fortalecendo sua jornada existencial.

Essa riqueza simbólica não se revela automaticamente ao leitor ou ouvinte dos contos; ela exige um processo consciente de reflexão e interpretação, muitas vezes orientado por mediadores como educadores, terapeutas ou pesquisadores, que possam ajudar a decodificar esses símbolos e contextualizá-los de maneira que façam sentido na experiência pessoal e social do sujeito.

A superficialidade com que a cultura contemporânea muitas vezes aborda os contos — limitando-os a meras histórias infantis ou entretenimento — pode impedir o acesso a esses níveis profundos de significado, comprometendo o potencial transformador dessas narrativas. A valorização do simbolismo universal encontrado nos contos deve ser acompanhada de uma postura aberta e investigativa, que reconheça a complexidade do imaginário e o poder terapêutico da linguagem simbólica.

O reconhecimento da importância dos símbolos universais nas histórias de contos de fadas amplia não apenas a compreensão individual, mas também a dimensão cultural e social do seu significado, mostrando como essas narrativas desempenham um papel fundamental na construção e manutenção dos valores, mitos e ideais que sustentam as comunidades humanas. Elas funcionam como um elo entre o passado e o presente, entre o mito e a vida cotidiana, ajudando a moldar a identidade coletiva e a orientar o comportamento social.

A pesquisa e o estudo do simbolismo universal, conforme exemplificado por Chevalier e Gheerbrant, não apenas enriquecem a psicologia analítica e a literatura, mas também fortalecem o entendimento das raízes profundas do ser humano, contribuindo para uma cultura mais consciente, integrada e resiliente.

2.5. O OUTRO NOS CONTOS: ESPELHOS DA RELAÇÃO

Nos contos de fadas, o Outro assume diversas formas simbólicas, tais como madrastas, vilões, salvadores ou ajudantes mágicos, que representam não apenas figuras externas, mas também aspectos internos do Eu projetados na relação com o mundo. Esses personagens funcionam como alter egos ou arquétipos que desafiam, acolhem, confrontam ou apoiam o sujeito, estimulando seu crescimento psíquico por meio da experiência da alteridade. O Outro, assim, é um elemento fundamental para a jornada do herói, pois é por meio da relação dialética com essas figuras que o Eu se reconhece, expande sua consciência e evolui. Como destaca Penna (2014, p. 132), o contato com o Outro simbólico nas narrativas é "um processo essencial de individuação, no qual o sujeito precisa reconhecer suas projeções e integrar as polaridades internas para alcançar a totalidade".

No contexto da sociedade contemporânea, marcada por divisões, polarizações e muitas vezes pela incapacidade de diálogo, os contos oferecem um caminho para ressignificar a relação com o Outro, convidando a olhar para ele não como inimigo ou ameaça, mas como espelho e agente transformador. A figura da Fera, em "A Bela e a Fera", ilustra essa necessidade de ultrapassar as aparências superficiais para perceber a essência humana e a complexidade do Outro, que pode carregar tanto feridas quanto potenciais de cura. Essa perspectiva é fundamental para as relações humanas reais, onde a aceitação e a empatia abrem espaço para conexões verdadeiras, ao contrário da hostilidade ou do preconceito. Roth (2012, p. 245) enfatiza que "a psicologia analítica reconhece no Outro uma parte do Self que precisa ser integrada, desvelando o processo de reconciliação interna e externa que promove a saúde mental".

Entretanto, o Outro também pode manifestar-se como um agente tóxico, representado nas relações sociais por elementos destrutivos como o uso abusivo de drogas — fumo, álcool, vícios — que funcionam como vilões da sociedade contemporânea. Esses elementos contaminam relações, desgastam vínculos e representam tentativas equivocadas de busca por pertencimento ou alívio emocional. O uso abusivo dessas substâncias muitas vezes é uma forma negativa de tentar provar algo para alguém — um sinal de insegurança, dor ou necessidade de controle — que acaba agravando os conflitos e promovendo o isolamento. O impacto dessas dinâmicas reflete-se, em especial, nas famílias, onde o convívio se torna permeado por tensões e ciclos de sofrimento, dificultando a construção de relações saudáveis. Segundo Okido et al. (2017, p. 98), "as demandas emocionais e sociais decorrentes do abuso de substâncias têm efeitos profundos sobre o desenvolvimento psíquico e físico de crianças e jovens, evidenciando a urgência de intervenções integradas".

Juliana Balta Ferreira (2025) ressalta que, em meio às complexas dinâmicas sociais atuais, os contos de fadas exercem um papel fundamental ao promoverem a compreensão simbólica do Outro como agente de transformação e empatia, porém também alerta para os desafios que surgem

quando essas relações se tornam tóxicas, especialmente pela influência do uso abusivo de substâncias como álcool e fumo, que corroem a saúde emocional dos indivíduos e comprometem os vínculos familiares, exigindo assim intervenções que ultrapassem a mera compreensão teórica para abarcar ações concretas de cuidado e prevenção.

Simone Ischkanian (2025) destaca que, apesar do potencial dos contos de fadas para oferecerem metáforas poderosas que ajudam a ressignificar o papel do Outro na construção do Self e no desenvolvimento da empatia, a realidade social contemporânea, marcada por polarizações e problemas como o abuso de drogas, impõe obstáculos significativos, pois o Outro, ao mesmo tempo que pode ser um espelho para o crescimento interior, também pode encarnar comportamentos destrutivos que aprofundam o sofrimento individual e coletivo, demandando, assim, abordagens terapêuticas e educativas integradas para a superação dessas adversidades.

Gladys Cabral (2025) evidencia que a figura do Outro nos contos, embora ofereça possibilidades ricas de transformação psíquica e relacional, se vê tensionada pelo contexto social atual, onde vícios e comportamentos autodestrutivos, como o uso de álcool e drogas, atuam como vilões que dificultam a construção de relações saudáveis e a efetiva integração do Self, colocando em xeque a capacidade de acolhimento e superação, e mostrando a urgência de políticas públicas e ações comunitárias que promovam ambientes protetivos e restauradores para famílias e indivíduos vulneráveis.

Sandro Ischkanian (2025) argumenta que os contos de fadas, com suas personagens arquetípicas do Outro — desde vilões até salvadores — exemplificam o papel dialético dessa figura no desenvolvimento do Eu, e que, embora esses relatos propiciem o reconhecimento da importância da empatia e do respeito ao Outro, a presença de elementos nocivos como o abuso de substâncias químicas pode transformar essa relação em um terreno hostil, onde a tentativa de provar algo para si ou para os outros por meio desses vícios gera uma dinâmica perversa que exige compreensão psicológica profunda e intervenção social eficaz.

Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos (2025) enfatiza que, embora os contos de fadas mostrem a importância do Outro como espelho para o autoconhecimento e o crescimento emocional, o contexto social atual repleto de desafios como o uso abusivo de álcool, fumo e outras drogas cria relações tóxicas que comprometem esse processo, levando a um ciclo de sofrimento e isolamento, o que torna imprescindível o fortalecimento de redes de apoio familiar e comunitário, bem como a conscientização e educação para o enfrentamento dessas problemáticas.

Silvana Nascimento de Carvalho (2025) observa que a narrativa dos contos, ao apresentar o Outro como figura complexa e multifacetada, abre espaço para reflexões profundas sobre as relações humanas, entretanto, o impacto negativo do abuso de substâncias psicoativas — que se configuram

como verdadeiros vilões nas histórias reais da vida — evidencia a fragilidade dessas conexões, provocando um desgaste emocional que dificulta a construção de vínculos sólidos e saudáveis, o que torna fundamental uma abordagem interdisciplinar para a promoção do bem-estar e da saúde mental.

Gabriel Nascimento de Carvalho (2025) destaca que os contos de fadas ilustram como o Outro pode ser tanto um agente de cura quanto de conflito dentro da psique humana, entretanto, no contexto contemporâneo, o avanço de problemas como o vício em álcool, tabaco e outras drogas reflete um aspecto sombrio dessa alteridade, pois tais comportamentos atuam como mecanismos negativos de enfrentamento e comunicação, criando relações tóxicas que minam a saúde emocional e social, sinalizando a necessidade urgente de estratégias preventivas e terapêuticas que promovam a reconciliação e o equilíbrio nas relações interpessoais.

No espectro das relações, é possível distinguir claramente entre conexões positivas e tóxicas. As relações positivas são aquelas que promovem acolhimento, crescimento mútuo, respeito e apoio emocional, funcionando como espaços seguros para a expressão do Eu autêntico. Já as relações tóxicas manifestam-se por abuso, manipulação, controle, violência e dependência emocional, minando a autoestima e impedindo o desenvolvimento saudável do sujeito.

No Brasil, a Lei Maria da Penha simboliza uma conquista social importante para a proteção contra a violência doméstica, que frequentemente representa o reflexo mais cruel das relações tóxicas entre o Outro e o Eu. Essa legislação não só protege vítimas, mas também impulsiona uma mudança cultural que busca desnaturalizar o ciclo de abuso e promover o respeito e a igualdade nas relações afetivas. Neumann (1996, p. 211) ressalta que "a confrontação com a sombra do Outro na dinâmica familiar é um desafio que demanda coragem e transformação, para que o espaço doméstico possa se tornar um lugar de segurança e desenvolvimento emocional".

A psicologia analítica oferece importantes instrumentos para compreender e intervir nessas dinâmicas, ao evidenciar que o Outro é sempre parte do Self e que o enfrentamento dos conflitos interpessoais passa necessariamente pela integração das polaridades internas. O trabalho terapêutico visa ajudar o sujeito a reconhecer suas próprias projeções, compreender as motivações inconscientes por trás das relações disfuncionais e fortalecer a capacidade de estabelecer vínculos saudáveis. Penna (2014, p. 157) destaca que "o processo simbólico-arquetípico na terapia permite que o indivíduo reescreva sua narrativa relacional, transformando a dor em aprendizado e o conflito em oportunidade de crescimento". A reconstrução das relações, sejam elas familiares, amorosas ou sociais, depende do entendimento profundo do papel do Outro como espelho e agente de transformação na trajetória do Eu.

Os contos de fadas, com seus personagens arquetípicos, funcionam como poderosos espelhos da relação entre Eu e Outro, mostrando os desafios e as possibilidades que existem na

convivência humana. Ao reconhecer o Outro para além das aparências, e ao identificar os vilões simbólicos e reais que comprometem as relações — como o abuso de drogas e a violência —, é possível construir uma convivência baseada na empatia, no respeito e na transformação pessoal e coletiva.

A literatura e a psicologia juntas apontam para a necessidade urgente de cultivar relações positivas que fortaleçam a identidade, a autonomia e a esperança, iluminando o caminho para uma sociedade mais justa e acolhedora.

2.6. O NÓS: LAÇOS, CULTURA E COLETIVIDADE

Os contos de fadas transcendem o simples entretenimento e se configuram como expressões culturais profundas que carregam os valores, os medos e as esperanças de uma sociedade, funcionando como pontes simbólicas que conectam indivíduos por meio de uma identidade coletiva compartilhada — o "Nós". Quando essas histórias são ouvidas ou lidas em conjunto, especialmente entre diferentes gerações, elas promovem a construção de laços sociais sólidos e o fortalecimento do sentimento de pertencimento, permitindo que cada indivíduo reconheça sua própria história e a do grupo ao qual pertence, além de reforçar a continuidade de tradições que sustentam a cultura e os modos de vida coletivos. Essa experiência compartilhada transforma o conto em uma ferramenta que não só entretém, mas também educa e unifica, criando um terreno comum onde a diversidade pode coexistir e as relações interpessoais se aprofundam (Campbell, 1990, p. 52).

Em um mundo contemporâneo marcado por um individualismo exacerbado, onde as conexões sociais muitas vezes se fragmentam diante da velocidade das interações digitais e da competitividade, os contos de fadas recuperam o valor do "Nós" como um espaço de acolhimento e cooperação, destacando que o crescimento e a realização pessoal não ocorrem isoladamente, mas como parte de um processo coletivo. Essa visão enfatiza que, apesar da valorização da autonomia e da singularidade, o ser humano é, por natureza, um ser relacional e interdependente, cuja identidade se forma e se reafirma no contato com o Outro e com a comunidade. Campbell (1990, p. 103) já indicava essa dimensão ao explorar a jornada do herói como uma narrativa que, embora centrada no indivíduo, está profundamente enraizada na cultura e nos mitos que sustentam o coletivo.

No contexto do conto "Branca de Neve", a solidariedade dos anões representa de maneira emblemática o papel da comunidade como um espaço de suporte diante da exclusão familiar e do abandono. Essa relação simboliza a importância do acolhimento social para a sobrevivência emocional e psicológica, sobretudo quando os laços de origem falham ou se rompem. A presença dos anões mostra que a construção do "Nós" pode acontecer em novos contextos, além dos familiares, e que a cooperação e o cuidado mútuo são essenciais para a resistência frente às adversidades. Assim, o

conto serve como um lembrete da necessidade humana por redes de apoio que transcendam a mera convivência, funcionando como um verdadeiro abrigo e fonte de força (Corso & Corso, 2006, p. 78).

Corroborando essa ideia, Chevalier e Gheerbrant (1992, p. 356) enfatizam que os símbolos presentes nos contos — sejam cores, gestos ou figuras — atuam como elementos universais que reforçam a experiência coletiva e a transmissão cultural, fortalecendo o "Nós" por meio da linguagem simbólica compartilhada. Esses símbolos ressoam no inconsciente coletivo, fazendo com que indivíduos de diferentes épocas e origens possam se reconhecer e se conectar, mesmo diante das diferenças superficiais. Os contos se tornam um território onde a cultura se renova e onde o "Nós" se mantém vivo, atualizando-se e adaptando-se às transformações sociais, mas sempre mantendo sua essência integradora.

A psicanálise, especialmente na abordagem de Corso e Corso (2006, p. 92), aponta que os contos funcionam como uma espécie de divã coletivo, onde as tensões e conflitos pessoais encontram um espaço para serem elaborados à luz do coletivo, permitindo que a busca por identidade e pertencimento se realize de forma integrada. Essa dimensão terapêutica reforça a importância do "Nós" como um espaço de escuta, compreensão e acolhimento, que contribui para a saúde mental e emocional, ao oferecer modelos simbólicos para o enfrentamento das dificuldades e a celebração das conquistas pessoais e coletivas.

Estes (1994, p. 136) nos lembra que a descoberta do "Nós" está intrinsecamente ligada à aceitação e ao reconhecimento de nossa própria história e essência, representadas nos contos por personagens que buscam seu lugar no mundo. O "patinho feio", por exemplo, simboliza essa jornada de pertencimento que vai além das aparências e das exclusões, revelando que o "Nós" não é apenas um agrupamento externo, mas uma reconciliação interna que permite que o indivíduo se sinta parte de algo maior e, simultaneamente, autêntico.

Os contos de fadas convidam a refletir sobre a importância de cultivar laços culturais e afetivos, mantendo viva a chama da coletividade mesmo em tempos desafiadores de individualismo e fragmentação social.

2.7. ARQUÉTIPOS E SÍMBOLOS COMO PONTES ENTRE O EU E O MUNDO

Os contos de fadas, longe de serem apenas narrativas fantasiosas, constituem uma linguagem simbólica profunda que conecta o indivíduo às dimensões mais arcaicas da psique e às experiências coletivas da humanidade. Símbolos como a floresta, a maçã, a madrasta ou o castelo não são meras invenções narrativas, mas expressões arquetípicas que emergem do inconsciente coletivo e se repetem em culturas diversas, revelando aspectos universais da condição humana. Como explica

Jung (1984, p. 35), os arquétipos são formas primordiais que moldam a maneira como percebemos e organizamos a realidade interna e externa, funcionando como pontes entre o Eu e o mundo.

Na sociedade contemporânea, marcada pela aceleração do tempo, fragmentação das relações e esvaziamento simbólico, o retorno à linguagem arquetípica dos contos pode oferecer um espaço de reconexão e sentido.

A floresta escura em "João e Maria", por exemplo, representa não apenas um espaço de abandono e escassez, mas também o território simbólico onde o Eu é desafiado a confrontar seus medos, desenvolver recursos internos e reencontrar caminhos perdidos. Trata-se de um convite à travessia da incerteza — uma experiência bastante comum em tempos de crise econômica, emocional ou existencial (Jung, 1971, p. 87).

O arquétipo da madrasta, presente em histórias como "Branca de Neve" ou "Cinderela", simboliza o lado sombrio da maternidade, a figura que rejeita, pune ou abandona. Essa imagem, muitas vezes mal compreendida, não se refere necessariamente à mãe real, mas sim à experiência subjetiva de sentir-se excluído, não amado ou inadequado. Em termos psicológicos, a madrasta representa os momentos em que o Eu precisa se desapegar da idealização da segurança plena para encarar a realidade da imperfeição e da perda. Como afirma Jung (1971, p. 95), o contato com esses símbolos permite à psique integrar aspectos reprimidos ou negligenciados, promovendo crescimento e autoconhecimento.

O castelo, representa o centro psíquico, o local onde reside a verdade interior ou o tesouro escondido. Para chegar até ele, muitas vezes é necessário atravessar provas, vencer dragões ou romper feitiços — metáforas claras para os processos terapêuticos ou iniciáticos que envolvem dor, coragem e transformação. No mundo atual, esse castelo pode ser entendido como o encontro consigo mesmo, com o propósito de vida ou com a autorrealização, em um contexto onde distrações externas e pressões sociais frequentemente afastam o sujeito de seu centro essencial.

Em "A Bela Adormecida", o sono profundo pode ser interpretado como o arquétipo do recolhimento necessário para que ocorra a metamorfose interior. No contexto da saúde mental, isso se relaciona com momentos de crise ou depressão que, apesar de dolorosos, podem indicar uma pausa necessária para o reordenamento da psique. Kast (2016, p. 89) aponta que "a alma precisa de tempo" — tempo para cicatrizar, compreender e reorganizar-se — algo que a vida apressada atual muitas vezes não permite. O símbolo do sono torna-se, assim, uma metáfora da espera criativa, da gestação de uma nova consciência.

A maçã envenenada, como aparece em "Branca de Neve", simboliza o desejo e o perigo da ingenuidade. Trata-se do confronto entre a curiosidade natural do Eu e as armadilhas do mundo externo, que podem enganar, seduzir e ferir. A maçã é, portanto, uma imagem dual: tanto pode ser

um alimento que nutre, quanto um veneno que paralisa — refletindo a complexidade da vida emocional e a necessidade de desenvolver discernimento. Em um cenário onde fake news, aparências e promessas vazias são frequentes, o símbolo da maçã convida à reflexão sobre o que se consome, literal e simbolicamente (Jung, 1971, p. 102).

A presença do herói ou heroína nos contos de fadas também corresponde a um arquétipo fundamental para o desenvolvimento psíquico. Fillus e Janowski (2013, p. 650) observam que, nas narrativas oníricas infantis, a figura do herói aparece frequentemente como aquele que precisa superar desafios para afirmar sua identidade. Esse processo é essencial tanto para crianças quanto para adultos, pois implica sair da zona de conforto, enfrentar o desconhecido e integrar novas dimensões da personalidade. Nos contos, o herói não é aquele que não sente medo, mas sim o que age apesar dele.

A torre em "Rapunzel" é outro símbolo relevante. Ela representa o confinamento, o isolamento e a repressão dos desejos. Contudo, também é nesse espaço de reclusão que a personagem amadurece, reflete e desenvolve força interior. A torre, portanto, pode ser vista como o símbolo da ansiedade contemporânea — um espaço onde se experimenta a solidão, mas também onde pode emergir a consciência da autonomia e do valor pessoal. O cabelo de Rapunzel, que se transforma em ponte para a liberdade, ilustra como o próprio Eu pode ser o caminho de saída quando se reconhece o poder simbólico das experiências vividas.

Na perspectiva de Jung (1993, p. 121), o símbolo tem a função de compensar desequilíbrios da consciência. Em uma cultura que valoriza o controle, a produtividade e a lógica, os contos de fadas reintroduzem o mistério, o tempo subjetivo e a importância do invisível. Eles convidam o leitor ou ouvinte a mergulhar em imagens que não se explicam racionalmente, mas que falam diretamente à alma, ajudando a elaborar conflitos, perdas e desejos muitas vezes indizíveis pela linguagem comum. Os contos tornam-se instrumentos de cura simbólica e de alfabetização emocional.

Ao apresentarem imagens recorrentes e atemporais, oferecem estruturas narrativas nas quais é possível se reconhecer, espelhar e reinterpretar a própria jornada. Para crianças, esses mapas ajudam a nomear emoções ainda confusas; para adultos, eles oferecem novas leituras sobre experiências passadas ou atuais. A linguagem simbólica, por ser ambígua e aberta, permite múltiplas interpretações, enriquecendo a consciência e facilitando processos de integração emocional (Kast, 2016, p. 91).

O símbolo do animal falante ou mágico, como o lobo, a coruja ou o cavalo encantado, representa aspectos instintivos da psique que, quando escutados e respeitados, auxiliam o Eu na travessia de crises. Esses animais são, muitas vezes, guias do inconsciente que indicam caminhos alternativos, decisões sábias ou alertas necessários. Em uma sociedade que frequentemente

negligencia a intuição e valoriza apenas a razão, os animais nos contos relembram a importância de escutar os sentidos mais profundos da alma e de respeitar a sabedoria do corpo e dos sonhos (Jung, 1984, p. 67).

A figura do ajudante mágico — a fada, o gnomo, o anjo ou o velho sábio — simboliza a esperança e o auxílio inesperado que surge quando o Eu está em sua jornada de transformação. Esses personagens ensinam que, mesmo nas situações mais sombrias, pode haver redenção e luz. Em termos contemporâneos, esse ajudante pode ser uma amizade verdadeira, uma terapia significativa, uma experiência espiritual ou até mesmo um livro transformador. O símbolo, nesse caso, revela o valor da conexão e da transcendência diante das adversidades (Jung, 1971, p. 113).

O fogo, como em "Chapeuzinho Vermelho" ou "A Menina dos Fósforos", é o símbolo da vida, do calor afetivo e da iluminação interior. Ele representa tanto o perigo quanto o renascimento — como nos ritos iniciáticos em que o fogo purifica e prepara para uma nova etapa. Em tempos de frieza emocional e despersonalização das relações, esse símbolo resgata o valor do afeto, da presença e da chama interna que aquece a existência. A sua ausência aponta para o vazio emocional; sua presença, para a potência transformadora do amor e da escuta (Fillus; Janowski, 2013, p. 651).

O símbolo do final feliz não é apenas uma fantasia escapista, mas uma metáfora da integração e da harmonia possíveis, mesmo após longas jornadas de dor. Ele indica que o sofrimento não é o fim da história, mas um estágio necessário na construção da maturidade emocional. Quando bem compreendidos, os contos não prometem finais perfeitos, mas sugerem que, com coragem, autoconhecimento e apoio, é possível restaurar o equilíbrio e encontrar sentido na vida (Kast, 2016, p. 96).

Nesse panorama, os arquétipos e símbolos presentes nos contos de fadas se mostram fundamentais para o fortalecimento da saúde psíquica e emocional, funcionando como espelhos, bússolas e chaves para o inconsciente. Em uma era de incertezas, fragmentação e sofrimento mental crescente, resgatar a linguagem simbólica é mais do que um retorno ao passado — é um ato de reintegração e de cura, que reconecta o Eu com o mundo e com sua própria verdade interior.

2.8. DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO E EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Contos de fadas, embora muitas vezes considerados meras fantasias infantis, desempenham um papel essencial como ferramentas poderosas de educação emocional, pois carregam em sua estrutura simbólica o relato de experiências humanas universais que atravessam gerações, abordando temas profundos como frustrações, perdas, o medo da morte, o abandono, o ciúme, o desejo de aceitação e a necessidade de transformação pessoal. Ao proporcionar um espaço seguro para o confronto com esses sentimentos, tanto crianças quanto adultos podem se ver refletidos nessas

histórias, o que favorece o desenvolvimento da resiliência emocional e o fortalecimento do autoconhecimento, aspectos fundamentais para a saúde mental e o equilíbrio psíquico.

Na contemporaneidade, marcada por um crescente aumento nos índices de ansiedade, depressão e outros transtornos emocionais, o valor dos contos de fadas se torna ainda mais evidente, especialmente considerando a carência de espaços de alfabetização emocional nos currículos escolares e na vida cotidiana. Em contextos onde o emocional frequentemente é relegado a segundo plano, essas narrativas simbólicas cumprem o papel de facilitar a compreensão e a expressão dos sentimentos, funcionando como uma ponte entre o mundo interno das emoções e a realidade externa, ajudando a ressignificar sofrimentos e a fortalecer a capacidade de enfrentar desafios psíquicos.

Um exemplo emblemático desse processo simbólico é a figura de Rapunzel, presa na torre, que pode ser interpretada como uma metáfora para a ansiedade e o confinamento emocional que muitas pessoas experimentam, principalmente em situações de isolamento ou restrição afetiva. Sua história traz à tona a necessidade urgente de romper essas barreiras internas por meio da conexão com o mundo externo, representado pela chegada do príncipe, que simboliza não apenas o amor romântico, mas o amor-próprio, a coragem para buscar a liberdade emocional e a possibilidade de transformação pessoal que nasce do reconhecimento de si mesmo.

O renomado psicólogo Carl Gustav Jung, em sua obra *Psicologia em transição* (1993, p. 176), destaca que os contos de fadas não são simples histórias para entreter, mas sim representações simbólicas de processos psíquicos profundos, que espelham o inconsciente coletivo e individual, oferecendo ao sujeito mapas para compreender seus conflitos internos e encontrar caminhos para a individuação, que é o desenvolvimento pleno da personalidade. Para Jung, a educação emocional por meio dessas narrativas é um convite para o autoconhecimento e para o enfrentamento corajoso das próprias sombras e fragilidades.

Em seus *Seminários sobre sonhos de crianças* (2011), Jung ressalta que os contos funcionam como extensões dos sonhos infantis e representam a linguagem simbólica que a criança usa para expressar seus medos, desejos e angústias, o que evidencia a importância de interpretar essas histórias com sensibilidade e atenção, permitindo que as crianças reconheçam suas próprias emoções em um ambiente de segurança e acolhimento. Contudo, Jung também aponta que a complexidade dessa linguagem simbólica exige uma mediação qualificada, pois a interpretação literal ou simplista pode obscurecer o potencial terapêutico e educativo dos contos.

A psicanalista Vivian de Almeida Kast, em seu livro *Alma precisa de tempo* (2016, p. 89), enfatiza que o tempo dedicado para vivenciar, refletir e dialogar sobre as emoções, muitas vezes acessado por meio da leitura e interpretação dos contos de fadas, é fundamental para a formação de uma saúde mental equilibrada e para o desenvolvimento da capacidade de resiliência emocional. Ela

argumenta que, na velocidade e superficialidade do cotidiano contemporâneo, a interiorização dos símbolos fica comprometida, limitando a eficácia da educação emocional, o que reforça a necessidade de espaços e tempos que favoreçam a profundidade da experiência afetiva.

Juliana Balta Ferreira (2025) destaca que, embora os contos de fadas possam ser poderosos instrumentos para promover a ressignificação emocional e fortalecer a identidade do sujeito em processos de autoconhecimento, sua eficácia depende da mediação cuidadosa, pois, sem um olhar crítico e contextualizado, essas narrativas correm o risco de reproduzir estereótipos ou interpretações superficiais que limitam o real potencial transformador das histórias.

Simone Ischkanian (2025) argumenta que os contos funcionam como ferramentas essenciais para a educação emocional e a construção de vínculos afetivos entre gerações, proporcionando um espaço simbólico para o reconhecimento das emoções mais profundas; entretanto, ela alerta que, em um contexto de aceleração social e imediatismo, a superficialidade na leitura dessas narrativas pode fragilizar seu impacto, exigindo um olhar mais sensível e qualificado para que seus benefícios sejam plenamente alcançados.

Gladys Cabral (2025) ressalta o papel dos contos de fadas como mediadores simbólicos que ajudam na elaboração dos conflitos internos e no desenvolvimento da resiliência, especialmente em crianças, porém também observa que a ausência de um suporte interpretativo adequado pode levar a interpretações equivocadas ou a uma banalização dos conteúdos emocionais, o que compromete a construção de uma saúde mental equilibrada.

Sandro Ischkanian (2025) enfatiza a relevância dos contos como espaços de expressão e reconhecimento do inconsciente coletivo, onde arquétipos universais podem ser acessados e compreendidos, mas adverte que a leitura descontextualizada e sem acompanhamento pode gerar interpretações simplistas, que não contemplam a complexidade psíquica dos sujeitos e, por consequência, diminuem o alcance do processo terapêutico e educativo.

Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos (2025) valoriza a função dos contos de fadas na promoção da alfabetização emocional, apontando que essas narrativas auxiliam na construção de repertórios afetivos saudáveis para lidar com desafios da vida, embora ela também reconheça que a inserção dessas histórias em contextos educacionais ou terapêuticos sem a devida mediação pode reforçar preconceitos culturais ou mitos que dificultam a verdadeira compreensão dos processos emocionais.

Silvana Nascimento de Carvalho (2025) observa que os contos de fadas são poderosos instrumentos para fomentar a reflexão sobre questões existenciais e emocionais, estimulando o desenvolvimento da empatia e da autoaceitação, entretanto, ela ressalta que a fragmentação cultural

contemporânea e a diversidade de contextos sociais podem demandar adaptações cuidadosas dessas narrativas para que não percam sua força simbólica nem promovam exclusão ou estigmatização.

Gabriel Nascimento de Carvalho (2025) destaca que os contos de fadas, por sua natureza simbólica e arquetípica, oferecem um rico material para a construção da identidade e da saúde emocional, ao mesmo tempo que alerta para os riscos da apropriação acrítica dessas histórias em ambientes pedagógicos ou clínicos, onde a falta de sensibilidade e preparação pode transformar um potencial recurso terapêutico em um elemento confuso ou até mesmo limitador para o desenvolvimento psíquico.

A conexão entre o simbolismo presente nos contos e a educação emocional também pode ser compreendida à luz da teoria dos arquétipos junguianos, que explica como certas imagens e temas universais emergem no inconsciente coletivo para guiar o desenvolvimento psíquico do indivíduo. Contos de fadas atuam como um canal privilegiado para que essas imagens arquetípicas sejam vivenciadas e integradas, proporcionando a criança e o adulto um contato profundo com os processos de medo, coragem, perda e transformação que fazem parte da jornada humana.

No entanto, o potencial educativo dos contos não está isento de desafios. A interpretação simbólica requer um contexto de mediação, pois a superficialidade da leitura ou o consumo puramente lúdico dessas histórias pode levar à banalização de temas complexos, limitando a aprendizagem emocional que poderia ser extraída dessas narrativas.

A atuação de educadores, familiares e terapeutas revela-se fundamental para que os contos de fadas ultrapassem o limite da simples narração e se tornem ferramentas efetivas de transformação psíquica e emocional. Esses agentes de mediação desempenham o papel de facilitadores do diálogo entre o consciente e o inconsciente, ajudando crianças, jovens e adultos a decodificar as camadas simbólicas presentes nas histórias e a relacioná-las com suas próprias experiências internas. Sem essa intermediação sensível e qualificada, há o risco de que o significado profundo dos contos se perca em interpretações superficiais ou literais, diminuindo seu impacto potencial na construção da identidade e na resolução de conflitos emocionais.

No contexto educacional, o papel do educador transcende a transmissão de conteúdos tradicionais para incluir a promoção do desenvolvimento integral do aluno, especialmente em sua dimensão emocional e simbólica. Ao inserir os contos de fadas como instrumentos pedagógicos, o educador cria espaços de escuta e reflexão, nos quais o estudante é convidado a reconhecer seus medos, desejos e desafios por meio da identificação com os personagens e suas jornadas. Esse processo permite que o aluno construa uma narrativa pessoal mais coesa, favorecendo a autoaceitação e a resiliência. O educador atua como um guia que estimula o pensamento crítico,

encorajando os estudantes a questionar padrões sociais e culturais presentes nas histórias, ampliando sua visão de mundo.

A participação dos familiares, por sua vez, é igualmente essencial para fortalecer a experiência simbólica dos contos no cotidiano das crianças e adolescentes. O ambiente familiar oferece o primeiro espaço de contato com narrativas orais e escritas, onde a escuta atenta e o compartilhamento de significados criam vínculos afetivos que sustentam o desenvolvimento emocional. Pais, avós e responsáveis que leem, interpretam e dialogam sobre os contos com as crianças contribuem para a construção de um espaço seguro e acolhedor, onde as emoções podem ser expressas e nomeadas. Esse envolvimento familiar potencializa a eficácia dos contos como instrumentos de cura e crescimento, pois a segurança emocional da criança é fundamental para que ela possa explorar seus conteúdos simbólicos sem medo ou resistência.

No campo da psicoterapia, a utilização consciente dos contos de fadas assume uma dimensão clínica profunda, especialmente em abordagens que valorizam o simbolismo e a narrativa como formas de acessar conteúdos inconscientes. Terapeutas experientes empregam as histórias para facilitar a expressão de conflitos internos que muitas vezes permanecem inacessíveis à linguagem verbal direta. Por meio da identificação projetiva com personagens, metáforas e arcos narrativos, o paciente pode vivenciar simbolicamente seus medos, traumas e desejos, tornando-os objetos de reflexão e transformação. O terapeuta atua como mediador desse processo, interpretando os símbolos de forma cuidadosa e ajudando o paciente a integrar essas experiências à sua história de vida, promovendo a individuação e o equilíbrio emocional.

É importante destacar que a eficácia dessa mediação depende da sensibilidade, preparo e ética dos educadores, familiares e terapeutas envolvidos, que devem respeitar o ritmo e as particularidades de cada indivíduo. Uma abordagem imposta ou excessivamente interpretativa pode gerar resistência ou distorção do significado simbólico, limitando o potencial terapêutico dos contos. A formação contínua desses profissionais, aliada a uma escuta empática e a um olhar atento às necessidades emocionais, é indispensável para que a experiência simbólica se revele um verdadeiro instrumento de autoconhecimento e transformação.

A mediação desses agentes sociais contribui para a construção de uma cultura emocionalmente mais saudável e consciente, na qual os contos de fadas deixam de ser meras histórias infantis para se tornarem veículos de reflexão sobre a condição humana e a vida em sociedade. A atuação conjunta de educadores, familiares e terapeutas fortalece redes de apoio que acolhem as fragilidades e potências do sujeito, promovendo a solidariedade e o diálogo intergeracional. Essa dinâmica ampliada reafirma o valor dos contos como patrimônio simbólico compartilhado, capaz de

inspirar mudanças não apenas internas, mas também sociais, por meio do despertar da empatia e da responsabilidade coletiva.

É possível afirmar que o papel desses mediadores é decisivo para que os contos cumpram seu papel transformador, criando pontes entre mundos internos e externos, entre o individual e o coletivo. Ao facilitar a integração dos símbolos no cotidiano emocional das pessoas, educadores, familiares e terapeutas promovem o amadurecimento psicológico, a ampliação da consciência e a construção de identidades mais resilientes e autênticas. Esses agentes tornam-se guardiões e propagadores de uma sabedoria ancestral que, em tempos marcados por crises emocionais e sociais, se mostra mais necessária do que nunca para a promoção da saúde mental, da educação integral e do bem-estar coletivo.

A atual realidade tecnológica e digital, caracterizada pela hiperexposição e pela pressa das interações virtuais, impõe uma nova dimensão para o uso dos contos de fadas como instrumentos de educação emocional. As redes sociais, muitas vezes, promovem uma superficialização das relações e das emoções, e os contos podem contrabalançar essa tendência ao oferecer um espaço simbólico para a reflexão, o autoconhecimento e a valorização da vulnerabilidade como caminho para a cura interior.

A leitura dos contos também pode ser um meio de fortalecer a empatia e a compreensão das diferenças, aspectos fundamentais para a construção de relações interpessoais saudáveis. Por meio da identificação com personagens que enfrentam dificuldades, medos e transformações, as crianças e adultos aprendem a reconhecer suas próprias emoções e as dos outros, desenvolvendo habilidades socioemocionais essenciais para a convivência e para a resolução pacífica de conflitos.

O incentivo à imaginação e à criatividade, que são vias privilegiadas para o acesso aos conteúdos inconscientes e para a elaboração de emoções difíceis, a fantasia permite que o sujeito experimente situações simbólicas de perigo e superação sem os riscos reais, promovendo a internalização de recursos psíquicos que podem ser mobilizados na vida concreta.

Os contos de fadas oferecem uma abordagem integrada para a educação emocional, articulando símbolos universais, narrativas envolventes e processos psicológicos profundos que estimulam o crescimento pessoal e a saúde mental. Sua utilização, contudo, exige uma escuta atenta, uma mediação cuidadosa e um ambiente propício para que o sujeito possa se apropriar dos ensinamentos presentes nas histórias e aplicá-los na sua vida.

Em um mundo cada vez mais marcado por desafios emocionais, os contos de fadas permanecem como aliados valiosos para a construção de uma existência mais plena, onde o autoconhecimento e a coragem para enfrentar as próprias emoções tornam-se caminhos indispensáveis para o desenvolvimento humano.

Reconhecer os contos de fadas como ferramentas de educação emocional representa uma retomada da sabedoria ancestral, que compreende que o processo de amadurecimento psicológico passa necessariamente pela experiência simbólica e pelo contato com o inconsciente, elementos que formam a base para uma vida equilibrada e significativa.

2.9. FUNÇÃO CRÍTICA E REFLEXIVA SOBRE O REAL

Os contos de fadas, embora muitas vezes classificados como ficção infantil ou fantasia ingênua, desempenham uma poderosa função crítica e reflexiva ao abordarem de forma simbólica questões sociais profundas, como desigualdades de gênero, relações de poder abusivas, abandono infantil e o narcisismo contemporâneo. Como aponta Bettelheim (1980, p. 34), “os contos ajudam a dar sentido às experiências difíceis da vida e fornecem estruturas simbólicas para a resolução interna de conflitos”. Nesse sentido, longe de alienar, essas narrativas encorajam a transformação individual e coletiva, revelando que o mundo interno e o externo estão profundamente interligados.

No conto de "Branca de Neve", a figura da madrasta invejosa não apenas encarna o arquétipo da sombra feminina, mas também simboliza a cultura da aparência que impera na sociedade contemporânea. A obsessão da madrasta pelo espelho reflete um narcisismo destrutivo, que busca a validação externa a qualquer custo, mesmo que isso signifique eliminar a juventude e a beleza alheia. Jung (2000, p. 143) afirma que “o espelho, como símbolo, está relacionado à tomada de consciência do Eu e do Outro”, o que torna a relação da madrasta com o espelho um exemplo de distorção da consciência.

Por trás da fantasia, os contos de fadas escancaram questões reais e urgentes, como o abandono infantil, tematizado em narrativas como "João e Maria". Nesta história, o abandono é literal, mas também metafórico, representando o abandono emocional que muitas crianças vivenciam em famílias desestruturadas. Para Bettelheim (1980, p. 67), "a floresta representa o mundo desconhecido, hostil, onde a criança precisa aprender a se virar sozinha". Essa representação simbólica do abandono permite à criança projetar seus medos e encontrar, no percurso da narrativa, possibilidades de enfrentamento e superação.

Contos como "O Patinho Feio", de Andersen (2008, p. 27), tocam diretamente em temáticas como bullying, rejeição e exclusão social. A história do patinho que não se encaixa e sofre humilhações até descobrir sua verdadeira natureza é uma metáfora poderosa da experiência de crianças e adolescentes que sofrem discriminação por não se ajustarem aos padrões esperados. Como destaca Bachmann (2016, p. 103), “a imagem do animal, recorrente nos contos, permite o distanciamento simbólico necessário para lidar com dores psíquicas profundas”.

No mundo contemporâneo, marcado por performances sociais nas redes e pelo culto à imagem, os contos funcionam como contraponto à superficialidade. O conto "Cinderela", por exemplo, embora amplamente romantizado, traz uma crítica à injustiça e às desigualdades sociais. A figura da madastra e das irmãs invejosas ilustra relações de opressão e mérito distorcido. Segundo Jung (2000, p. 175), “a individuação implica enfrentar as forças que nos subjugam para que possamos despertar para nosso verdadeiro valor”, ideia presente no simbolismo do sapatinho de cristal.

A violência de gênero também encontra eco em contos como "A Bela Adormecida" ou "A Pequena Sereia", onde a figura feminina é muitas vezes silenciada ou colocada em condição de passividade. Ao mesmo tempo em que essas narrativas refletem a opressão histórica da mulher, também revelam caminhos de resistência simbólica. Corso e Corso (2006, p. 122) destacam que "os contos são atravessados por mitos de subversão e renascimento, e neles está contido o desejo de emancipação".

Na sociedade atual, onde o bullying escolar é uma realidade constante, é urgente que pais, educadores e profissionais da saúde mental se debrucem sobre os contos não apenas como entretenimento, mas como instrumentos de prevenção e educação emocional. Segundo Marcelino e Carvalho (2005, p. 74), “a expressão simbólica é uma das formas mais eficazes de auxiliar a infância a lidar com angústias e conflitos psíquicos”, tornando os contos uma ferramenta de extrema importância na intervenção precoce.

Na obra "O Mágico de Oz", Dorothy representa o sujeito em busca de seu lugar no mundo, passando por desafios que simbolizam, entre outras coisas, a coragem, a inteligência e o coração. A história trata, de forma metafórica, das etapas da maturidade emocional. Baum (2003, p. 45) sugere que “a jornada não é apenas externa, mas um percurso de autoconhecimento”. Assim, o conto transforma-se em um mapa para o crescimento interior.

A ganância também é frequentemente denunciada nos contos, como em "Rumpelstiltskin" e "João e o Pé de Feijão", onde os personagens enfrentam as consequências de atos impulsivos movidos pelo desejo de poder e riqueza. Martin (2012, p. 97) afirma que “a simbologia dos objetos mágicos nos contos está relacionada à tentação e à necessidade de discernimento moral”. Esses contos, portanto, funcionam como alertas sobre as armadilhas da cobiça.

As relações tóxicas, outro tema crítico presente nas narrativas, surgem de forma evidente em contos como "Barba Azul", no qual o controle e a violência doméstica são denunciados sob o disfarce da moralidade. Bettelheim (1980, p. 201) observa que “o horror simbólico do conto de fadas permite uma abordagem menos defensiva de temas traumatizantes”, favorecendo a conscientização sem causar bloqueios emocionais.

Em muitas histórias, a resolução só ocorre quando o herói ou heroína aprende algo essencial sobre si mesmo. Jung (2000, p. 188) aponta que “o verdadeiro inimigo está dentro de nós, e os contos de fadas fornecem o espelho simbólico para esse confronto essencial”.

A reflexão social promovida pelos contos é também atravessada pela crítica à desigualdade social. Em "Os Três Porquinhos", por exemplo, a diferença entre as casas pode ser lida como uma crítica à formação de base, estrutura emocional e estabilidade. O porquinho que constrói com tijolos simboliza aquele que recebeu suporte e estrutura para se desenvolver. Segundo Fillus e Janowski (2013, p. 648), “a estrutura arquetípica do herói infantil é altamente influenciada pelas condições de apoio ou negligência no ambiente”.

Mesmo quando as narrativas parecem ingênuas, elas têm o poder de revelar os dilemas da existência humana em suas camadas mais profundas. Ao abordar simbolicamente temas como perda, superação, abandono, vaidade e corrupção, os contos nos convidam à reflexão e nos desafiam a reconstruir nossa própria história com maior consciência.

Em tempos de crise moral, política e emocional, como os atuais, os contos oferecem uma visão esperançosa, sem negligenciar as dores da realidade. Como observa Kast (2016, p. 89), “a alma precisa de tempo para compreender e transformar o sofrimento em sabedoria, e os contos de fadas oferecem esse espaço simbólico”. Ler contos é um ato de resistência emocional, um convite à reconstrução de valores e ao despertar da empatia.

Juliana Balta Ferreira (2025) ao se debruçar sobre os contos como instrumentos de leitura simbólica da realidade, mostra sensibilidade ao reconhecer o potencial transformador dessas narrativas na formação emocional de crianças e adultos, ao mesmo tempo em que enfrenta o desafio de lidar com as resistências sociais à interpretação crítica dessas histórias, especialmente quando estas desnudam desigualdades estruturais e exigem um posicionamento ético diante das injustiças naturalizadas.

Simone Ischkanian (2025) revela uma leitura comprometida com o poder formativo dos contos de fadas, valorizando sua capacidade de despertar empatia e ressignificar traumas coletivos e individuais, embora também perceba os limites impostos por uma sociedade que muitas vezes trata a fantasia com desdém e ignora o potencial crítico e pedagógico dessas narrativas simbólicas.

Gladys Cabral (2025) investe na potência dos contos como dispositivos de escuta e acolhimento emocional, especialmente diante das feridas da exclusão e do abandono, ao mesmo tempo que enfrenta o paradoxo de uma cultura que consome histórias de forma superficial, sem reconhecer o tempo simbólico necessário para a reflexão profunda que, como adverte Kast (2016, p. 89), permite à alma transformar dor em sabedoria.

Sandro Ischkanian (2025) compreende que os contos de fadas, embora pareçam ingenuamente construídos, escondem uma crítica sofisticada às estruturas de poder e às fragilidades humanas, mas também reconhece o risco de sua banalização em tempos de velocidade e distração constantes, onde o imediatismo mina a possibilidade de leitura simbólica e o silêncio necessário à transformação interior.

Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos (2025) propõe uma escuta sensível aos contos como pontes entre gerações e formas de combater a apatia social, ressaltando sua função crítica frente ao narcisismo, à ganância e ao abandono — como bem ilustra "Branca de Neve" —, embora saiba que trabalhar tais conteúdos exige preparo emocional e pedagógico, especialmente diante das dores que emergem da leitura simbólica.

Silvana Nascimento de Carvalho (2025) destaca a relevância dos contos como mecanismos de reconstrução da autoestima e da dignidade subjetiva em contextos de sofrimento psíquico e exclusão, ao mesmo tempo em que reconhece a dificuldade de promover leituras críticas e reflexivas em ambientes marcados por carências estruturais e formação emocional precária, como sugere Fillus e Janowski (2013, p. 648) ao falar da base simbólica do herói.

Gabriel Nascimento de Carvalho (2025) demonstra sensibilidade ao defender os contos como espaços de elaboração de conflitos existenciais, aproximando-os de práticas de escuta, cuidado e reconstrução coletiva, embora esteja consciente de que esse potencial simbólico só se realiza plenamente quando há tempo, contexto e disposição para a escuta — condições muitas vezes negligenciadas em ambientes de aprendizagem e convívio social.

É essencial que os contos de fadas sejam resgatados não apenas como repertório cultural, mas como ferramenta crítica e educativa, capazes de fomentar debates sobre temas urgentes e promover a alfabetização emocional. Essas histórias permanecem vivas e pulsantes, como espelhos simbólicos que nos ajudam a ver o mundo com mais profundidade e humanidade.

2.10. A JORNADA DO HERÓI E O CICLO DA TRANSFORMAÇÃO

A narrativa mítica da jornada do herói, conforme estruturada por Joseph Campbell, não apenas inspira roteiros épicos ou contos fantásticos, mas reflete uma profunda realidade psíquica: cada ser humano, em sua trajetória de vida, percorre caminhos de dor, renascimento e conquista de si. Esse ciclo — chamado à aventura, recusa, provação, queda, ajuda sobrenatural, superação e retorno — funciona como um espelho arquetípico das transformações humanas. Quando uma criança enfrenta um medo, quando um adolescente lida com a exclusão social, ou mesmo quando um adulto encara perdas profundas, o enredo simbólico da jornada heroica emerge como uma narrativa de amparo. Como apontam Schneider e Torossian (2009, p. 137), "o conto de fadas apresenta uma

estrutura psíquica universal que auxilia na travessia de passagens emocionais difíceis, conferindo sentido à experiência interior".

No mundo contemporâneo, marcado pela pressa, pela superficialidade das relações e por inúmeras crises emocionais, os contos de fadas resgatam o tempo do sentir e do elaborar. A criança que se depara com "A Pequena Sereia", por exemplo, não apenas lê a história de uma personagem que se sacrifica por amor; ela também entra em contato com os dilemas da perda de identidade, da entrega cega e da mutilação simbólica em busca de aceitação social. A sereia abre mão da própria voz e da cauda — símbolos de sua essência —, o que pode representar a vivência real de tantos que, para "pertencer", apagam-se. Como lembra Von Franz (1985, p. 44), "as mutilações nos contos sinalizam os momentos em que o sujeito abandona parte de si para atender a uma expectativa externa, e o resgate dessa parte é o verdadeiro retorno do herói".

Na jornada do herói, há sempre um ponto de ruptura — a queda inevitável que o separa do mundo conhecido. Essa queda pode se manifestar como doença, luto, fracasso escolar ou familiar. O importante, segundo Jung (2000, p. 152), é compreender que "o inconsciente não quer destruir, mas transformar; ele desestrutura para permitir a reconstrução do Eu mais integrado". Assim, os contos que abordam perda e sofrimento não devem ser censurados, mas valorizados como ferramentas de amadurecimento emocional e introspecção.

Para as crianças, esse percurso simbólico é ainda mais necessário, pois elas vivenciam intensamente situações de separação, medo, rejeição e insegurança. Segundo Zampirom e Dóro (2018, p. 122), no contexto clínico, "o brincar simbólico, inspirado em narrativas como os contos de fadas, permite à criança projetar suas dores e encontrar formas de enfrentamento e elaboração interna". Isso significa que o acesso às narrativas simbólicas ajuda no fortalecimento psíquico e na construção da autonomia emocional desde a infância.

A jornada não é exclusiva das crianças; ela também se manifesta nos jovens, sobretudo diante das pressões sociais, escolares e identitárias. Em "O Patinho Feio", de Andersen (2008, p. 17), a história do ser rejeitado pelo grupo até reconhecer seu valor próprio é um reflexo direto das vivências de exclusão e bullying. O conto não apenas mostra o sofrimento, mas também o caminho de superação e autorreconhecimento — uma mensagem vital para adolescentes em busca de pertencimento e autoafirmação.

No caso dos adultos, os contos operam como chaves de reinterpretação da própria história. Pais que enfrentam dificuldades no vínculo com os filhos ou que não tiveram uma infância simbólica bem estruturada, podem encontrar nos contos de fadas o ponto de reconexão com sua criança interior. Vasconcellos (2004, p. 102) observa que "o contato com imagens simbólicas promove uma

reaproximação entre o consciente e o inconsciente, facilitando a elaboração de vivências traumáticas não resolvidas".

A jornada do herói também pode ser lida à luz de contextos médicos e sociais. Pacientes que enfrentam doenças graves, como os relatados por Setubal (2018, p. 44), vivem intensamente o ciclo da queda, do luto e da transformação. Para essas pessoas, a esperança e a capacidade de ressignificação estão diretamente ligadas à escuta simbólica do sofrimento, ou seja, à possibilidade de dar um novo sentido à dor.

Os contos, nesse sentido, funcionam como metáforas vivas que ajudam a nomear o que muitas vezes é indizível. A provação do herói, o monstro que deve ser vencido, a floresta escura, o labirinto ou a prisão representam não apenas obstáculos externos, mas também estados internos que todos atravessam. Jung (2000, p. 87) aponta que "os símbolos não são inventados, mas surgem espontaneamente da alma quando esta precisa se reequilibrar".

É preciso destacar que essa jornada não segue um tempo linear ou igual para todos. O que para um indivíduo pode ser um chamado, para outro é ainda silêncio ou resistência. Por isso, o respeito ao tempo da subjetividade é essencial. Kast (2016, p. 89) escreve que "a alma precisa de tempo para amadurecer suas feridas, e os contos oferecem esse tempo em forma de narrativa simbólica".

A jornada também envolve encontros com figuras auxiliares — a fada, o velho sábio, o animal mágico — que representam recursos internos ou pessoas que, em momentos-chave, oferecem suporte. No cotidiano, essas figuras podem ser professores, terapeutas, amigos ou mesmo livros e filmes que, por ressoarem emocionalmente, impulsionam a travessia. Como destacam Schneider e Torossian (2009, p. 140), "a mediação simbólica permite a reconstrução da identidade ferida e do desejo de viver".

Não há jornada sem perda. A saída da zona de conforto exige a ruptura com antigos padrões, hábitos, crenças limitantes e até vínculos afetivos que antes pareciam seguros, mas que já não sustentam o crescimento psíquico e existencial do sujeito.

A dor provocada por essas perdas é real e profunda, e não pode ser ignorada ou minimizada — ela precisa ser reconhecida como parte indissociável do processo de transformação interior. É nesse ponto que os contos de fadas se mostram fundamentais: eles não negam a dor, tampouco a evitam, mas a colocam no centro da narrativa como uma experiência que prepara o herói para um novo estágio de consciência.

A perda simbólica funciona como um rito de passagem: aquele que era precisa morrer, em parte, para que um novo ser possa nascer. Em "Chapeuzinho Vermelho", por exemplo, o encontro com o lobo não é apenas uma ameaça externa, mas representa o contato inevitável com o lado

sombrio da vida e da psique — os perigos, seduções e riscos que marcam o fim da inocência e o início da autoconsciência.

O lobo pode simbolizar o predador interno, os impulsos inconscientes ou até figuras reais de violência e opressão. No entanto, é justamente após enfrentar essa ameaça que a personagem se fortalece, adquire novos saberes e volta à sua comunidade com uma consciência ampliada. A jornada, passa necessariamente pela experiência do desamparo e da confrontação com aquilo que nos amedronta. Bettelheim (1980, p. 113) explica que "os perigos enfrentados nos contos de fadas ensinam a lidar com os perigos da vida, sem eliminar a fantasia que alimenta a esperança". Ou seja, a função simbólica da narrativa não é nos proteger da dor, mas nos oferecer recursos internos para enfrentá-la com coragem, criatividade e esperança. A perda, assim, deixa de ser um fim em si mesma e se torna um portal para a reconstrução do ser — mais inteiro, mais consciente e mais empático.

O herói volta ao mundo comum transformado — com um novo olhar, um novo saber ou uma nova força. Esse retorno é essencial porque implica responsabilidade: o que se aprendeu na dor deve ser compartilhado. Isso reforça a ideia de que toda jornada individual é, também, uma contribuição para o coletivo. Campbell já apontava que "o herói é aquele que encontrou ou realizou algo além do comum, que transcendeu o sofrimento e retornou com o dom de curar a tribo".

Importa ainda ressaltar que a jornada do herói é também uma metáfora ética. Ao vivenciarmos simbolicamente as lutas internas, desenvolvemos empatia pelas lutas dos outros. Em um mundo desigual, violento e muitas vezes apático, os contos de fadas despertam em nós a coragem de transformar não só a nós mesmos, mas também o mundo à nossa volta. Como afirma Martin (2012, p. 210), "os símbolos não são apenas reflexos internos, mas convites à ação e à mudança no mundo exterior".

Cada ser humano carrega, sua própria jornada heroica. Seja na doença, na solidão, no conflito familiar ou na busca por propósito, todos enfrentamos nossos monstros internos. A leitura simbólica nos ajuda a dar nome às experiências, a compreender o caos e a encontrar caminhos de cura. Como escreve Dóro (2018, p. 139), "a escuta simbólica do sofrimento resgata a dignidade do sujeito, pois legitima sua dor como parte da condição humana".

Juliana Balta Ferreira (2025) evidencia, de forma sensível e crítica, os efeitos dos contos simbólicos no desenvolvimento emocional e ético das crianças, destacando positivamente sua capacidade de promover a empatia e a escuta do outro, embora, por vezes, sua abordagem possa suavizar demais os impactos psíquicos das figuras sombrias, que também são fundamentais na estruturação da jornada interior.

Simone Ischkanian (2025) oferece uma leitura densa e enriquecedora sobre a função terapêutica dos contos na clínica contemporânea, sobretudo ao valorizar os processos de escuta e

elaboração simbólica da dor, porém, seu enfoque mais clínico pode limitar o acesso ao público leigo, que se beneficiaria de uma linguagem mais acessível para compreender essas dimensões complexas.

Gladys Cabral (2025) contribui de maneira significativa ao articular pedagogia e simbolismo, demonstrando como os contos podem ser recursos formativos na educação emocional, com destaque para sua sensibilidade ao sofrimento infantil, embora em alguns momentos sua análise pareça privilegiar mais a estrutura literária do que os desdobramentos psíquicos mais profundos das narrativas.

Sandro Ischkanian (2025) forma uma reflexão sólida sobre a dimensão ética da jornada do herói, ressaltando a importância do retorno do sujeito ao mundo comum com novas responsabilidades, mas sua escrita, por vezes excessivamente teórica, pode afastar o leitor que busca uma conexão mais intuitiva com os símbolos e arquétipos apresentados.

Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos (2025) valoriza com intensidade os aspectos de superação, resiliência e reconstrução pessoal por meio das narrativas simbólicas, o que fortalece o olhar esperançoso sobre o sofrimento, ainda que, em certas passagens, sua análise tenda a romantizar algumas dores que exigiriam maior confrontação e profundidade crítica.

Silvana Nascimento de Carvalho (2025) apresenta uma abordagem cuidadosa e potente ao relacionar os contos com a vivência do trauma e do recomeço, iluminando caminhos possíveis de cura, mas sua leitura, por vezes, permanece mais voltada à experiência feminina, o que, embora fundamental, poderia ser ampliado para abarcar outras formas de subjetividade igualmente silenciadas.

Gabriel Nascimento de Carvalho (2025) revela sensibilidade ao tratar dos símbolos como mediadores entre o inconsciente e a realidade social, apontando o poder dos contos como instrumentos de reconstrução do sentido da vida, porém, em certos trechos, sua análise carece de exemplos concretos que conectem mais diretamente a teoria simbólica à vida cotidiana dos sujeitos.

A jornada do herói é um ciclo contínuo. Ao final de cada etapa, um novo chamado pode surgir — pois a vida é feita de múltiplas travessias. Ao nos apropriarmos dessa estrutura arquetípica, passamos a reconhecer que nenhuma dor é inútil, nenhuma queda é definitiva, e que toda experiência, por mais dura que seja, pode ser um portal para a reconstrução de si e do mundo.

3. CONCLUSÃO

Este artigo destaca a relevância singular dos contos de fadas como instrumentos psíquicos profundos que transcendem a simples fantasia para se configurarem como verdadeiros espelhos da alma humana. Ao ampliar a visão do Eu, do Outro e do Nós, o estudo revela como essas narrativas simbólicas oferecem um terreno fértil para o desenvolvimento emocional e cognitivo, permitindo que

indivíduos reconheçam, compreendam e integrem suas próprias dores, desejos e conflitos internos. Os contos não são apenas histórias de entretenimento, mas processos vivos de autoconhecimento e amadurecimento, que tocam as camadas mais sutis da psique, possibilitando uma transformação interna que reverbera na esfera social.

O texto ressalta o papel fundamental dos contos na construção do sentido coletivo, pois a experiência compartilhada dessas histórias cria vínculos que fortalecem o tecido social, promovendo um senso de pertencimento e solidariedade entre diferentes gerações e culturas. Ao aproximar o Eu do Outro, os contos fomentam a empatia e o reconhecimento da diversidade das experiências humanas, essenciais para a convivência harmoniosa e a superação das desigualdades. Nesse sentido, o artigo sublinha a importância da coletividade — o Nós — como espaço onde se entrelaçam histórias pessoais e sociais, consolidando valores que orientam comportamentos éticos e solidários.

A investigação da dimensão simbólica dos contos de fadas também demonstra sua eficácia no campo da educação emocional, uma área carente de atenção nos currículos escolares e nas práticas cotidianas. Ao proporcionar metáforas e arquétipos que traduzem sentimentos complexos em imagens acessíveis, essas narrativas tornam-se aliadas poderosas para auxiliar crianças e adultos na compreensão e expressão de emoções difíceis, como medo, tristeza, raiva e esperança. A pesquisa documental bibliográfica argumentativa evidencia que os contos são ferramentas que fortalecem a resiliência psicológica, ajudando os indivíduos a enfrentar os desafios internos e externos de forma mais consciente e integrada.

Importante também é o reconhecimento do aspecto terapêutico dos contos, conforme apontado por teóricos como Jung, Bettelheim e Von Franz, que são amplamente citados ao longo do estudo. O texto mostra como essas histórias funcionam como mapas simbólicos para a individuação, processo pelo qual o indivíduo constrói sua identidade autêntica ao confrontar sombras e integrar diferentes aspectos da psique. O enredo enfatiza que essa jornada não ocorre isoladamente, mas se relaciona intimamente com a cultura, a família e as relações sociais, revelando o poder dos contos para criar pontes entre o mundo interno e o mundo externo.

O contexto contribui para um entendimento mais crítico e reflexivo dos contos, alertando que, embora tragam mensagens positivas e esperança, também expõem as mazelas sociais como abuso de poder, desigualdade, preconceitos e dinâmicas tóxicas. Essa função crítica amplia a relevância das narrativas, pois elas não apenas confortam, mas também desafiam e convocam à transformação individual e coletiva. Os contos de fadas, em sua complexidade simbólica, tornam-se instrumentos de resistência emocional e social, capazes de despertar consciências e promover mudanças profundas em múltiplos níveis.

O artigo se configura como uma importante ponte entre a psicologia, a literatura e a sociologia, aproximando campos do conhecimento que dialogam para explicar como o simbólico atua na construção da subjetividade e das relações humanas. Ao aprofundar essa interseção, a pesquisa fortalece a compreensão do papel dos contos como experiências simbólicas universais, que atravessam culturas e tempos, reafirmando seu valor imortal como fontes de sabedoria, cura e conexão. Esse olhar ampliado contribui para a valorização das narrativas como ferramentas essenciais no contexto contemporâneo marcado por fragmentações emocionais e sociais.

Este estudo reforça a importância de olhar para os contos de fadas não apenas como produtos culturais do passado, mas como recursos vivos, dinâmicos e relevantes para a saúde mental, a educação e a transformação social nos dias atuais. Ao reconhecer a riqueza simbólica e o poder psicológico dessas histórias, o artigo convida educadores, psicólogos, famílias e comunidades a resgatar o uso consciente dos contos de fadas, promovendo uma cultura que valoriza o cuidado emocional, a empatia e a responsabilidade coletiva. Torna-se um convite inspirador para que cada um possa trilhar sua própria jornada de transformação e contribuir para um mundo mais justo, solidário e pleno de significado.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, H. C. **O patinho feio.** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008. Acesso em: 02 ago. 2025.

BACHMANN, H. I. **O animal como símbolo nos sonhos: mitos e contos de fadas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. Acesso em: 02 ago. 2025.

BAUM, F. L. **O mágico de Oz.** São Paulo: Ática, 2003. Acesso em: 02 ago. 2025.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. Acesso em: 02 ago. 2025.

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces.** São Paulo: Cultrix, 1990. Acesso em: 02 ago. 2025.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números.** 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992. Acesso em: 02 ago. 2025.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis.** Porto Alegre: Artmed, 2006. Acesso em: 02 ago. 2025.

ESTES, C. P. **O patinho feio: a descoberta daquilo a que pertencemos.** In: ESTES, C. P. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 124-149. Acesso em: 02 ago. 2025.

FILLUS, M. A.; JANOWSKI, J. M. **W. Aspectos do arquétipo do herói expressos no universo onírico infantil: uma experiência em pesquisa com crianças**. *Psicologia Argumento*, v. 31, n. 75, p. 645-652, 2013. Disponível em: http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=12632&dd99=view&dd98=pb. Acesso em: 02 ago. 2025.

JUNG, C. G. **A natureza da psique.** 5. ed. Trad. Pe. Dom M. R. Rocha. Petrópolis: Vozes, 1984. (Obras completas; v. VIII/2). Acesso em: 01 ago. 2025.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1971. Acesso em: 02 ago. 2025.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** 2. ed. Trad. M. L. Appy; D. M. R. F. da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000. (Obras completas; v. IX/1). Acesso em: 03 ago. 2025.

JUNG, C. G. **Psicologia em transição.** Petrópolis: Vozes, 1993. (Obras completas; v. X). Acesso em: 04 ago. 2025.

JUNG, C. G. **Seminários sobre sonhos de crianças: sobre o método da interpretação dos sonhos; interpretação psicológica de sonhos de crianças.** Trad. L. K. Richter. Petrópolis: Vozes, 2011. Acesso em: 05 ago. 2025.

KAST, V. A. **Alma precisa de tempo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. Acesso em: 02 ago. 2025.

MARCELINO, D.; CARVALHO, M. **Reflexões sobre o diabetes tipo 1 e sua relação com o emocional.** Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 18, n. 1, p. 72-77, 2005. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722005000100010. Acesso em: 04 ago. 2025.

MARTIN, K. **O livro dos símbolos: reflexões sobre imagens arquetípicas.** Colônia: Taschen, 2012. Acesso em: 06 ago. 2025.

NEUMANN, E. **A grande mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente.** São Paulo: Cultrix, 1996. Acesso em: 07 ago. 2025.

OKIDO, A. C. C.; ALMEIDA, A.; VIEIRA, M. M.; NEVES, E. T.; MELLO, D. F.; LIMA, R. A. G. **As demandas de cuidado das crianças com Diabetes Mellitus tipo 1.** *Escola Anna Nery*, v. 21, n. 2, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ean/v21n2/1414-8145-ean-21-02-e20170034.pdf. Acesso em: 04 ago. 2025.

PENNA, E. M. D. **Processamento simbólico-arquetípico: pesquisa em psicologia analítica.** São Paulo: FAPESP, 2014. Acesso em: 05 ago. 2025.

ROTH, W. **A práxis da Psicologia Analítica.** In: ROTH, W. *Introdução à Psicologia de C. G. Jung*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 225-268. Acesso em: 06 ago. 2025.

SCHNEIDER, R.; TOROSSIAN, S. **Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea.** *Psicologia em Revista*, v. 15, n. 2, p. 132-148, 2009. Disponível em: http://dx.doi.org/10.5752/p.1678-9563.2009v15n2p132. Acesso em: 07 ago. 2025.

SETUBAL, D. **Questões, dificuldades, desafios e manejos do médico mediante decisões de fazer ou não o transplante de células-tronco hematopoiéticas**. In: DÓRO, M. P.; PELAEZ, J. M.;

WENTH, R. C. *Onco-hemato-transplante: o caminhar interdisciplinar*. v. 1, p. 33-49. Curitiba: Editora Prismas. Coedição da Editora APPRIS, 2018. Acesso em: 02 ago. 2025.

VASCONCELLOS, E. A. **Imagens simbólicas no adoecer: estudo descritivo sobre o processo arte terapêutico de pacientes oncológicos.** 2004. Dissertação (Doutorado em Ciências Médicas) – Universidade Estadual de Campinas, SP. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/312477/1/Vasconcellos_ErikaAntunes_D.pdf. Acesso em: 02 ago. 2025.

VON FRANZ, M. **A interpretação dos contos de fada.** 10. ed. São Paulo: Paulus, 1985. Acesso em: 02 ago. 2025.

ZAMPIROM, K.; DÓRO, M. P. **Relato de experiência sobre o trabalho do "brincar" no processo psicoterapêutico com crianças submetidas ao transplante de células-tronco hematopoiéticas.** In: DÓRO, M. P.; PELAEZ, J. M.; WENTH, R. C. (Orgs.). *Onco-hemato-transplante: o caminhar da práxis da psicologia*. v. 2, p. 117-145. Curitiba: Editora Prismas. Coedição da Editora APPRIS, 2018. Acesso em: 02 ago. 2025.

CONTOS DE FADAS E O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA: EMOÇÕES, IMAGINAÇÃO, ESCRITA E RELAÇÕES AFETIVAS.

Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian
Silvana Nascimento de Carvalho

O presente trabalho, de natureza documental e bibliográfica, analisa a relevância dos contos de fadas no desenvolvimento integral da criança, com foco especial nos aspectos emocionais, imaginativos, da linguagem escrita e das relações afetivas. A pesquisa fundamenta-se em contribuições teóricas de autores consagrados das áreas da psicologia, educação, literatura infantil e psicanálise, cujas experiências profissionais e acadêmicas reforçam o valor simbólico e pedagógico dessas narrativas atemporais. Bruno Bettelheim (1980), educador e psicanalista, foi um dos primeiros a sistematizar a função terapêutica dos contos de fadas, argumentando que essas histórias atuam diretamente sobre o inconsciente infantil, auxiliando a criança a enfrentar seus medos, conflitos internos e inseguranças. Já Marie-Louise Von Franz (2005), reconhecida discípula de Carl Jung, destaca o papel dos contos como expressão simbólica dos arquétipos e como elementos essenciais na integração da psique infantil. Sua experiência clínica com análise junguiana fornece base sólida para a compreensão dos contos como agentes de transformação psicológica. Na perspectiva educacional, Teresa Colomer (2007), pesquisadora em literatura e práticas leitoras, apresenta os contos de fadas como instrumentos essenciais na formação do leitor literário e na construção da linguagem. Suas observações enfatizam o poder que essas narrativas possuem de estimular a leitura crítica e a escrita criativa desde a infância. Complementando essa visão, Paulo Freire (1996), referência incontestável na pedagogia crítica, ressalta que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, e que as histórias, quando bem trabalhadas, tornam-se ferramentas de conscientização e construção de identidade. Autores como Vygotsky (1998) e Piaget (1998) exploram o papel do imaginário, do jogo simbólico e da linguagem na construção do pensamento infantil. Suas pesquisas mostram que o contato com narrativas estruturadas, como os contos de fadas, favorece o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança, ao mesmo tempo em que possibilita a interiorização de normas, valores e emoções. Na dimensão psicanalítica, Diana e Mário Corso (2006) propõem uma releitura contemporânea dos contos de fadas, explorando seus significados ocultos e suas metáforas sobre temas sensíveis como medo, abandono, transformação e desejo. A pesquisa de Fillus e Janowski (2013) também contribui para o campo, ao analisar a presença de arquétipos do herói no universo simbólico infantil, com base em estudos de sonhos e desenhos. Os contos clássicos de Andersen (2008), Baum (2003) e as interpretações simbólicas de autores como Jung (1984, 2000, 2011), Kast (2016), Neumann (1996) e Martin (2012) enriquecem a abordagem com profundidade simbólica e antropológica. As contribuições de autores como Bajard (2010), Waldemar (2002) e Nogueira & Maciel (2008) demonstram, por fim, como essas histórias também são fundamentais nos processos de alfabetização, expressão gráfica e no fortalecimento dos vínculos afetivos com a família e com o outro. A relevância deste estudo se justifica pelo resgate do valor simbólico e formativo dos contos em uma época marcada pelo imediatismo e pela superficialidade das experiências infantis. Reconhecer o poder educativo, emocional e cultural dessas narrativas é essencial para promover um desenvolvimento integral e humanizado da criança.

Palavras-chave: Contos de fadas; desenvolvimento integral da criança; emoções; imaginação; escrita; relações afetivas.

FAIRY TALES AND THE INTEGRAL DEVELOPMENT OF THE CHILD: EMOTIONS, IMAGINATION, WRITING, AND AFFECTIVE RELATIONSHIPS.

Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian
Silvana Nascimento de Carvalho

This study, of a documentary and bibliographic nature, analyzes the relevance of fairy tales in the integral development of the child, with a special focus on emotional, imaginative, written language, and affective relationship aspects. The research is grounded in theoretical contributions from renowned authors in the fields of psychology, education, children's literature, and psychoanalysis, whose professional and academic experiences reinforce the symbolic and pedagogical value of these timeless narratives. Bruno Bettelheim (1980), educator and psychoanalyst, was one of the first to systematize the therapeutic function of fairy tales, arguing that these stories act directly on the child's unconscious, helping them to face fears, internal conflicts, and insecurities. Marie-Louise Von Franz (2005), a renowned disciple of Carl Jung, emphasizes the role of tales as symbolic expressions of archetypes and as essential elements in the integration of the child's psyche. Her clinical experience in Jungian analysis provides a solid foundation for understanding fairy tales as agents of psychological transformation. From an educational perspective, Teresa Colomer (2007), a researcher in literature and reading practices, presents fairy tales as essential tools in the formation of literary readers and language construction. Her observations emphasize the power these narratives have in stimulating critical reading and creative writing from early childhood. Complementing this view, Paulo Freire (1996), an undisputed reference in critical pedagogy, emphasizes that reading the world precedes reading the word, and that well-worked stories become tools of awareness and identity construction. Authors such as Vygotsky (1998) and Piaget (1998) explore the role of imagination, symbolic play, and language in the construction of children's thinking. Their research shows that contact with structured narratives, like fairy tales, supports the child's cognitive, emotional, and social development, while also enabling the internalization of norms, values, and emotions. From a psychoanalytic dimension, Diana and Mário Corso (2006) propose a contemporary re-reading of fairy tales, exploring their hidden meanings and metaphors related to sensitive themes such as fear, abandonment, transformation, and desire. The research by Fillus and Janowski (2013) also contributes to the field by analyzing the presence of the hero archetype in the symbolic universe of childhood, based on studies of dreams and drawings. The classic tales of Andersen (2008), Baum (2003), and the symbolic interpretations by authors such as Jung (1984, 2000, 2011), Kast (2016), Neumann (1996), and Martin (2012) enrich the approach with symbolic and anthropological depth. Contributions from authors like Bajard (2010), Waldemar (2002), and Nogueira & Maciel (2008) ultimately demonstrate how these stories are also fundamental in the processes of literacy, graphic expression, and strengthening of affective bonds within the family and with others. The relevance of this study lies in rescuing the symbolic and formative value of fairy tales in an era marked by immediacy and the superficiality of children's experiences. Recognizing the educational, emotional, and cultural power of these narratives is essential to promote the integral and humanized development of the child.

Keywords: Fairy tales; integral development of the child; emotions; imagination; writing; affective relationships.

CUENTOS DE HADAS Y EL DESARROLLO INTEGRAL DEL NIÑO: EMOCIONES, IMAGINACIÓN, ESCRITURA Y RELACIONES AFECTIVAS.

Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian
Silvana Nascimento de Carvalho

El presente trabajo, de carácter documental y bibliográfico, analiza la relevancia de los cuentos de hadas en el desarrollo integral del niño, con especial énfasis en los aspectos emocionales, imaginativos, del lenguaje escrito y de las relaciones afectivas. La investigación se fundamenta en aportes teóricos de autores consagrados en las áreas de psicología, educación, literatura infantil y psicoanálisis, cuyas experiencias profesionales y académicas refuerzan el valor simbólico y pedagógico de estas narrativas atemporales. Bruno Bettelheim (1980), educador y psicoanalista, fue uno de los primeros en sistematizar la función terapéutica de los cuentos de hadas, argumentando que estas historias actúan directamente sobre el inconsciente infantil, ayudando al niño a enfrentar sus miedos, conflictos internos e inseguridades. Marie-Louise Von Franz (2005), reconocida discípula de Carl Jung, destaca el papel de los cuentos como expresión simbólica de los arquetipos y como elementos esenciales en la integración de la psique infantil. Su experiencia clínica con el análisis junguiano ofrece una base sólida para comprender los cuentos como agentes de transformación psicológica. Desde una perspectiva educativa, Teresa Colomer (2007), investigadora en literatura y prácticas lectoras, presenta los cuentos de hadas como instrumentos fundamentales en la formación del lector literario y en la construcción del lenguaje. Sus observaciones subrayan el poder que poseen estas narrativas para estimular la lectura crítica y la escritura creativa desde la infancia. Complementando esta visión, Paulo Freire (1996), referencia indiscutible en la pedagogía crítica, resalta que la lectura del mundo precede a la lectura de la palabra, y que las historias, cuando son bien trabajadas, se convierten en herramientas de concienciación y construcción de identidad. Autores como Vygotsky (1998) y Piaget (1998) exploran el papel de la imaginación, el juego simbólico y el lenguaje en la construcción del pensamiento infantil. Sus investigaciones muestran que el contacto con narrativas estructuradas, como los cuentos de hadas, favorece el desarrollo cognitivo, afectivo y social del niño, al mismo tiempo que posibilita la interiorización de normas, valores y emociones. En el ámbito psicoanalítico, Diana y Mário Corso (2006) proponen una relectura contemporánea de los cuentos de hadas, explorando sus significados ocultos y sus metáforas sobre temas sensibles como el miedo, el abandono, la transformación y el deseo. La investigación de Fillus y Janowski (2013) también aporta al campo al analizar la presencia de arquetipos del héroe en el universo simbólico infantil, basándose en estudios de sueños y dibujos. Los cuentos clásicos de Andersen (2008), Baum (2003) y las interpretaciones simbólicas de autores como Jung (1984, 2000, 2011), Kast (2016), Neumann (1996) y Martin (2012) enriquecen el enfoque con profundidad simbólica y antropológica. Las contribuciones de autores como Bajard (2010), Waldemar (2002) y Nogueira & Maciel (2008) demuestran, por último, cómo estas historias también son fundamentales en los procesos de alfabetización, expresión gráfica y fortalecimiento de los vínculos afectivos con la familia y con los demás. La relevancia de este estudio se justifica por el rescate del valor simbólico y formativo de los cuentos en una época marcada por el inmediatismo y la superficialidad de las experiencias infantiles. Reconocer el poder educativo, emocional y cultural de estas narrativas es esencial para promover un desarrollo integral y humanizado del niño.

Palabras clave: Cuentos de hadas; desarrollo integral del niño; emociones; imaginación; escritura; relaciones afectivas.

Onde moram os contos?

Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian
Silvana Nascimento de Carvalho

Nos olhos da infância mora o encanto,
um mundo bordado em sonho e pranto,
feito de reis, dragões e fadas,
de florestas mágicas e jornadas.

Nas páginas mansas do faz de conta,
o medo é fera que a alma afronta,
mas vira ponte, vira asa,
quando a criança enfrenta e abraça.

Branca de Neve, João e Maria,
sussurram coragem, plantam poesia.
Entre feitiços e desafios,
crescem afetos, pontes e rios.

A escrita brota da imaginação,
feito flor nascida do coração.
Cada história escutada e sentida
desenha palavras, dá alma à vida.

No conto a criança se reconhece,
chora, ri, cai, aprende e cresce.
Nas mãos do lobo ou na casa de mel,
descobre o bem, o mal e o papel.

Na escuta atenta do adulto querido,
tece o afeto no ouvido acolhido.
Ler é amar, é partilhar o chão
de um castelo feito de emoção.

Jung vê os mitos, Bettelheim, o temor,
mas todos reconhecem: há cura e amor.
Nas sombras do conto, há luz interior,
há um espelho mágico que revela a cor.

Contos de fadas são mais que invenção:
são mapas da alma, são iniciação.
São asas ao verbo, ao sonho e ao ser,
ensinando o pequeno a crescer e viver.

1. INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais remotos da humanidade, contar histórias tem sido uma prática fundamental para a transmissão de saberes, valores, emoções e tradições. Entre os diversos gêneros narrativos, os contos de fadas ocupam lugar especial, tanto pela simplicidade de suas estruturas quanto pela profundidade simbólica que carregam. Essas histórias atravessaram séculos em diferentes culturas, e embora sejam hoje popularmente associadas ao universo infantil, seus enredos revelam questões universais da existência humana. Com raízes na tradição oral, os contos de fadas foram reunidos, escritos e disseminados por autores como os Irmãos Grimm, Charles Perrault e Hans Christian Andersen, cujas versões ainda ecoam na literatura contemporânea e na cultura popular global.

Os contos de fadas são carregados de arquétipos — padrões simbólicos universais — que ressoam no inconsciente humano, conforme teorizado por Carl Gustav Jung. As figuras da bruxa, do herói, da princesa, do dragão, do castelo encantado e da floresta sombria são representações simbólicas de aspectos internos da psique que se manifestam por meio da imaginação. Segundo Jung (2000), essas imagens atuam diretamente sobre a alma, pois se conectam ao inconsciente coletivo, uma camada profunda da mente humana compartilhada por todos os indivíduos. Ao ouvir ou ler um conto de fadas, a criança entra em contato com essas imagens arquetípicas, o que contribui para seu processo de desenvolvimento psicológico.

Marie-Louise Von Franz (2005), grande estudiosa junguiana dos contos de fadas, afirma que essas narrativas representam de forma condensada e clara os processos mais fundamentais da psique humana. Para ela, os contos expressam de maneira direta as experiências arquetípicas que estruturam o psiquismo. Eles não dependem de contextos religiosos ou culturais específicos, o que os torna atemporais e universais. Essa característica permite que crianças de diferentes épocas e lugares reconheçam-se nas histórias e vivenciem, por meio delas, experiências internas importantes. Segundo a autora, os contos de fadas espelham a estrutura essencial da alma humana, sendo comparáveis às águas profundas do oceano simbólico que sustenta todos os mitos e sonhos.

A função dos contos de fadas vai muito além do entretenimento. Como apontado por Bruno Bettelheim (1980), essas histórias ajudam a criança a enfrentar seus medos inconscientes e a elaborar conflitos internos que ela ainda não sabe nomear ou racionalizar. Ao se identificar com os personagens — como o herói corajoso, a princesa aprisionada ou o vilão ameaçador — a criança projeta conteúdos do seu próprio mundo emocional, o que lhe permite lidar com suas inseguranças e fantasias de forma simbólica e segura. Bettelheim argumenta que, ao contrário das narrativas moralizantes ou excessivamente realistas, os contos de fadas oferecem à criança a possibilidade de crescimento emocional por meio da imaginação e da fantasia.

A linguagem simbólica presente nos contos é um instrumento poderoso de mediação entre o consciente e o inconsciente. Os enredos muitas vezes envolvem uma jornada iniciática em que o personagem principal precisa sair do ambiente conhecido, enfrentar desafios, conhecer aliados e inimigos e, por fim, retornar transformado. Essa estrutura, conhecida como "Jornada do Herói", conforme popularizada por Joseph Campbell e aprofundada por autores como Fillus e Janowski (2013), representa um processo de amadurecimento psíquico que reflete os próprios ciclos de desenvolvimento do ser humano. Ao vivenciar essas jornadas pela escuta ou leitura, a criança internaliza modelos de superação, resiliência e transformação.

Os contos de fadas cumprem uma função importante na formação da linguagem, da criatividade e da afetividade. Vygotsky (1998) afirma que o desenvolvimento da imaginação está diretamente ligado à aquisição da linguagem e à construção do pensamento simbólico. Ao ouvir contos, a criança amplia seu vocabulário, estrutura seu pensamento narrativo e experimenta emoções de forma segura. Ao recontar ou dramatizar as histórias, ela desenvolve a expressão verbal, a escrita criativa e a capacidade de se colocar no lugar do outro, o que favorece a empatia e a socialização. A fantasia, longe de ser uma fuga da realidade, torna-se uma ferramenta fundamental para compreender o mundo.

O contexto educacional é especialmente propício para o uso dos contos de fadas. Professores e educadores podem utilizar essas narrativas como pontes entre o conteúdo pedagógico e o universo emocional das crianças. De acordo com Bajard (2010), os contos ajudam a construir a personalidade da criança, oferecendo-lhe modelos simbólicos de comportamento, coragem e solução de problemas. Eles também servem como gatilhos para debates éticos e morais, sem que seja necessário recorrer a discursos impositivos. Por meio da metáfora, é possível discutir temas como justiça, cooperação, ganância, inveja e perdão, de forma lúdica e acessível.

Os contos de fadas também encontram espaço na psicoterapia infantil e na mediação de conflitos emocionais. No trabalho clínico, muitos profissionais utilizam essas histórias como ferramentas de projeção, permitindo que a criança fale sobre suas angústias por meio dos personagens. Segundo Corso e Corso (2006), os contos podem funcionar como espelhos simbólicos que revelam os medos, os desejos e os impasses emocionais da criança. Eles abrem espaço para que ela nomeie seus sentimentos de maneira indireta, favorecendo o diálogo e o acolhimento de suas experiências. Assim, os contos deixam de ser apenas histórias para se tornarem instrumentos terapêuticos eficazes.

Na sociedade contemporânea, marcada pela rapidez da informação e pela valorização da objetividade, o espaço para o simbólico e o imaginativo tem diminuído. Muitas vezes, a leitura é substituída por conteúdos visuais e digitais que, embora atrativos, não estimulam a profundidade do

pensamento simbólico. Nesse contexto, resgatar o valor dos contos de fadas torna-se um ato de resistência cultural e humanizadora. Como destaca Colomer (2007), contar e ler contos de fadas nos dias de hoje é também um modo de preservar a escuta, a delicadeza e a capacidade de imaginar futuros possíveis.

O papel dos adultos — pais, professores, cuidadores e terapeutas — é fundamental nesse processo. Ao mediar a leitura dos contos, o adulto ajuda a criança a interpretar os símbolos, a refletir sobre as situações vividas pelos personagens e a relacionar essas experiências com sua própria realidade. Paulo Freire (1996) afirma que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, e que aprender a ler é, também, aprender a interpretar a vida. Os contos de fadas oferecem, portanto, uma forma de leitura simbólica do mundo, na qual cada elemento da história representa uma dimensão da experiência humana.

É importante destacar que os contos de fadas não devem ser reduzidos a estereótipos de princesas frágeis ou vilões caricatos. Muitos contos, sobretudo em suas versões originais, apresentam protagonistas femininas fortes, corajosas e inteligentes, além de heróis sensíveis e justos. A leitura crítica dessas histórias pode revelar nuances que foram perdidas em adaptações posteriores, feitas muitas vezes para atender a valores sociais dominantes. O trabalho de autores como Zipes (2006) convida à revisão e à reinterpretação dos contos, ampliando seu potencial pedagógico e libertador.

Do ponto de vista simbólico, cada conto representa uma metáfora da jornada interior de cada ser humano. Enfrentar o lobo, descer ao mundo subterrâneo, costurar camisas mágicas, beijar um sapo ou vencer um feitiço são imagens que representam processos de crescimento, de transformação e de reconexão com a própria essência. Esses elementos são comuns nos sonhos e nas fantasias infantis e, por isso, ao entrarem em contato com as histórias, as crianças se sentem compreendidas em seus medos e desejos mais profundos. Elas descobrem que não estão sozinhas em suas angústias e que, assim como os heróis dos contos, também podem superar desafios.

A presença do sagrado de forma simbólica — como aponta Mircea Eliade — reforça o caráter iniciático dos contos. Mesmo sem menções explícitas a divindades, os contos lidam com temas existenciais como a morte, o renascimento, o amor, a perda e a redenção. Eles estruturam, de maneira acessível, uma narrativa de sentido que ajuda a criança a encontrar significado para suas experiências. Para Eliade, essas histórias representam um retorno ao tempo mítico da origem, onde tudo é possível, e onde a esperança sempre renasce.

Em tempos de fragmentação emocional e excesso de estímulos visuais, os contos de fadas oferecem um espaço de pausa e reconexão com o imaginário. Eles lembram que o encantamento é parte essencial da vida e que a sensibilidade pode ser uma forma de resistência. Como afirma Kast (2016), a alma precisa de tempo — e as histórias nos dão esse tempo, convidando-nos a mergulhar

em universos simbólicos que enriquecem nossa visão do mundo e de nós mesmos. Neles, cada obstáculo vencido, cada poção descoberta, cada beijo de amor verdadeiro representa um passo em direção à integração e à sabedoria interior.

A leitura e a escuta dos contos de fadas devem ser incentivadas desde a primeira infância. Elas alimentam a imaginação, fortalecem os vínculos afetivos e promovem a saúde emocional e simbólica. Os contos não ensinam apenas "lições", mas oferecem vivências internas profundas. Em um mundo cada vez mais acelerado, resgatar o poder das histórias pode ser uma forma de preservar a humanidade em nós — e, especialmente, nas crianças, cuja alma ainda reconhece o valor do “era uma vez...”.

2. DESENVOLVIMENTO

O contato com narrativas arquetípicas estimula não apenas a fantasia, mas também funções psíquicas fundamentais para o amadurecimento emocional, como a empatia, a resiliência, a elaboração dos medos e o reconhecimento dos próprios desejos. Longe de ser apenas um passatempo, escutar ou ler contos de fadas constitui uma vivência formadora, pois essas histórias oferecem à criança a oportunidade de explorar conflitos, dilemas e transformações humanas em um território seguro — o da imaginação. Ao identificar-se com personagens em situações-limite, a criança não apenas se diverte, mas também internaliza modelos de enfrentamento e superação que se inscrevem em sua estrutura emocional de maneira sutil, porém profunda.

A escuta de histórias compartilhada com adultos — pais, educadores ou cuidadores — contribui para o fortalecimento dos vínculos afetivos, criando um espaço de intimidade e confiança onde a criança sente-se acolhida, compreendida e validada em suas emoções. Essa dimensão relacional é essencial, sobretudo em uma sociedade contemporânea marcada pelo excesso de estímulos digitais, pelo individualismo e pela redução do tempo de convivência familiar.

Os contos de fadas funcionam, nesse contexto, como portais para o encantamento e o autoconhecimento, reativando uma linguagem simbólica que muitas vezes se perde na racionalidade do cotidiano. Eles não oferecem lições de moral prontas ou fórmulas rígidas de comportamento, mas sim experiências internas profundas que convidam à reflexão, à dúvida, à esperança e à transformação.

Cultivar o hábito de contar e ler contos para as crianças — desde o berço até as primeiras etapas da alfabetização — é também um gesto de cuidado com a saúde psíquica, emocional e social.

Em um mundo cada vez mais acelerado, fragmentado e saturado de informações superficiais, resgatar o poder das histórias é uma forma de preservar aquilo que ainda nos torna humanos: a capacidade de imaginar, sonhar, sentir e narrar a própria existência. As crianças, com sua

sensibilidade aguçada e ainda não domesticada pela lógica utilitarista, reconhecem com naturalidade o valor do “era uma vez...”, pois nele reside a possibilidade do impossível, a promessa da transformação e o renascimento de tudo aquilo que a alma anseia, mas que o mundo adulto tantas vezes esquece.

2.1. OS CONTOS DE FADAS E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Ao longo da história da humanidade, mesmo sem perceber, as pessoas sempre buscaram se conectar com os conteúdos mais profundos da mente humana — aquilo que Carl Gustav Jung denominou “inconsciente coletivo”. Para ele, esse nível da psique abriga imagens arquetípicas universais que transcendem tempo e cultura, influenciando o comportamento, os sonhos, os mitos e as narrativas populares (Jung, 2000, p. 52). Os contos de fadas, nesse sentido, ocupam um lugar de destaque como expressão espontânea dos símbolos do inconsciente, permitindo que crianças e adultos entrem em contato com essas imagens primordiais por meio da fantasia, do encantamento e da identificação com os personagens e suas jornadas.

Entre as civilizações antigas, a ligação com o simbólico se manifestava especialmente pela oralidade, através de histórias contadas em torno das fogueiras, nas festas sazonais ou em ritos de passagem. Esses relatos falavam de heróis, monstros, reinos mágicos e desafios, muitas vezes como forma de explicar o mundo, a vida e a morte. Os contos de fadas, herdeiros dessas tradições, continuaram a circular — primeiro oralmente, depois por meio da escrita — carregando consigo um conteúdo simbólico transformador. Como aponta Von Franz (2005, p. 18), “os contos de fadas são a forma mais simples e pura de expressão dos processos psíquicos do inconsciente coletivo”, e por isso são tão poderosos, especialmente quando acessados durante a infância.

Na infância, o contato com os contos de fadas não apenas alimenta a imaginação, mas também promove um aprendizado emocional fundamental. Quando uma criança ouve “Rapunzel” e se encanta com a jovem presa na torre, ela experimenta, simbolicamente, a vivência do isolamento e do desejo de liberdade. Quando escuta “O Príncipe Sapo”, reconhece o valor da confiança e da transformação interior. Esses enredos tocam diretamente a estrutura emocional infantil, ajudando a nomear medos, desejos e sentimentos que, muitas vezes, a criança ainda não consegue expressar verbalmente (Bettelheim, 1980, p. 26).

Os contos favorecem a construção de vínculos afetivos importantes. Quando um adulto lê ou conta uma história para uma criança, cria-se um espaço de escuta e acolhimento que fortalece a relação entre ambos. O adulto torna-se uma figura mediadora entre o mundo interno da criança e o universo simbólico da narrativa. Segundo Waldemar (2002, p. 45), “o momento de contar histórias é também um momento de encontro afetivo, de criação de laços que vão além das palavras”. Esse

vínculo, construído na escuta compartilhada, contribui significativamente para o desenvolvimento social e afetivo da criança.

Quadro 1: Fases do desenvolvimento infantil e a relação com contos de fadas

Fase do Desenvolvimento Infantil	Objetivos Relacionados aos Contos de Fadas	Atividades Sugeridas	Autores e Fundamentação (2025)
0 a 2 anos (Sensório-motor)	Estimular a escuta, afetividade e reconhecimento de vozes e emoções.	Contação de histórias com entonação suave, gestos e objetos de apoio (fantoches, brinquedos de pano).	Silvana Nascimento de Carvalho (2025) destaca que a narrativa oral nos primeiros anos fortalece vínculos afetivos e inicia a criança na linguagem simbólica por meio da escuta e do afeto.
2 a 4 anos (Pré-operacional inicial)	Desenvolver a imaginação, ampliar o vocabulário e favorecer o brincar simbólico.	Dramatização de contos com fantasia, encenação de trechos simples e recontos orais.	Simone Helen Drumond Ischkanian (2025) ressalta que os contos funcionam como estímulo à linguagem e à criatividade, favorecendo a organização do pensamento infantil.
4 a 6 anos (Pré-operacional final)	Estimular a construção da moral, expressão de sentimentos e autonomia narrativa.	Rodas de conversa sobre os personagens, confecção de livros com desenhos dos contos, produção de finais alternativos.	Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos (2025) afirma que as crianças nessa fase começam a interpretar simbolicamente os desafios dos personagens, refletindo sobre suas próprias emoções.
6 a 8 anos (Operações concretas iniciais)	Promover a compreensão de causa e consequência, relações sociais e resolução de conflitos.	Atividades de reconto coletivo, debate sobre atitudes dos personagens, montagem de teatro de fantoches com dilemas morais.	Gladys Nogueira Cabral (2025) reforça que os contos funcionam como base para discussões éticas e sociais, desenvolvendo empatia e pensamento crítico.
8 a 10 anos (Operações concretas avançadas)	Favorecer o autoconhecimento, a escrita criativa e o entendimento dos arquétipos.	Escrita de contos autorais inspirados em contos clássicos, análise comparativa entre diferentes versões (ex: "Cinderela" dos Irmãos Grimm e Perrault).	Sandro Garabed Ischkanian (2025) destaca que nessa etapa a criança está apta a compreender o simbolismo dos contos e desenvolver

Fonte: SANTOS, Cíntia Aparecida Nogueira dos; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; CARVALHO, Silvana Nascimento de. 2025.

Ao ouvir ou ler contos como "O Pequeno Polegar" ou "A Rainha da Neve", a criança cria imagens internas, visualiza cenários e personagens, projeta-se em situações desafiadoras e formula possíveis desfechos. Esse exercício mental fortalece funções cognitivas importantes, como a

memória, a atenção e a antecipação, ao mesmo tempo em que desenvolve a capacidade simbólica e o pensamento abstrato. Vygotsky (1998, p. 120) destaca que “a imaginação é um processo psicológico essencial no desenvolvimento da criança, pois ela permite antecipar ações, criar hipóteses e construir sentido para as experiências vividas”.

No plano do desenvolvimento moral, os contos de fadas também exercem papel significativo. Piaget (1998, p. 33) observa que a criança, até certa idade, não distingue claramente entre o mundo real e o imaginário, o que torna os contos particularmente adequados para introduzir noções de certo e errado, de justiça, responsabilidade e empatia. As histórias não impõem valores, mas os apresentam de forma simbólica. Quando uma criança acompanha a trajetória de um herói que precisa vencer o egoísmo, o medo ou a ganância, ela aprende, por identificação, que tais atitudes têm consequências — positivas ou negativas.

Os contos de fadas, portanto, servem como verdadeiros mapas simbólicos de desenvolvimento, oferecendo modelos para o crescimento psicológico e emocional. Como afirma Von Franz (2005, p. 31), “os contos espelham, em suas tramas, os processos de individuação que ocorrem na psique humana”. A princesa que precisa tecer roupas mágicas para salvar os irmãos, como em “Os Cisnes Selvagens”, representa o esforço interno necessário para resgatar e integrar aspectos fragmentados do self. Cada história, ao seu modo, trata de perda, dor, superação, transformação e reconciliação — temas universais que a criança assimila de forma lúdica e significativa.

No campo da alfabetização e da linguagem, os contos de fadas também oferecem contribuições inestimáveis. Ao ouvir histórias, a criança amplia seu vocabulário, internaliza estruturas narrativas, desenvolve a escuta atenta e compreende melhor a lógica do discurso. Ao recontar ou dramatizar essas histórias, ela exercita sua memória, sua expressão oral e, posteriormente, sua produção escrita. Conforme Piaget (1998, p. 74), o domínio da linguagem está intimamente ligado ao desenvolvimento do pensamento e da moralidade, sendo, portanto, fundamental que os contos façam parte da rotina escolar e familiar da criança desde os primeiros anos.

A escrita criativa, que emerge a partir do contato com contos de fadas, permite que a criança transforme suas experiências internas em narrativas próprias. Essa prática não só fortalece a linguagem como também possibilita que a criança elabore simbolicamente vivências que muitas vezes permanecem inconscientes. Segundo Vygotsky (1998, p. 136), “a escrita, quando estimulada pela fantasia, deixa de ser mera transcrição e passa a ser um ato criativo e revelador”. Assim, os contos funcionam como sementes de expressão literária, inspirando novas histórias que ampliam o repertório simbólico infantil.

A dimensão terapêutica dos contos também merece destaque. Em contextos clínicos, muitos psicólogos utilizam essas narrativas como ferramentas de projeção e interpretação. Ao reconhecer-se nas histórias, a criança pode falar sobre seus medos, suas perdas e seus desejos de maneira indireta, mas profundamente significativa. Von Franz (2005, p. 64) afirma que "os contos ativam conteúdos arquetípicos que promovem reorganizações internas na psique". Ou seja, eles não apenas refletem a alma, mas também a transformam. A repetição ritualística dos enredos, os finais restauradores e os símbolos universais ajudam a psique infantil a se reequilibrar.

Em tempos de hiperconectividade e estímulos visuais excessivos, o retorno à narrativa oral e escrita dos contos de fadas é uma forma de resgatar a interioridade e a escuta sensível. Diferente das mídias digitais, que frequentemente oferecem experiências fragmentadas e imediatistas, o conto exige atenção, paciência, silêncio e imaginação ativa. Waldemar (2002, p. 39) observa que "o conto é um convite à pausa, ao mergulho na alma e ao reencontro com o que é essencial". Ao escutar uma história, a criança desacelera, sonha e entra em contato com sua própria interioridade.

A escuta ativa de histórias também favorece o desenvolvimento da empatia. Ao acompanhar os dilemas dos personagens, a criança aprende a colocar-se no lugar do outro, a compreender diferentes pontos de vista e a respeitar a diversidade. Em "A Rainha da Neve", por exemplo, a protagonista atravessa diversos reinos e encontra criaturas com valores distintos. Essa jornada simbólica representa, no plano psicológico, a travessia das diferenças e a construção do vínculo com o outro — algo fundamental nas relações afetivas e sociais.

A construção da identidade também é favorecida pelos contos de fadas. As histórias fornecem à criança imagens de quem ela pode vir a ser, ajudando-a a dar sentido a si mesma. Em "O Pequeno Polegar", a esperteza do protagonista mostra que a força nem sempre é física, mas pode ser intelectual e criativa. Isso oferece à criança um modelo de autoestima e valorização de suas próprias habilidades. Conforme Von Franz (2005, p. 98), "os contos de fadas mostram que a individuação ocorre pela superação de provas internas, e não pela adequação a modelos externos impostos".

Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos (2025) frisa que embora os contos de fadas contribuam significativamente para a construção da identidade infantil ao oferecer modelos simbólicos de superação, coragem e criatividade, conforme exemplificado em personagens como o Pequeno Polegar, é necessário reconhecer que, quando apresentados sem reflexão crítica, esses mesmos contos podem reforçar estereótipos de gênero e limitar a diversidade de referenciais identitários possíveis.

Simone Helen Drumond Ischkanian (2025) projeta que ao promover o encantamento e abrir espaço para a livre imaginação, o famoso "era uma vez..." permite que a criança acesse uma dimensão simbólica essencial para seu desenvolvimento afetivo e emocional; por outro lado, a

permanência acrítica de finais idealizados como “viveram felizes para sempre” pode induzir visões irreais sobre a vida e a resolução de conflitos, desconsiderando a complexidade das experiências humanas.

Gladys Nogueira Cabral (2025) destaca que o valor psicológico e pedagógico dos contos de fadas reside em sua capacidade de traduzir, em linguagem simbólica e acessível, dilemas existenciais e emocionais vivenciados pela criança, estimulando tanto a autoestima quanto a resiliência; no entanto, essa potência simbólica pode ser reduzida ou distorcida quando os contos são apresentados apenas como entretenimento superficial, sem mediação afetiva e interpretativa por parte dos adultos.

Sandro Garabed Ischkanian (2025) retrata que as histórias fantásticas ajudam a criança a lidar com suas próprias inseguranças e a reconhecer-se como sujeito em processo de crescimento e transformação, favorecendo o desenvolvimento de uma identidade fortalecida e autêntica; contudo, é preciso cautela para que esse processo simbólico não seja contaminado por versões comerciais que banalizam os conflitos e substituem a profundidade psicológica por estéticas consumistas e vazias de sentido.

Silvana Nascimento de Carvalho (2025) destaca, quando bem conduzidos no ambiente familiar ou escolar, os contos de fadas servem como ferramentas afetivas e educativas poderosas, capazes de promover empatia, autoconhecimento e expressão emocional nas crianças; entretanto, sua eficácia pode ser comprometida se houver ausência de escuta ativa e de um espaço de diálogo onde a criança possa elaborar os significados simbólicos que a história lhe desperta.

Vale destacar que o “era uma vez...” ainda tem um poder encantador sobre a alma infantil. Esse início simbólico marca a entrada em um tempo mítico, onde tudo é possível e onde a esperança é sempre renovada. O final “e viveram felizes para sempre” não significa que não haverá dificuldades, mas sim que, mesmo após os desafios, a paz e o amor são possíveis. Em um mundo cada vez mais marcado pela pressa, pela racionalidade fria e pela perda da dimensão simbólica, os contos de fadas nos lembram que imaginar, sonhar e simbolizar continuam sendo formas legítimas de viver e compreender a realidade.

2.2. ARQUETÍPICO E OS CONTOS: EMOÇÕES, IMAGINAÇÃO, ESCRITA E RELAÇÕES AFETIVAS

O mundo arquetípico, como concebido por Carl Gustav Jung, representa um universo simbólico comum a todos os seres humanos, formado por imagens primordiais e universais. Dentro desse contexto, os contos de fadas funcionam como portais de acesso ao inconsciente coletivo, permitindo que adultos e crianças se reconectem com emoções profundas e arquétipos fundamentais. Em uma sociedade cada vez mais voltada à racionalidade e ao consumo, o retorno a essas narrativas

arquetípicas surge como um respiro à alma moderna, oferecendo significados que transcendem o cotidiano e promovem autoconhecimento e cura interior (Bettelheim, 1980, p. 45).

Durante a infância, os contos de fadas não são apenas entretenimento, mas instrumentos poderosos de formação emocional e simbólica. Édith Bajard (2010, p. 27) destaca que "a fantasia presente nos contos é essencial à formação da personalidade, pois permite que a criança projete e elabore suas angústias, seus desejos e seus conflitos internos". Nesse sentido, ao ouvir ou ler contos como "João e Maria" ou "Branca de Neve", a criança reconhece suas próprias emoções e lutas internas nas aventuras dos personagens.

No conto "O Patinho Feio", de Hans Christian Andersen (2008), vemos um exemplo claro de como um arquétipo pode ser experienciado simbolicamente. O patinho, rejeitado por não se encaixar nos padrões do grupo, representa a jornada do herói em busca de sua verdadeira identidade. Tal narrativa não apenas trabalha o tema da rejeição e da diferença, mas também permite que a criança desenvolva empatia e autoestima ao perceber que, mesmo sendo diferente, o patinho torna-se um belo cisne (Andersen, 2008, p. 12).

A imaginação infantil é estimulada ao máximo quando exposta às imagens simbólicas dos contos. Dragões, florestas encantadas, madrastas, fadas e reis são expressões arquetípicas que povoam o inconsciente coletivo e se traduzem em experiências vividas internamente. Bruno Bettelheim (1980, p. 59) aponta que "os contos de fadas auxiliam a criança a lidar com suas emoções inconscientes de forma segura e construtiva", favorecendo a organização mental e a compreensão dos sentimentos.

Na fase adulta, como observou Jung, a tendência é a repressão do mundo simbólico em favor da consciência racional. Isso leva ao afastamento de aspectos essenciais do ser, como a criatividade, o encantamento e a emoção pura. Entretanto, a releitura dos contos de fadas pode funcionar como um reencontro com esses aspectos esquecidos. Ao revisitarmos "Cinderela" ou "Chapeuzinho Vermelho", não apenas recordamos a infância, mas também reativamos emoções profundas e significados simbólicos (Perreault, 2003, p. 19).

Marie-Louise Von Franz, em sua análise sobre os contos, afirma que esses textos representam a forma mais pura e direta de expressão dos processos inconscientes da psique. Segundo ela, "os contos não estão ligados a uma cultura específica, e é exatamente por isso que falam tão diretamente com a alma humana" (Von Franz, 2005, p. 11). Essa universalidade é o que permite que pessoas de diferentes épocas e culturas se identifiquem com as mesmas histórias.

O conto "Branca de Neve" traz à tona o arquétipo da sombra, representado pela madrasta invejosa, que tenta destruir a beleza e pureza da protagonista. Segundo Bajard (2010, p. 40), é nesse enfrentamento com a sombra que reside a possibilidade de amadurecimento psíquico, pois a criança

aprende que existem forças contraditórias dentro de si e do mundo, e que o bem deve ser constantemente reafirmado.

As relações afetivas também são profundamente tocadas pelos contos. A escuta compartilhada entre adultos e crianças durante a contação de histórias estreita os vínculos e cria um espaço simbólico de segurança emocional. Como diz L. Frank Baum (2003, p. 8), autor de "O Mágico de Oz", "os contos são lugares onde podemos aprender a amar, perder e reencontrar, sem medo de errar".

A escrita criativa, por sua vez, ganha força quando a criança tem acesso à riqueza de imagens e enredos oferecidos pelos contos de fadas. Recontar as histórias com palavras próprias, inventar finais diferentes ou criar novos personagens ativa processos cognitivos complexos e amplia o repertório linguístico. Bajard (2010, p. 49) reforça que "a produção escrita é potencializada quando a imaginação é alimentada por imagens simbólicas densas".

Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos (2025) destaca que o desenvolvimento da escrita criativa na infância é profundamente potencializado quando as crianças têm acesso a um repertório rico em imagens simbólicas e narrativas estruturadas, como aquelas presentes nos contos de fadas, que servem não apenas como fontes de inspiração, mas também como ferramentas fundamentais para a construção do sentido e da identidade. Ela ressalta que essa prática permite que a criança exerça sua autonomia linguística ao recontar histórias, criar finais alternativos ou imaginar personagens inéditos, promovendo uma relação ativa e reflexiva com a linguagem escrita. Contudo, Santos alerta para um aspecto negativo bastante comum no ambiente escolar contemporâneo, onde a busca por resultados padronizados e avaliações objetivas pode sufocar a liberdade criativa da criança, tornando o processo de escrita uma mera atividade mecânica e repetitiva, o que compromete o desenvolvimento do pensamento crítico e a expressão genuína das emoções e subjetividades infantis, essenciais para o amadurecimento integral.

Simone Helen Drumond Ischkanian (2025) evidencia que o desenho, especialmente nas primeiras fases do desenvolvimento infantil, funciona como uma forma primordial de expressão emocional e cognitiva, um canal simbólico pelo qual a criança externaliza suas vivências internas e constrói representações do mundo ao seu redor. Para Ischkanian, o desenho é um importante aliado da escrita criativa, pois contribui para o desenvolvimento da imaginação, da percepção espacial e do controle motor, aspectos indispensáveis para o avanço escolar e para o desenvolvimento psicológico. Porém, a autora chama atenção para o fato de que, sem um ambiente de estímulo adequado e uma mediação pedagógica sensível, o desenho pode perder seu caráter lúdico e exploratório, transformando-se em uma tarefa limitada e desmotivadora, o que pode gerar frustração e bloquear a

criatividade da criança, comprometendo o desenvolvimento saudável de sua expressão simbólica e afetiva.

Gladys Nogueira Cabral (2025) ressalta que a integração entre escrita criativa e desenho durante as fases iniciais do desenvolvimento infantil propicia um diálogo rico entre pensamento, emoção e linguagem, permitindo que a criança organize suas ideias de forma coerente e simbólica, fortalecendo habilidades cognitivas e socioemocionais. Cabral destaca que essa junção de linguagens, quando estimulada de maneira diversificada e respeitosa aos ritmos individuais, potencializa o interesse e o envolvimento da criança nas atividades escolares, promovendo a autoconfiança e o prazer pela aprendizagem. Contudo, a autora aponta que o principal desafio está justamente na oferta insuficiente de estímulos variados e adequados, pois uma abordagem homogênea e excessivamente estruturada pode não atender às necessidades específicas de cada fase, resultando em desmotivação, bloqueios expressivos e dificuldades na construção da identidade.

Sandro Garabed Ischkanian (2025) argumenta que, à medida que a criança avança nas fases escolares, o estímulo à escrita criativa apoiado nos contos de fadas torna-se essencial para a ampliação do repertório cultural e emocional, pois permite que o aluno desenvolva autonomia para elaborar narrativas próprias e exercitar a reflexão crítica sobre si e o mundo. Ele destaca que essa prática é uma poderosa ferramenta para o fortalecimento da autoestima e para o reconhecimento de valores simbólicos profundos, como a superação de desafios e o amadurecimento afetivo, presentes nas histórias tradicionais. Por outro lado, Ischkanian alerta que, em contextos educacionais nos quais há pouca valorização da experimentação textual e da criatividade, a escrita pode acabar restrita à reprodução mecânica de conteúdos, prejudicando o desenvolvimento do pensamento criativo e da capacidade de inovar, o que limita o crescimento integral da criança enquanto sujeito ativo e autor de sua própria história.

Nos contos, o tempo não é cronológico, mas simbólico. O "era uma vez" remete à eternidade do inconsciente, onde tudo é possível e os arquétipos ganham vida. Isso permite que o leitor ou ouvinte entre em um espaço de reflexão profunda e simbólica. Von Franz (2005, p. 33) afirma que esse tempo não linear é fundamental para a transformação interior que os contos provocam.

Os contos não negam a existência do mal ou da dor, mas os apresentam de forma simbolicamente elaborada, permitindo que a criança desenvolva resiliência. Bruno Bettelheim (1980, p. 61) observa que "ao ouvir sobre bruxas, lobos e gigantes, a criança enfrenta seus medos em um ambiente controlado, onde sabe que o final será feliz".

O conto "A Roupa Nova do Rei", de Andersen, por exemplo, toca em aspectos como vaidade, ilusão e coragem moral. Quando a criança aponta que o rei está nu, ela rompe com a

hipocrisia coletiva e assume sua voz aut nu, ela rompe com a hipocrisia coletiva e assume sua voz aut\u00entica. Esse tipo de narrativa reforça o valor da sinceridade e da integridade.

Charles Perrault, autor de versões clássicas de "Chapeuzinho Vermelho" e "Cinderela", sabia que as histórias precisavam carregar lições morais, mas sem perder a dimensão simbólica. Ao criar personagens fortes e femininos, suas narrativas encorajam a coragem e a persistência (Perreault, 2003, p. 17).

A permanência dos contos através dos séculos revela que eles são mais do que simples narrativas infantis. São mapas interiores, chaves para o autoconhecimento, e espeços do que há de mais essencial no ser humano. Como afirma Von Franz (2005, p. 56), "ao narrar um conto de fadas, não apenas contamos uma história; oferecemos uma experiência de transformação psíquica".

O mundo arquetípico dos contos de fadas não apenas forma a base da imaginação e da escrita criativa, mas também constitui uma via fundamental para o desenvolvimento emocional e das relações afetivas, tanto na infância quanto na vida adulta. A literatura simbólica, continua sendo uma necessidade humana profunda e transformadora.

2.3. A JORNADA DO HERÓI NOS CONTOS E O MUNDO SIMBOLICO DA CRIANÇA.

Nos contos de fadas, a figura do herói ou heroína apresenta uma característica essencialmente autônoma, destacando-se da dependência direta de entidades divinas que controlam seu destino, como acontece nos mitos antigos. Essa autonomia dos personagens permite que as crianças identifiquem-se com agentes capazes de agir sobre o próprio caminho, tornando a narrativa um espelho de suas possibilidades de ação no mundo real. Colomer (2007, p. 32) ressalta que “nos contos, o protagonista atua como agente direto de suas escolhas, o que favorece o desenvolvimento da autonomia infantil e o reconhecimento de seu próprio poder transformador”, um aspecto que reforça a construção da identidade e da autoestima da criança.

A ausência explícita de uma moral religiosa estrita, que frequentemente permeia os mitos, não implica na perda do sagrado, mas numa reconfiguração simbólica que enriquece o universo narrativo dos contos. Corso e Corso (2006, p. 45) explicam que “essa transformação simbólica permite que personagens míticos reapareçam na forma de ajudantes, adversários ou figuras protetoras, preservando a conexão com o sagrado de forma mais acessível e metafórica para o universo infantil”. Dessa forma, as narrativas tornam-se mais flexíveis, possibilitando interpretações variadas e respeitando a pluralidade de experiências e contextos das crianças.

Esse cenário permite uma imersão simbólica onde a criança pode vivenciar, mesmo que de maneira indireta, conflitos internos, medos e desejos projetados nas aventuras dos personagens. Segundo Fillus e Janowski (2013, p. 647), “o arquétipo do herói manifestado nos contos de fadas atua como modelo psíquico que ajuda a criança a enfrentar seus próprios desafios internos, funcionando

como um agente de individuação e amadurecimento emocional." Assim, a jornada do herói não é apenas uma sequência de acontecimentos externos, mas um percurso que reflete e possibilita transformações psíquicas profundas.

A função iniciática dos contos, marcada por provas, renascimentos simbólicos e encontros com o outro, é fundamental para o amadurecimento emocional e cognitivo da criança. Cada etapa da jornada propicia uma passagem simbólica que ajuda a criança a compreender que o crescimento implica superação de obstáculos, a aquisição de novos conhecimentos e o fortalecimento das relações afetivas. Colomer (2007, p. 37) reforça que "a narrativa da jornada do herói introduz a criança em um processo de iniciação que prepara seu eu para as complexidades da vida social e emocional".

No entanto, a jornada do herói também apresenta aspectos que podem ser desafiadores para a criança, principalmente quando esses conflitos são vivenciados sem mediação adequada. A falta de contextualização pode gerar ansiedade ou incompreensão, pois os simbolismos profundos das provas e renascimentos podem assustar ou confundir a criança. Corso e Corso (2006, p. 52) alertam para "a necessidade do adulto mediador que compreenda o valor simbólico das histórias, para que o processo de identificação e superação possa ocorrer de maneira saudável e construtiva."

O ambiente moderno, marcado por um ritmo acelerado e muitas vezes desprovido de elementos simbólicos, pode enfraquecer essa conexão infantil com o mundo arquetípico dos contos. É nesse cenário que a reintrodução consciente das narrativas tradicionais torna-se ainda mais relevante, pois oferece às crianças um espaço onde a imaginação é estimulada e o sentido da vida pode ser refletido em metáforas acessíveis. Fillus e Janowski (2013, p. 648) destacam que "os contos funcionam como uma ferramenta essencial para reintegrar o sagrado e o simbólico na experiência infantil contemporânea."

A ação autônoma dos heróis nos contos de fadas ensina às crianças que o destino não é algo imutável, mas um caminho a ser trilhado com coragem, criatividade e inteligência. Essa perspectiva é fundamental para o desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico, habilidades que serão fundamentais ao longo da vida. Colomer (2007, p. 35) ressalta que "a narrativa dos contos encoraja a criança a reconhecer que suas decisões e atitudes têm peso real em sua trajetória pessoal e social."

Ainda que os contos sejam permeados por conflitos, adversidades e situações de risco, o desfecho costuma trazer a mensagem da esperança e da superação, reforçando a crença no possível triunfo do bem sobre o mal e na vitória da integridade emocional. Essa estrutura narrativa contribui para a resiliência emocional da criança, preparando-a para enfrentar os desafios reais com confiança. Freire (1996, p. 54) argumenta que "o ato de ler contos de fadas propicia uma experiência emocional profunda que fortalece a capacidade da criança de lidar com os paradoxos da vida."

A idealização exagerada dos finais felizes pode, em alguns casos, criar expectativas pouco realistas na criança, levando a frustrações ao confrontar a realidade. Essa é uma questão que deve ser trabalhada com cuidado e sensibilidade pelos educadores e familiares, que precisam contextualizar as histórias e ajudar a criança a compreender a complexidade da vida além da fantasia. Corso e Corso (2006, p. 58) enfatizam que "a mediação crítica dos contos é fundamental para que a criança possa equilibrar o encantamento com a compreensão da realidade."

A presença constante de personagens arquetípicos — como o herói, o vilão, a fada madrinha, o sábio — oferece à criança um repertório simbólico rico para interpretar suas próprias experiências e emoções. Esses arquétipos são universais e carregam significados profundos que facilitam a compreensão do mundo interno e das relações interpessoais. Fillus e Janowski (2013, p. 649) afirmam que "a identificação com arquétipos presentes nas histórias auxilia no desenvolvimento da empatia e da percepção das dinâmicas humanas."

Os contos de fadas também estimulam a imaginação e a criatividade, elementos essenciais para o desenvolvimento intelectual e emocional da criança. O universo fantástico, com seus personagens e cenários imaginativos, abre espaço para a exploração de possibilidades, invenções e reinvenções, essenciais para o processo de escrita criativa e expressão artística. Colomer (2007, p. 40) destaca que "a imaginação nutrida pelos contos proporciona um ambiente fértil para o florescimento das habilidades criativas e da linguagem."

No campo das relações afetivas, os contos de fadas fortalecem vínculos emocionais entre as crianças e os adultos que compartilham as histórias, promovendo momentos de intimidade e troca afetiva. A escuta e a narração dos contos criam um espaço seguro para a expressão de sentimentos, desejos e medos, ajudando na construção de relações de confiança e afeto. Freire (1996, p. 59) salienta que "o momento da leitura compartilhada é um encontro que transcende o texto, sendo um canal privilegiado para o desenvolvimento emocional."

É importante que essas narrativas sejam inseridas em um contexto pedagógico e familiar que valorize a escuta ativa da criança, respeitando seu ritmo e suas interpretações pessoais. A imposição de significados ou interpretações únicas pode limitar o potencial dos contos como ferramentas de autoconhecimento e expressão. Corso e Corso (2006, p. 60) defendem que "a escuta das respostas das crianças às histórias deve ser valorizada como parte fundamental do processo terapêutico e educativo."

A jornada do herói nos contos de fadas funciona como um mapa simbólico fundamental para a formação do sujeito, atuando como uma espécie de guia que orienta a criança na compreensão dos ciclos naturais da vida, bem como nas transformações inevitáveis e necessárias ao seu crescimento emocional, social e psicológico. Essa estrutura narrativa permite que a criança reconheça, por meio

dos símbolos e das metáforas presentes nas histórias, que a vida é marcada por fases de desafios, perdas, conquistas, renascimentos e superações, ajudando-a a dar sentido ao que, muitas vezes, parece confuso ou assustador no processo de amadurecimento. Conforme destacado por Fillus e Janowski (2013, p. 651), "a estrutura arquetípica da jornada do herói oferece um roteiro para que a criança elabore suas próprias experiências e conflitos, facilitando a integração psíquica", ou seja, ao acompanhar o herói em sua trajetória, a criança se envolve em um processo simbólico de autoexploração e organização interna, no qual suas emoções e pensamentos complexos encontram uma forma acessível de expressão e compreensão.

Esse roteiro simbólico não apenas projeta um caminho linear de ação, mas espelha as dinâmicas internas do desenvolvimento humano, onde cada obstáculo enfrentado pelo herói representa uma prova interna, uma dúvida existencial ou um medo a ser superado. O herói torna-se, assim, um representante dos aspectos inconscientes da criança, que se manifesta no mundo imaginário para ser conhecido, compreendido e integrado à consciência. Tal processo favorece o que Jung denominava de individuação, ou seja, a integração das diversas partes do eu, possibilitando que a criança construa uma identidade mais coesa e saudável. Esse percurso simbólico ajuda a criança a reconhecer que as transformações não são apenas externas, mas envolvem uma constante renovação interna, em que o antigo deve morrer para que o novo possa nascer, refletindo as múltiplas fases de desenvolvimento físico e psicológico vivenciadas desde a infância até a adolescência.

Na trajetória do herói, o encontro com aliados, adversários e figuras protetoras simboliza as interações sociais e emocionais que a criança enfrenta cotidianamente, ensinando-lhe sobre confiança, conflito, empatia e cooperação. Esse aprendizado indireto e metafórico prepara o sujeito para lidar com as nuances das relações humanas de forma mais madura e consciente, ao mesmo tempo que promove a expansão de sua capacidade de simbolizar e interpretar o comportamento alheio. Fillus e Janowski (2013, p. 651) enfatizam que "a jornada do herói não é apenas um roteiro pessoal, mas também social, na medida em que ensina o sujeito a se posicionar no mundo e a relacionar-se com o outro de maneira significativa e responsável."

É importante destacar que a jornada do herói funciona como um processo dinâmico, aberto e contínuo, no qual a criança, ao internalizar os elementos arquetípicos da narrativa, pode reinterpretar e reelaborar suas experiências ao longo do tempo, adaptando o significado da história às diferentes etapas do seu desenvolvimento. Esse caráter flexível e atemporal dos contos de fadas garante que eles permaneçam relevantes e transformadores, não apenas na infância, mas em toda a vida, servindo como fontes inesgotáveis de reflexão, crescimento e cura. Ao propor um roteiro simbólico para a formação do sujeito, a jornada do herói constitui uma ferramenta poderosa para a construção da

identidade, para o desenvolvimento da resiliência emocional e para a integração dos múltiplos aspectos do eu, sempre em processo de transformação e evolução.

Os contos de fadas, ao apresentarem heróis e heroínas que enfrentam desafios sem a mediação direta de divindades, possibilitam uma relação mais próxima e direta com o mundo simbólico e emocional da criança, favorecendo seu desenvolvimento integral nas esferas emocional, cognitiva e social. A mediação cuidadosa dos adultos e o uso consciente dessas narrativas são indispensáveis para potencializar seus efeitos benéficos e minimizar possíveis interpretações inadequadas, garantindo que as histórias cumpram seu papel transformador e iniciático no processo de amadurecimento infantil.

2.4. FUNÇÃO INICIÁTICA E TRANSFORMADORA DO EU, DO OUTRO E DO NÓS NA CRIANÇA.

Os contos de fadas, embora muitas vezes percebidos pela sociedade moderna como meros entretenimentos infantis, possuem uma profundidade simbólica que transcende a superficialidade da diversão, sendo portadores de conteúdos fundamentais para o processo de amadurecimento da criança. Ao longo das gerações, essas histórias mantiveram-se como veículos privilegiados de iniciação simbólica, introduzindo as crianças a experiências psíquicas essenciais para a construção da identidade e para o desenvolvimento de uma consciência mais integrada e madura. Em suas narrativas, temas como provas, morte e renascimento, a união com o outro e a superação de obstáculos aparecem de forma metafórica, possibilitando que a criança vivencie, ainda que simbolicamente, as transformações internas e externas que acompanham o crescimento (Jung, 1993, p. 112).

Essas tramas arquetípicas representam jornadas pessoais que refletem os desafios do desenvolvimento humano, especialmente no que diz respeito à formação do "eu". Ao enfrentar provas e superar adversidades, o sujeito em formação aprende a reconhecer suas limitações e potencialidades, construindo gradativamente uma imagem mais coesa e segura de si mesmo. Esse processo é fundamental para o fortalecimento da autoestima e para a capacidade de autorregulação emocional, habilidades que serão indispensáveis para a vida adulta. Para Jung (2011, p. 78), a iniciação simbolizada nos contos de fadas possibilita a criança experimentar, em um ambiente protegido, os medos e as ansiedades inerentes ao processo de individuação, que é "a realização do self por meio do confronto com o inconsciente".

O papel do outro, presente nas histórias de contos de fadas, assume uma importância vital nesse processo iniciático e transformador. A criança aprende a lidar com figuras que representam aliados, inimigos e mentores, simbolizando as relações sociais e emocionais que ela experimenta na vida real. Esses encontros oferecem oportunidades para desenvolver empatia, assertividade e

discernimento, essenciais para a construção das primeiras relações interpessoais significativas. Segundo Kast (2016, p. 56), "a interação com o outro é um elemento fundamental para o desenvolvimento da alma infantil, pois permite a expansão do mundo interno e a construção do senso de pertencimento e alteridade".

A função do "nós" nas histórias — que se manifesta nas alianças, amizades e famílias — promove o entendimento das conexões sociais e da importância da cooperação e do suporte mútuo. Ao acompanhar as relações que se desenvolvem nos contos, a criança aprende que o crescimento pessoal está intrinsecamente ligado à interação com o coletivo e à participação em grupos que lhe oferecem apoio e reconhecimento. Este movimento entre o eu, o outro e o nós contribui para que a criança perceba que a construção da identidade é um processo relacional, no qual o indivíduo se define não apenas pela singularidade, mas também pelo pertencimento a uma rede social maior (Jung, 1993, p. 145).

Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos (2025) destaca que os contos de fadas desempenham um papel essencial na formação do eu da criança, pois oferecem imagens arquetípicas que auxiliam na construção da identidade pessoal, promovendo a exploração de emoções internas e conflitos psíquicos; entretanto, ela também alerta que, sem a presença cuidadosa do outro — como um adulto ou educador que oriente essa experiência simbólica — a criança pode se perder na interpretação literal ou ansiosa das narrativas, o que dificulta o desenvolvimento saudável do senso de si mesmo, evidenciando assim a importância do vínculo interpessoal no processo de mediação simbólica. Santos enfatiza que o fortalecimento do nós, manifestado em espaços de compartilhamento e troca coletiva dessas histórias, enriquece a experiência emocional e cognitiva, promovendo um sentimento de pertencimento e cooperação que é fundamental para a construção social da identidade.

Simone Helen Drumond Ischkanian (2025) evidencia que a jornada arquetípica dos contos de fadas oferece ao eu infantil um roteiro estruturado para enfrentar desafios internos e externos, facilitando a elaboração das próprias experiências e a integração psíquica; contudo, essa construção só se efetiva plenamente quando a criança reconhece e dialoga com o outro, que pode ser tanto uma figura real — um adulto que orienta — quanto personagens simbólicos que representam aspectos da alteridade, possibilitando o desenvolvimento da empatia e a ampliação do mundo interno. Drumond Ischkanian também ressalta que o nós emerge nas relações sociais e afetivas, onde o sujeito em formação aprende a estabelecer conexões, reconhecer limites e construir alianças, o que torna o processo de individuação mais complexo e enriquecido pela dimensão relacional, embora, sem esse reconhecimento do coletivo, o eu corra o risco de se isolar e fragmentar.

Gladys Nogueira Cabral (2025) ressalta que a dimensão afetiva presente nos contos de fadas funciona como um espelho para o eu da criança, ajudando-a a identificar e nomear sentimentos

muitas vezes confusos, o que fortalece a autorregulação emocional e o autoconhecimento; entretanto, Cabral destaca que a presença do outro — tanto nas narrativas quanto na vida real — é imprescindível para que a criança possa validar suas emoções e desenvolver a confiança necessária para se expressar. Ela alerta, porém, que o manejo inadequado desses conteúdos afetivos, especialmente sem o suporte do nós, que representa a rede de proteção social formada por família e comunidade, pode tornar a experiência emocional da criança vulnerável a medos exacerbados e dificuldades na construção de relações saudáveis.

Sandro Garabed Ischkanian (2025) aponta que o papel do nós, entendido como o espaço social de convivência e intercâmbio afetivo, é fundamental para que o eu da criança possa emergir com segurança, visto que o pertencimento a grupos oferece reconhecimento, apoio e a construção de regras compartilhadas que orientam a convivência; no entanto, ele também observa que a falta de flexibilidade nos modelos sociais apresentados nos contos pode limitar a capacidade do sujeito em compreender e aceitar as diferenças no outro, o que pode restringir sua abertura para a diversidade e empatia. Ischkanian enfatiza a necessidade de promover práticas educativas que ampliem a visão do nós, incluindo a pluralidade e a complexidade das relações humanas para que o desenvolvimento do eu e a relação com o outro se façam de maneira mais saudável e inclusiva.

Silvana Nascimento de Carvalho (2025) observa que o processo de individuação proporcionado pelos contos de fadas envolve um diálogo profundo entre o eu da criança e os aspectos inconscientes que emergem simbolicamente, facilitando o enfrentamento de conflitos internos e a construção de uma identidade resiliente; contudo, Carvalho destaca que esse processo não ocorre isoladamente, mas sempre em interação com o outro, que atua como espelho e mediador, ajudando a criança a interpretar seus símbolos e emoções. Ela ressalta que o fortalecimento do nós — a sensação de pertencimento a uma rede afetiva e cultural — é crucial para que a criança se sinta segura para experimentar essas transformações, embora a ausência desse suporte coletivo possa tornar o percurso da individuação mais difícil e traumático, evidenciando a inseparabilidade do desenvolvimento pessoal e das relações sociais.

As metáforas presentes nos contos de fadas — como a descida ao mundo subterrâneo, a conquista de tesouros ou o casamento com princesas — são representações simbólicas de etapas psicológicas profundas e complexas. A descida ao mundo subterrâneo, por exemplo, pode ser interpretada como uma imersão nas partes ocultas da psique, um mergulho nas sombras que permite a confrontação com aspectos reprimidos e o início da transformação interior. Esta simbologia da morte e renascimento, tão presente em contos clássicos, espelha o ciclo natural da vida e os processos internos de desintegração e reconstrução que marcam o amadurecimento (Jung, 2011, p. 96).

A conquista de tesouros, por sua vez, representa a descoberta do valor interno, o reconhecimento das qualidades que o sujeito possui e que devem ser desenvolvidas para alcançar um estado de equilíbrio e plenitude. É a materialização simbólica dos frutos do esforço, da coragem e da perseverança, que conduzem à superação das dificuldades e à afirmação do eu. Este processo reflete a importância da resiliência e da esperança como forças motrizes do desenvolvimento psicológico e emocional (Jung, 1993, p. 120).

Já o casamento com a princesa ou príncipe simboliza a integração dos opostos internos, a união entre as forças conscientes e inconscientes, e a realização da totalidade psíquica. É a síntese dos diferentes aspectos do self, que culmina na harmonia e no equilíbrio do sujeito em sua relação consigo mesmo e com o mundo. Este final feliz não é, portanto, uma simples fantasia, mas uma representação do ideal de equilíbrio que todos buscam alcançar durante o processo de individuação (Kast, 2016, p. 89).

Essas simbologias são essenciais para que a criança compreenda, em sua linguagem própria e emocional, a complexidade dos processos internos que experienciam. A iniciação oferecida pelos contos de fadas serve como um convite para que o sujeito possa olhar para dentro de si mesmo, reconhecendo suas emoções e conflitos, e encontrar caminhos para sua resolução. Os contos assumem uma função terapêutica e educativa, promovendo o desenvolvimento integral do ser humano em sua dimensão afetiva, cognitiva e social (Jung, 1993, p. 130).

O conteúdo simbólico dos contos é especialmente importante em um contexto social e cultural que valoriza predominantemente a razão e a lógica, relegando a um segundo plano as dimensões emocionais e imaginativas da existência humana. A retomada dessas narrativas favorece o resgate do mundo simbólico e mitológico, que permite à criança reconectar-se com as raízes profundas de sua psique e com o inconsciente coletivo que Jung tão bem descreveu. As histórias de contos de fadas funcionam como pontes entre o consciente e o inconsciente, auxiliando a criança a integrar essas dimensões e a construir um senso de self mais sólido e abrangente (Jung, 2011, p. 110).

Ao expor a criança a dilemas morais e éticos, os contos incentivam a reflexão sobre o que é certo e errado, justo e injusto, bom e mau, sem a imposição direta de regras. Essa forma lúdica e simbólica de ensino moral facilita a internalização desses valores, tornando-os parte da consciência da criança de maneira mais natural e significativa (Kast, 2016, p. 75).

As provas e desafios enfrentados pelos personagens também incentivam o desenvolvimento da autonomia e da coragem, qualidades indispensáveis para o amadurecimento saudável. Ao identificar-se com o herói ou heroína que supera dificuldades aparentemente insuperáveis, a criança sente-se encorajada a enfrentar seus próprios medos e inseguranças, fortalecendo sua capacidade de

lidar com as adversidades da vida real. Este processo de empoderamento simbólico contribui para a construção de uma identidade resiliente e criativa (Jung, 1993, p. 118).

É também importante considerar que, embora carregados de significados profundos, os contos de fadas devem ser trabalhados de maneira sensível e cuidadosa, respeitando o estágio de desenvolvimento da criança. Alguns elementos, como temas de morte, abandono ou punição severa, podem causar ansiedade ou confusão se não forem adequadamente contextualizados ou explicados. Por isso, o acompanhamento adulto é fundamental para mediar a leitura e a escuta dessas histórias, garantindo que o conteúdo seja assimilado de forma positiva e construtiva (Kast, 2016, p. 103).

A função iniciática dos contos de fadas, portanto, não se limita à passagem do estado infantil para o estado adulto, mas também abrange a formação do sujeito em suas múltiplas dimensões — emocional, social, ética e simbólica. Essa iniciação acontece progressivamente, ao longo de toda a infância, e serve como fundamento para o desenvolvimento de uma consciência ampliada, capaz de lidar com as complexidades da existência humana. As histórias funcionam como verdadeiros rituais simbólicos de passagem, oferecendo mapas e orientações para a criança navegar seu caminho pessoal com coragem e esperança (Jung, 2011, p. 123).

Por meio dos símbolos e arquétipos, a criança aprende que a diferença e o conflito são partes naturais do desenvolvimento e que a reconciliação e o entendimento são possíveis e desejáveis. Esse aprendizado contribui para a construção de uma identidade flexível e empática, preparada para a vida em sociedade (Jung, 1993, p. 138).

Cabe destacar que o papel transformador dos contos de fadas não está restrito apenas à infância, mas pode e deve ser resgatado em todas as fases da vida, como fonte de autoconhecimento, equilíbrio emocional e desenvolvimento espiritual. Para as crianças, porém, essa função é especialmente vital, pois é durante essa fase que a base da personalidade é formada, e a experiência simbólica dos contos fornece os alicerces para uma vida psíquica saudável e integrada.

2.5. CONTOS E PSICOTERAPIA: O PAPEL DE CADA UM NA VIDA REAL

Os contos de fadas sempre foram mais do que simples histórias para entreter crianças. Em sua essência, eles funcionam como mapas simbólicos da jornada humana, refletindo medos, desejos, dilemas e esperanças universais. Esses contos falam diretamente com o inconsciente, despertando imagens arquetípicas que ressoam com experiências profundas e comuns a todos os seres humanos. No cotidiano, sua presença é muitas vezes subestimada, mas para a psicoterapia — especialmente sob a ótica da psicologia analítica de Carl Gustav Jung — essas histórias representam uma ponte entre o mundo consciente e inconsciente, permitindo que aspectos psíquicos reprimidos sejam acessados de forma segura, simbólica e terapêutica. O herói que parte para uma jornada, a bruxa que representa a

sombra, o castelo que simboliza o centro do self — todos esses elementos são metáforas de experiências internas que podem ser exploradas em um processo terapêutico.

Na vida real, muitas pessoas se veem imersas em dilemas emocionais que parecem sem solução. A psicoterapia oferece o espaço para que essas angústias sejam nomeadas, compreendidas e transformadas. Quando os contos de fadas são utilizados nesse processo, eles funcionam como espelhos simbólicos que ajudam o paciente a reconhecer suas próprias narrativas internas. Uma criança que se identifica com o personagem abandonado em uma floresta escura pode, com a ajuda do terapeuta, elaborar sentimentos de solidão, medo ou rejeição. O conto não oferece soluções diretas, mas provoca reflexão e encoraja o enfrentamento simbólico dessas questões. De acordo com Penna (2014, p. 102), os contos ativam a vivência arquetípica no inconsciente, promovendo reconexão com os conteúdos mais profundos da psique, o que favorece o autoconhecimento e a reorganização emocional.

A psicoterapia e os contos também compartilham uma característica essencial: ambos respeitam o tempo interno de cada pessoa. Assim como o herói dos contos precisa atravessar diversos obstáculos até alcançar sua transformação, o processo terapêutico também se baseia em uma jornada contínua, com avanços, recuos e momentos de pausa. A criança ou o adulto em terapia percorre um caminho interno em busca de sentido, identidade e equilíbrio emocional. A diferença é que, enquanto os contos apresentam essa trajetória em forma de narrativa encantada, a psicoterapia a conduz de forma consciente e contextualizada. Quando se combinam, essas duas práticas potencializam seus efeitos, oferecendo ao paciente recursos simbólicos e emocionais para lidar com os desafios reais da vida.

Os contos também desempenham um papel educativo e formativo importante no dia a dia, especialmente quando mediados por adultos conscientes de seu valor simbólico. Pais, professores e cuidadores podem utilizar essas histórias para ajudar as crianças a nomear sentimentos difíceis, entender dinâmicas familiares ou sociais e até refletir sobre valores como coragem, perseverança, empatia e justiça. Conforme Nogueira e Maciel (2008, p. 89), o contato com os contos na infância contribui para a construção da subjetividade, estimulando o pensamento simbólico, a imaginação e a capacidade de elaboração emocional. Em um mundo onde as exigências cognitivas e tecnológicas são cada vez maiores, resgatar o valor simbólico das histórias pode ser uma forma poderosa de reconectar as crianças a suas emoções mais profundas.

É preciso compreender que os contos não devem ser utilizados de forma superficial ou moralista, como lições de comportamento que impõem condutas corretas ou punem desvios. O verdadeiro poder dos contos está em sua abertura simbólica, em sua capacidade de tocar diferentes aspectos da psique sem impor um único sentido. Quando interpretados rigidamente, podem perder

sua potência terapêutica e até gerar sentimentos de culpa ou inadequação. A psicoterapia ajuda a desconstruir essas leituras literais e incentiva a escuta sensível das imagens simbólicas presentes nas histórias. Como aponta Zipes (2006, p. 69), os contos são como sementes que germinam na alma conforme as experiências de vida e os conflitos pessoais de cada sujeito, oferecendo múltiplas possibilidades de sentido.

Na prática clínica, os contos podem ser utilizados de diversas formas: leitura, dramatização, desenho ou reescrita criativa. Essas atividades permitem que a criança expresse sentimentos inconscientes, estabeleça vínculos com o terapeuta e encontre saídas simbólicas para seus dilemas. Na vida adulta, os contos também continuam ativos, muitas vezes de forma velada, por meio de sonhos, repetições emocionais ou padrões relacionais. A psicoterapia, ao identificar essas tramas internas, oferece a possibilidade de reescrevê-las de forma mais consciente, transformando padrões negativos em novos caminhos de crescimento e autonomia. É nessa intersecção entre fantasia e realidade que o papel dos contos e da psicoterapia revela seu maior valor: a possibilidade de curar, integrar e fortalecer o sujeito em sua trajetória única.

Reconhecer o papel dos contos e da psicoterapia na vida real é valorizar o potencial transformador da imaginação, da escuta e do autoconhecimento. Em tempos de excessos de estímulos e racionalização, ambos atuam como antídotos à fragmentação da experiência humana, convidando à reflexão, ao simbolismo e ao resgate da essência do ser. Pais, educadores e profissionais da saúde mental que compreendem esse valor tornam-se aliados poderosos no processo de desenvolvimento emocional de crianças e adultos. Ao acolherem as narrativas simbólicas que emergem dos contos e das sessões terapêuticas, eles oferecem não apenas orientação, mas também pertencimento, escuta e esperança — elementos fundamentais para que cada indivíduo possa construir, com consciência e coragem, a sua própria história de vida.

Os contos de fadas possuem uma função singular e profunda na psicoterapia, uma vez que atuam como veículos simbólicos capazes de ilustrar conflitos internos, representando, muitas vezes, o inconsciente coletivo que influencia o comportamento humano, o que permite que indivíduos, ao se identificarem com determinadas narrativas, compreendam e enfrentem desafios pessoais que antes pareciam difusos ou inalcançáveis (Nogueira e Maciel, 2008, p. 78). Por meio desses relatos, os sujeitos encontram espelhos simbólicos que os conectam a experiências universais, dando sentido a seus próprios dilemas emocionais e psíquicos. Essa identificação simbólica abre caminhos para que as transformações internas sejam percebidas não como problemas isolados, mas como etapas necessárias para o amadurecimento e o equilíbrio emocional.

Assim como nos sonhos, os contos de fadas exercem a capacidade de confirmar, equilibrar e até mesmo curar atitudes conscientes, desde que o sujeito esteja aberto à riqueza do conteúdo

simbólico que eles trazem. Conforme Penna (2014, p. 102), o inconsciente se manifesta nas histórias arquetípicas, revelando vivências coletivas que conectam cada pessoa à história humana em sua dimensão mais profunda, facilitando o acesso a emoções e padrões psíquicos que são fundamentais para o processo terapêutico. Essa abertura para o mundo simbólico possibilita um diálogo interno entre o consciente e o inconsciente, fortalecendo a resiliência e a capacidade de autorregulação emocional dos indivíduos em momentos de crise.

No campo da psicologia, especialmente na psicologia analítica, os contos são reconhecidos como ferramentas essenciais para acessar o mundo interno do paciente. Eles funcionam como mediadores simbólicos, permitindo a exteriorização de conteúdos inconscientes que muitas vezes são difíceis de verbalizar diretamente. Essa mediação é crucial para que o sujeito possa reconhecer seus próprios conflitos, enfrentar seus medos e construir novas narrativas pessoais que promovam a mudança psicológica positiva (Penna, 2014, p. 115). Contudo, o sucesso dessa intervenção depende da habilidade do terapeuta em conduzir a leitura e interpretação simbólica, respeitando o tempo e a subjetividade do paciente.

A educação também tem um papel fundamental no uso dos contos como instrumentos de transformação. A educação infantil, em particular, é um campo fértil para a introdução das narrativas simbólicas, visto que, nessa fase, a imaginação e a sensibilidade das crianças estão em seu auge e facilitam a internalização dos conteúdos arquetípicos presentes nos contos (Nogueira e Maciel, 2008, p. 89). Por meio dos contos, educadores podem favorecer o desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança, criando espaços de escuta e expressão que incentivem a reflexão sobre experiências internas e relacionamentos interpessoais.

Os contos de fadas na escola também ajudam a construir repertórios simbólicos que fortalecem a identidade e promovem a empatia. Zipes (2006, p. 57) destaca que professores, ao incorporarem essas histórias em suas práticas pedagógicas, podem estimular o pensamento crítico e a criatividade das crianças, oferecendo modelos para a resolução de conflitos, superação de medos e construção de valores éticos. Entretanto, para que essa potencialidade seja plenamente explorada, é imprescindível que os educadores estejam preparados para mediar essas narrativas, valorizando o diálogo e a interpretação contextualizada de acordo com as vivências dos alunos.

De forma mais ampla, é importante destacar que somos todos educadores das crianças, não apenas profissionais da área da educação, mas também familiares e a comunidade em geral, que contribuem para o ambiente simbólico e afetivo em que a criança está inserida. Esse cuidado coletivo é vital para que os contos de fadas cumpram seu papel iniciático e transformador, oferecendo suporte para que as crianças possam expressar suas angústias e desejos e construir suas próprias histórias de

vida (Nogueira e Maciel, 2008, p. 120). A responsabilidade social em torno da infância exige um compromisso conjunto para proteger e potencializar o mundo simbólico da criança.

O papel da psicologia, portanto, não se restringe ao consultório; ele se estende à articulação com a escola, família e comunidade, que devem reconhecer a importância do simbolismo e da narrativa para o desenvolvimento integral da criança. Conforme Penna (2014, p. 130), a psicoterapia pode servir de base para intervenções educativas e sociais que promovam a transformação de atitudes e comportamentos negativos em possibilidades positivas de crescimento e amadurecimento. Essa integração multidisciplinar amplia o alcance e a profundidade dos processos de mudança.

É necessário reconhecer que o uso dos contos de fadas, seja na psicoterapia ou na educação, pode apresentar desafios, como a interpretação equivocada de símbolos ou a imposição de valores rígidos e moralizantes que limitam a imaginação e a criatividade da criança. Zipes (2006, p. 69) alerta para o perigo de utilizar os contos de forma simplista, sem respeitar sua complexidade simbólica e o contexto cultural das crianças, o que pode resultar em experiências negativas ou superficiais, minimizando o potencial transformador desses relatos.

A ausência de um mediador qualificado para guiar a leitura e o diálogo sobre os contos pode gerar confusão e até angústias nas crianças, que muitas vezes não conseguem decodificar as múltiplas camadas simbólicas das histórias sozinhas. Isso evidencia a necessidade de formação continuada para educadores e profissionais da saúde mental, para que possam oferecer uma escuta sensível e um acompanhamento que favoreçam o desvelamento progressivo dos conteúdos internos das crianças (Nogueira e Maciel, 2008, p. 105).

O papel da escola como espaço democrático e inclusivo, onde as narrativas dos contos de fadas podem ser utilizadas para abordar temas como diversidade, gênero, diferenças culturais e inclusão social. Nesse sentido, Zipes (2006, p. 85) explica que os contos tornam-se ferramentas para desconstruir preconceitos e fortalecer a convivência respeitosa entre as crianças, ampliando o sentido do **nós** para além da mera pertença social, englobando valores de solidariedade e empatia.

A psicoterapia, por sua vez, pode utilizar os contos para ampliar a capacidade de auto-reflexão dos pacientes, ajudando-os a reconhecer padrões repetitivos e a desenvolver novas perspectivas para suas vidas. Conforme Penna (2014, p. 140), esse processo não se limita à infância, mas acompanha o indivíduo ao longo da vida, pois os arquétipos presentes nos contos continuam ativos na psique adulta, manifestando-se em sonhos, fantasias e relações interpessoais.

O papel da família é igualmente central na promoção do universo simbólico das crianças, uma vez que o ambiente familiar pode potencializar o impacto positivo dos contos, oferecendo segurança emocional e estímulo à expressão criativa. Pais que participam da leitura e interpretação dos contos com seus filhos fortalecem os laços afetivos e criam oportunidades para o diálogo sobre

sentimentos e situações difíceis, favorecendo a construção do eu e o desenvolvimento do senso de pertencimento ao nós familiar (Nogueira e Maciel, 2008, p. 111).

Os contos podem ser usados para trabalhar temas delicados, como medos, perdas, conflitos familiares e outras situações que exigem uma abordagem cuidadosa e simbólica para que a criança consiga elaborar suas emoções e experiências de forma saudável. Penna (2014, p. 147) destaca que o terapeuta ou educador pode servir como um facilitador desse processo, ajudando a criança a externalizar seus sentimentos e a reconstruir narrativas mais positivas e fortalecedoras.

O processo de mudança, portanto, é sempre um movimento entre o interno e o externo, entre o **eu** que enfrenta seus conflitos, o outro que apoia e orienta, e o nós que acolhe e integra. Essa rede simbólica e afetiva é a base para que as mudanças negativas possam se transformar em potenciais de crescimento e realização pessoal, tanto na infância quanto na vida adulta (Nogueira e Maciel, 2008, p. 123).

O trabalho com os contos na psicoterapia e na educação infantil reforça a importância de valorizar o mundo simbólico da criança, reconhecendo que sua imaginação e sensibilidade são ferramentas poderosas para a superação de dificuldades e para a construção de uma identidade sólida e saudável. É papel de todos — terapeutas, educadores, pais e comunidade — cultivar esse universo, para que as crianças possam crescer emocionalmente equilibradas e preparadas para os desafios da vida.

2.6. O SELF E OS ARQUÉTIPOS DO PSIQUISMO INFANTIL

A infância é o momento mais simbólico da formação do psiquismo, pois é nesse período que as estruturas inconscientes começam a organizar-se em torno de imagens arquetípicas que emergem naturalmente no desenvolvimento. Segundo Carl Gustav Jung (2000, p. 161), os arquétipos são formas universais herdadas que constituem o inconsciente coletivo e moldam os padrões de comportamento e percepção humana. No caso da criança, essas estruturas se manifestam de forma espontânea através de sonhos, jogos, fantasias e, sobretudo, das narrativas simbólicas dos contos de fadas. É nesse campo que a imaginação se conecta com o Self — o centro regulador da psique — guiando o sujeito em formação rumo à totalidade.

Os contos de fadas, ao contrário de simples histórias de entretenimento, funcionam como representações simbólicas de processos psíquicos profundos. Von Franz, ao estudar essas narrativas, revela que elas são expressões puras do inconsciente coletivo e da jornada do ego em direção ao Self. Cada personagem ou acontecimento guarda um significado oculto que, quando interpretado, revela aspectos essenciais da dinâmica psíquica infantil. Como ela destaca, “os contos não tentam explicar racionalmente, mas mostram a verdade psíquica através de imagens simbólicas” (apud Jung, 2000, p.

178). Essa linguagem simbólica, embora muitas vezes enigmática, fala diretamente ao inconsciente infantil, que a compreende intuitivamente.

O Self, segundo Jung (2000, p. 45), representa a totalidade da personalidade e a harmonia entre consciente e inconsciente. Ele é a imagem arquetípica da totalidade, algo que transcende o ego, mas o orienta em seu processo de individuação. Na criança, o contato com esse núcleo profundo ocorre por meio das imagens simbólicas que aparecem espontaneamente em suas brincadeiras e, principalmente, em suas fantasias e narrativas preferidas. Contos como "Branca de Neve", "Chapeuzinho Vermelho" ou "João e Maria" são exemplos clássicos de representações do confronto entre o ego e suas sombras, ou da busca por integração entre aspectos conflitantes do psiquismo.

Em "João e Maria", por exemplo, encontramos arquétipos fundamentais como a mãe má (a madrasta), a bruxa (sombra), a casa de doces (prazer ilusório), e o retorno ao lar (reintegração). Essas imagens revelam medos e desejos infantis que não são compreendidos racionalmente, mas que ganham expressão simbólica e, com isso, podem ser elaborados emocionalmente. Segundo Jung (2000, p. 69), esse processo simbólico é essencial para o desenvolvimento saudável da criança, pois "os arquétipos estruturam o conteúdo do inconsciente e orientam os afetos". Isso significa que oferecer à criança acesso a esse universo simbólico é também oferecer um caminho de elaboração psíquica.

Os vilões, bruxas e monstros que habitam os contos representam as figuras sombrias do inconsciente — aspectos reprimidos, medos primitivos, conflitos emocionais que ainda não puderam ser integrados à consciência. Essas figuras são fundamentais para o amadurecimento psíquico, pois confrontar-se com elas simbolicamente prepara a criança para enfrentar suas dificuldades internas no mundo real. Von Franz afirma que "sem o confronto simbólico com a sombra, o ego infantil não amadurece" (apud Jung, 2000, p. 214), ressaltando que a narrativa simbólica é uma via natural e segura para esse encontro com os aspectos negados do self.

As figuras de ajuda nos contos — fadas, animais falantes, anciãos sábios — representam forças internas que guiam e protegem o ego em sua jornada. Elas simbolizam os aspectos positivos do inconsciente, que surgem para ajudar o sujeito a superar os desafios do processo de individuação. Na linguagem dos contos, essas ajudas surgem quando o herói ou heroína se mostra humilde, corajoso ou persistente — virtudes que, no plano simbólico, ativam os potenciais positivos da psique. Jung (2000, p. 185) lembra que "o inconsciente colabora com o ego quando este se dispõe a enfrentar a si mesmo", o que significa que a cooperação entre ego e Self é possível por meio do simbolismo.

A criança que ouve, conta ou representa um conto de fadas está, muitas vezes, reelaborando experiências emocionais profundas. Em situações de perda, insegurança ou medo, os contos oferecem uma estrutura simbólica que permite a simbolização do sofrimento. O ato de imaginar, de fantasiar,

não é fuga da realidade, mas forma de lidar com ela. Marcelino e Carvalho (2005, p. 75) argumentam que “o simbolismo infantil oferece uma via de expressão emocional que permite à criança lidar com situações adversas sem colapsar psíquica ou emocionalmente”. Esse recurso simbólico é especialmente importante em contextos de trauma, separação ou doença.

Ao reconhecer essas histórias como representações do Self e dos processos arquetípicos, pais, educadores e terapeutas passam a ter em mãos uma ferramenta poderosa de escuta e acolhimento do mundo interno da criança. Mais do que impor lições de moral, a leitura de contos pode se tornar uma oportunidade de diálogo profundo sobre emoções, medos, desejos e conflitos. Essa abordagem simbólica favorece a empatia e permite que o adulto compreenda a criança para além do comportamento visível. Jung (2000, p. 101) defende que “o símbolo é a melhor expressão possível de algo que ainda não pode ser totalmente compreendido racionalmente”, ou seja, é ponte entre o mundo interno e externo da criança.

O afastamento da linguagem simbólica, substituída por estímulos puramente racionais, imediatistas e tecnológicos, empobrece a formação emocional e psíquica das crianças. Em muitos contextos, o acesso aos contos de fadas tem sido negligenciado ou distorcido, transformando narrativas profundas em produtos comerciais e superficiais. Isso compromete a função simbólica da história e, por consequência, o desenvolvimento do imaginário infantil. Von Franz advertia que “a ausência de simbolismo autêntico na infância cria adultos fragmentados, incapazes de lidar com sua vida interior” (apud Jung, 2000, p. 217), alertando para as consequências da perda do contato com o inconsciente simbólico.

O Self não é apenas uma imagem interna; ele é vivenciado como um impulso à totalidade, à busca por sentido, integração e equilíbrio. Quando a criança entra em contato com histórias que refletem sua estrutura arquetípica, ela vivencia, ainda que inconscientemente, a esperança de resolver seus conflitos internos. Ao se identificar com o herói ou heroína, a criança projeta seu desejo de superação, seu potencial de transformação e sua aspiração à plenitude. Essa identificação ativa forças psíquicas que promovem crescimento, resiliência e autoestima.

É importante destacar que o contato com esses conteúdos não precisa ser interpretado literalmente pela criança. O inconsciente compreende a linguagem simbólica sem a mediação da razão. É por isso que a escuta respeitosa das histórias, sem antecipar explicações racionais ou morais, é mais eficaz. Jung (2000, p. 113) afirma que “o símbolo age por ressonância emocional, não por compreensão lógica”, sugerindo que o trabalho com os contos deve respeitar o tempo e o nível de consciência do sujeito. Isso é especialmente verdadeiro na clínica infantil, onde o brincar e o contar são mais potentes do que o falar direto.

A importância dos arquétipos no psiquismo infantil também se evidencia nos processos de resiliência. Crianças que enfrentam situações de adversidade tendem a buscar, consciente ou inconscientemente, figuras simbólicas que as ajudem a dar sentido ao que vivem. Nesses casos, o terapeuta pode utilizar contos para mediar o diálogo com essas experiências, respeitando o tempo interno da criança e oferecendo um caminho simbólico de elaboração. Como destaca Marcelino e Carvalho (2005, p. 76), "as narrativas simbólicas podem funcionar como contenção emocional e reorganização subjetiva diante de situações de crise".

Contos também são úteis no diagnóstico simbólico. O tipo de história com a qual a criança mais se identifica, os personagens que ela prefere ou teme, as cenas que ela repete em brincadeiras — tudo isso pode revelar conteúdos inconscientes importantes. Um terapeuta atento pode decifrar essas escolhas como indicações do estado psíquico da criança, ajudando-a a integrar emoções reprimidas. Jung (2000, p. 221) ressalta que "os símbolos se revelam quando a psique está em processo de mudança", o que torna os contos um termômetro da saúde emocional infantil.

Ao final, podemos dizer que os contos de fadas são verdadeiros mapas simbólicos da psique humana. Eles não apenas retratam a jornada do herói, mas são a própria jornada, vivida interna e externamente. Para a criança, esse percurso é vivido diariamente, entre medos e descobertas, perdas e conquistas. O Self, como centro organizador da psique, vai se revelando à medida que a criança aprende a reconhecer suas forças e sombras, desejos e limites, através da imaginação e da escuta simbólica. É por isso que Jung (2000, p. 195) afirma que "a cura começa quando o símbolo é aceito", pois é no acolhimento do símbolo que se inicia o verdadeiro processo de transformação.

Promover o contato das crianças com narrativas simbólicas é cuidar de sua saúde emocional, é oferecer instrumentos psíquicos que as prepararão para enfrentar a vida com mais equilíbrio, empatia e resiliência. O trabalho com os contos não é um luxo pedagógico ou terapêutico, mas uma necessidade para que a criança desenvolva não apenas sua cognição, mas, sobretudo, sua alma. Em um mundo que tende à fragmentação, reencontrar o símbolo é reencontrar o sentido — e nisso, o Self se manifesta como guia silencioso, presente em cada história que nos ensina a sermos inteiros.

2.7. O SENTIDO DA VIDA REAL E O ENCANTAMENTO COTIDIANO DE VIDA

Na correria e na lógica utilitária do mundo moderno, muitas vezes nos afastamos das fontes profundas de significado que, em outras épocas, permeavam nosso cotidiano. As narrativas simbólicas, como os contos de fadas, oferecem uma ponte de reconexão com esse universo interior esquecido. Carl Gustav Jung (1984, p. 29) argumenta que, mesmo quando adultos, ainda somos profundamente influenciados pelo inconsciente coletivo e pelos arquétipos que ele contém. Essas imagens universais não desaparecem com a maturidade, apenas se tornam menos conscientes. Ao

lermos contos ou ouvirmos histórias tradicionais, reativamos essa dimensão arquetípica que dá cor e profundidade à vida real.

Erich Neumann (1996, p. 74), ao analisar a estrutura simbólica da psique, destaca que o simbolismo não é um luxo da mente infantil, mas uma necessidade permanente da alma humana. É no símbolo que a vida cotidiana se torna mais do que uma sequência de tarefas e obrigações — ela se torna significativa, orientada, enraizada em algo maior. Contos de fadas, mitos e lendas populares nos ajudam a perceber que nossas lutas diárias não são banais, mas refletem batalhas internas que também os heróis das histórias enfrentaram. Assim, o cotidiano adquire sentido, e a vida se torna uma jornada com direção, não apenas sobrevivência.

Nesse sentido, Klaus Martin (2012, p. 112) afirma que as imagens simbólicas nos contos de fadas funcionam como reflexos de estados psíquicos profundos que permanecem ativos, mesmo quando ignorados pela mente consciente. Elas atuam como espelhos da alma, trazendo à tona emoções, medos e desejos que muitas vezes permanecem sem expressão em nossa rotina. Quando acessamos essas imagens — seja por meio da leitura, da escuta ou da lembrança — despertamos recursos interiores adormecidos, capazes de promover ressignificações importantes em momentos de crise, dúvida ou transformação.

Jung (1984, p. 47) enfatiza que o símbolo age como uma "porta de passagem entre o consciente e o inconsciente", permitindo que o indivíduo amplie sua compreensão de si mesmo e do mundo. No caso do adulto, essa função simbólica pode ser ainda mais importante, uma vez que vivemos imersos em um ambiente que privilegia a razão e a produtividade. O contato com o simbólico é um convite ao equilíbrio, à reintegração de aspectos esquecidos do self, como a criatividade, a intuição e o encantamento. Mesmo uma leitura casual de um conto de fadas pode atuar como catalisador de transformações sutis, porém profundas.

Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos (2025) destaca que, ao serem inseridos no contexto educacional e terapêutico, os contos de fadas favorecem a construção simbólica da subjetividade infantil, proporcionando às crianças ferramentas psíquicas para lidar com seus medos e angústias, embora a autora também alerte que, quando utilizados de forma descontextualizada ou sem mediação adequada, esses contos podem perder seu potencial formativo e se reduzirem a uma simples distração narrativa sem função elaborativa.

Simone Helen Drumond Ischkanian (2025) evidencia que os contos de fadas são poderosos instrumentos de fortalecimento emocional, pois ao espelharem conflitos arquetípicos universais permitem que a criança reconheça, elabore e ressignifique experiências internas complexas, contudo, a autora também ressalta o risco de interpretações literais ou moralizantes que, em vez de libertarem,

podem reforçar estereótipos e estruturas psíquicas limitantes, como papéis de gênero rígidos ou noções binárias de bem e mal.

Gladys Nogueira Cabral (2025) observa que, ao favorecerem o acesso a conteúdos inconscientes por meio da linguagem simbólica, os contos de fadas despertam processos criativos essenciais ao desenvolvimento da personalidade e ao equilíbrio emocional da criança, embora, por outro lado, sua eficácia dependa da capacidade do mediador — seja professor, terapeuta ou cuidador — de estabelecer uma escuta sensível e uma interpretação não reducionista das narrativas, o que nem sempre ocorre nas práticas pedagógicas convencionais.

Sandro Garabed Ischkanian (2025) argumenta que o uso dos contos de fadas no campo psicopedagógico é fundamental para integrar a dimensão emocional e cognitiva do aprendizado, pois as histórias operam tanto no nível simbólico quanto afetivo, criando pontes entre o eu interior e o mundo externo, embora o autor reconheça que há uma tendência, principalmente em ambientes escolares muito voltados ao desempenho e à técnica, de negligenciar esse valor simbólico, reduzindo a leitura literária a um exercício puramente linguístico ou gramatical.

Silvana Nascimento de Carvalho (2025) afirma que os contos de fadas, quando incorporados de forma crítica construtiva e afetiva nos processos educacionais e terapêuticos, são capazes de favorecer o autoconhecimento, a empatia e a consciência coletiva, pois abordam, ainda que de modo metafórico, temas essenciais como perda, superação, amor e morte; contudo, alerta que seu uso inadequado ou apressado, sem tempo para a escuta e a reflexão, pode transformar esses textos simbólicos em ferramentas inócuas ou até em reforços de conteúdos normativos pouco sensíveis à diversidade das infâncias.

Como observa Neumann (1996, p. 211), vivemos em uma cultura que valoriza quase exclusivamente a objetividade e a praticidade, negligenciando a função simbólica das imagens e das narrativas. Isso contribui para o empobrecimento da imaginação coletiva e da vida psíquica individual. Ao deixarmos de lado os contos de fadas e outras expressões simbólicas, corremos o risco de viver desconectados de nossos processos interiores, o que pode gerar vazio existencial, apatia ou angústia difusa. O retorno ao simbolismo não é, portanto, uma regressão à infância, mas uma forma de reencantar o presente.

É nesse ponto que Martin (2012, p. 168) propõe a ideia do “encantamento cotidiano” — a capacidade de ver o extraordinário no ordinário. Para ele, a função dos símbolos é justamente nos ajudar a enxergar a beleza, a complexidade e a profundidade nas pequenas coisas do dia a dia. Um gesto de carinho, uma dificuldade superada, um encontro inesperado: tudo isso pode adquirir um significado mais amplo quando interpretado à luz do simbolismo arquetípico. Os contos nos ensinam

a olhar para esses eventos com outra lente, percebendo neles reflexos de jornadas internas e potenciais de transformação.

A vivência simbólica, portanto, não é exclusividade da infância. Adultos também precisam de histórias, de mitos, de imagens que os ajudem a dar sentido ao que vivem. Jung (1984, p. 59) ressalta que "sem o símbolo, o homem moderno se vê perdido em um mar de informações desconectadas, sem compreender seu próprio lugar no mundo". Isso mostra que, mesmo no ambiente clínico, o uso de contos e imagens simbólicas pode ser eficaz não apenas com crianças, mas também com adultos em busca de autoconhecimento e cura. O encantamento não é ingenuidade: é sabedoria profunda.

Reaprender a escutar e contar histórias pode ser uma forma poderosa de restaurar a conexão com o self e com os outros. Nas palavras de Neumann (1996, p. 187), "o símbolo oferece ao ser humano uma estrutura de orientação interior, que lhe permite caminhar com mais segurança, mesmo nas noites mais escuras da alma". Promover o retorno da literatura simbólica — nas escolas, nos lares, nas terapias e na vida cotidiana — é um ato de resistência contra o empobrecimento do espírito e um passo essencial para restaurar o encantamento da vida real.

3. CONCLUSÃO

A importância dos contos de fadas no desenvolvimento integral da criança vai muito além do simples entretenimento. Essas narrativas milenares, repletas de símbolos universais e arquétipos profundos, constituem verdadeiros mapas da alma humana e funcionam como instrumentos pedagógicos e terapêuticos altamente eficazes. Desde a primeira infância, quando o pensamento lógico ainda está em formação, a criança se comunica com o mundo por meio de imagens, emoções e fantasia. Nesse contexto, os contos de fadas oferecem um canal privilegiado para que ela elabore experiências internas e externas, transformando realidades difíceis em histórias compreensíveis e simbólicas. Ao ouvir ou ler um conto, a criança mergulha em um universo onde o bem e o mal se enfrentam, onde os desafios são superados, onde há perdas, reencontros e amadurecimento — um verdadeiro laboratório de emoções que contribui para sua saúde psíquica e afetiva.

No plano emocional, os contos possibilitam que a criança entre em contato com seus sentimentos mais profundos, como medo, insegurança, raiva, inveja, amor e alegria. Personagens como bruxas, monstros, madrastas e heróis funcionam como projeções dos conteúdos internos do inconsciente infantil, permitindo que esses afetos sejam reconhecidos, nomeados e, gradualmente, integrados à consciência. Tal processo é fundamental para o desenvolvimento da inteligência emocional e da autorregulação, pois a criança aprende, de forma simbólica, a lidar com seus conflitos sem a necessidade de reprimi-los. A vitória do herói, por exemplo, não significa apenas a conquista

de um objetivo externo, mas a superação de seus próprios medos e limitações, oferecendo um modelo interno de coragem, persistência e esperança.

No campo da imaginação, os contos despertam a criatividade e a capacidade de abstração, ampliando as fronteiras do pensamento e estimulando o exercício da fantasia. Longe de serem escapismos ou ilusões, esses processos imaginativos são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e para a resolução de problemas. A criança que exercita a imaginação é mais capaz de visualizar soluções alternativas, criar hipóteses e adaptar-se a contextos novos. Além disso, a imaginação é uma ponte entre o mundo interno e o externo, sendo o alicerce da arte, da literatura, da invenção científica e da empatia. Os contos, com seus elementos fantásticos e suas reviravoltas surpreendentes, nutrem essa capacidade simbólica e criativa, preparando a criança para lidar com a complexidade do mundo real.

Do ponto de vista da linguagem e da escrita, os contos de fadas também desempenham um papel estruturante. Sua forma narrativa, com início, meio e fim, favorece o desenvolvimento da compreensão textual, da organização do pensamento e da ampliação do vocabulário. Crianças que escutam ou leem contos regularmente demonstram maior fluência verbal, melhor capacidade de argumentação e maior sensibilidade literária. Além disso, os contos oferecem modelos de estrutura narrativa que podem ser recriados pela criança em suas próprias produções textuais, estimulando o gosto pela escrita criativa e pela expressão pessoal. A familiaridade com os elementos dos contos — como personagens típicos, ambientes encantados, fórmulas de repetição e desfechos surpreendentes — contribui para a formação de leitores e escritores autônomos e reflexivos.

No aspecto das relações afetivas, os contos de fadas proporcionam um espaço simbólico para que a criança explore os vínculos humanos de maneira segura e acessível. As figuras de apoio, como fadas madrinhas, animais falantes ou sábios anciãos, representam a possibilidade de confiar no outro e aceitar ajuda, enquanto os antagonistas ensinam sobre limites, frustrações e enfrentamento de adversidades. Essas dinâmicas narrativas contribuem para o desenvolvimento da empatia e do senso de justiça, pois a criança se coloca no lugar do protagonista, sofre com ele, torce por ele e aprende com sua jornada. Além disso, os contos mostram a importância do coletivo, da amizade e da solidariedade, reforçando a noção de que o crescimento pessoal é profundamente relacional e interdependente.

Na perspectiva educacional, os contos de fadas devem ser valorizados como instrumentos pedagógicos ricos e multifuncionais. Pais, professores e cuidadores que utilizam essas narrativas de forma consciente podem contribuir significativamente para o desenvolvimento integral da criança, criando momentos de escuta, partilha e reflexão. Ao serem contados em ambientes escolares ou familiares, os contos estimulam o vínculo afetivo e promovem a interação entre gerações,

fortalecendo o sentimento de pertencimento e identidade cultural. Além disso, possibilitam a abordagem de temas delicados, como separações, perdas, bullying ou medo da morte, de maneira simbólica e respeitosa, facilitando o diálogo e a construção de significados.

No campo psicoterapêutico, os contos de fadas revelam-se ferramentas valiosas no processo de escuta clínica e intervenção simbólica. Profissionais da psicologia que se utilizam dessas narrativas possibilitam que a criança projete suas vivências internas de forma segura e estruturada. Muitas vezes, o que a criança não consegue expressar diretamente por meio da fala emerge simbolicamente em uma história que ela escuta ou reconta, abrindo espaço para o acolhimento e a elaboração do sofrimento psíquico. Como aponta Jung (1984, p. 47), o símbolo é uma ponte entre o inconsciente e o consciente, e os contos atuam como essas pontes, conduzindo a criança por caminhos internos de autoconhecimento, cura e reintegração. O trabalho simbólico realizado nos contos pode ajudar a criança a compreender seus medos, elaborar perdas, construir resiliência e fortalecer o sentido de identidade.

Ao resgatar a dimensão simbólica da vida, os contos de fadas nos lembram de que é possível encontrar beleza, sentido e encantamento mesmo nas pequenas experiências do cotidiano. Vivemos em uma sociedade que valoriza o imediatismo, o consumo e a produtividade, muitas vezes à custa da sensibilidade, da imaginação e da escuta interior. Ao manter viva a tradição de contar histórias — seja na escola, em casa ou no consultório —, resgatamos não apenas uma prática cultural milenar, mas também uma forma profunda de educar, curar e transformar. A criança que cresce alimentada por essas histórias desenvolve não só competências cognitivas e emocionais, mas também uma alma mais forte, mais criativa e mais preparada para enfrentar os desafios da vida com coragem, sabedoria e esperança.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Hans Christian. **O patinho feio.** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.

BAJARD, Édith. **Os contos de fadas: construção da imaginação e desenvolvimento da personalidade.** Petrópolis: Vozes, 2010.

BAUM, L. Frank. **O mágico de Oz.** São Paulo: Ática, 2003.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

COLOMER, Teresa. **Contar e ler contos de fadas hoje.** São Paulo: Global Editora, 2007.

CORSO, Diana L.; CORSO, Mário F. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

FILLUS, Mauren Aparecida; JANOWSKI, Juliane Maria Wrubel. **Aspectos do arquétipo do herói expressos no universo onírico infantil: uma experiência em pesquisa com crianças.** *Psicologia Argumento*, v. 31, n. 75, p. 645-652, 2013. Disponível em: http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=12632&dd99=view&dd98=pb. Acesso em: 02 ago. 2025.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam.** São Paulo: Cortez, 1996.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique.** 5. ed. Trad. Pe. Dom Mateus R. Rocha. Petrópolis: Vozes, 1984.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** 2. ed. Trad. Maria Luiza Appy; Dora M. R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia em transição.** Petrópolis: Vozes, 1993.

JUNG, Carl Gustav. **Seminários sobre sonhos de crianças: sobre o método da interpretação dos sonhos; interpretação psicológica de sonhos de crianças.** Trad. Luiz Kligerman Richter. Petrópolis: Vozes, 2011.

KAST, Verena A. **A alma precisa de tempo.** Petrópolis: Vozes, 2016.

MARCELINO, Denise; CARVALHO, Marília. ***Reflexões sobre o diabetes tipo 1 e sua relação com o emocional.*** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 18, n. 1, p. 72-77, 2005. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722005000100010. Acesso em: 04 ago. 2025.

MARTIN, Klaus. **O livro dos símbolos: reflexões sobre imagens arquetípicas.** Colônia: Taschen, 2012.

NEUMANN, Erich. **A grande mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente.** São Paulo: Cultrix, 1996.

NOGUEIRA, Maria Luiza; MACIEL, Maria Elizabeth Ribeiro. **Literatura infantil: contos de fadas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PENNA, Eclea Mariza de Deus. **Processamento simbólico-arquetípico: pesquisa em psicologia analítica.** São Paulo: FAPESP, 2014. Acesso em: 05 ago. 2025.

PIAGET, Jean. **O julgamento moral na criança.** São Paulo: Summus, 1998.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A interpretação dos contos de fadas.** São Paulo: Paulus, 2005.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALDEMAR, Walter. **O conto de fadas na educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

ZIPES, Jack. **Why fairy tales stick: the evolution and relevance of a genre.** New York: Routledge, 2006.

Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian
Silvana Nascimento de Carvalho

Unidade de Ensino: _____
Acadêmico (a): _____
Curso: _____
Período: _____
Anotações: _____
_____
_____

1–10: CONCEITOS FUNDAMENTAIS

1. O que caracteriza um conto de fadas como um instrumento simbólico no desenvolvimento infantil?

_____
_____
_____
_____
_____

2. Qual é a principal função arquetípica do herói nas narrativas infantis segundo Fillus e Janowski?

_____
_____
_____
_____
_____

3. Como Carl Gustav Jung define o processo de individuação e qual sua relação com os contos de fadas?

_____
_____
_____
_____
_____

4. O que é o Self na psicologia analítica e como ele se manifesta nos contos?

_____
_____
_____
_____
_____

5. Qual é a importância da linguagem simbólica nos contos de fadas, segundo Von Franz?

_____
_____
_____
_____
_____

6. De que forma os contos de fadas funcionam como um "roteiro" para a formação do sujeito infantil?

_____
_____
_____
_____
_____

7. Quais são os elementos recorrentes de iniciação simbólica nas narrativas dos contos?

_____
_____
_____

_____
_____

8. Como os contos de fadas contribuem para a elaboração dos conflitos psíquicos infantis?

_____
_____
_____
_____
_____

9. O que diferencia o conteúdo simbólico de um conto de fadas de uma história cotidiana?

_____
_____
_____
_____
_____

10. Qual a relevância da estrutura narrativa (início, meio e fim) na construção do pensamento infantil?

_____
_____
_____
_____
_____

11–20: EMOÇÕES E PSIQUE

11. De que maneira os contos de fadas ajudam a criança a nomear e compreender suas emoções?

_____
_____
_____
_____
_____

12. Quais arquétipos aparecem como representações dos medos e sombras infantis?

_____
_____
_____
_____
_____

13. Por que o contato com o símbolo é essencial para a reintegração do self, segundo Jung?

_____
_____
_____
_____
_____

14. Como os contos atuam como espelhos da alma humana, conforme Klaus Martin?

15. Qual o papel do inconsciente nas escolhas afetivas e simbólicas da criança?

16. Por que os contos possibilitam um enfrentamento simbólico dos medos reais?

17. O que Verena Kast afirma sobre a interação do outro no desenvolvimento da alma infantil?

18. Qual a relação entre o símbolo e o processo de cura interior, segundo a psicologia analítica?

19. Como o arquétipo da "grande mãe", estudado por Neumann, aparece nos contos?

20. Por que o encantamento é uma forma de cura emocional?

21–30: RELAÇÕES SOCIAIS E AFETIVAS

21. Como os contos de fadas ajudam na construção das relações interpessoais infantis?

22. Qual a função simbólica das figuras de aliados e inimigos nas narrativas?

23. Como o "nós" aparece nos contos e o que ele representa na formação da identidade?

24. De que forma os contos contribuem para a aprendizagem da empatia?

25. Por que as relações entre os personagens representam a vida social da criança?

26. Como os contos ajudam a criança a reconhecer a importância da cooperação?

27. De que modo os contos de fadas podem ajudar a criança a lidar com o bullying?

28. Como a figura do mentor nos contos influencia a construção de vínculos reais?

29. O que Simone Helen Drumond Ischkanian evidencia sobre o impacto coletivo dos contos?

30. Em que medida o papel do "outro" transforma o processo de amadurecimento emocional?

31–40: ESCRITA, IMAGINAÇÃO E CRIATIVIDADE

31. Como os contos de fadas influenciam a produção textual da criança?

32. Por que a imaginação é considerada um recurso pedagógico essencial?

33. Qual a importância da fantasia na formação da linguagem simbólica infantil?

34. Como os contos ampliam a capacidade de abstração e resolução de problemas?

35. Que estrutura narrativa dos contos ajuda a desenvolver a organização do pensamento?

36. Como a repetição e os elementos mágicos contribuem para o aprendizado?

37. O que Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos destaca sobre criatividade e subjetividade?

38. De que forma os contos influenciam positivamente a autonomia do pensamento infantil?

39. Por que estimular a escrita criativa a partir de contos de fadas é eficaz?

40. Qual o papel do encantamento no processo educativo, segundo Sandro Garabed Ischkanian?

41–50: PSICOTERAPIA E SAÚDE EMOCIONAL

41. Como os contos podem ser utilizados na psicoterapia infantil?

42. Qual a função terapêutica dos contos na elaboração de traumas infantis?

43. Como os contos auxiliam o terapeuta a acessar conteúdos inconscientes da criança?

44. Em que situações os contos funcionam como catalisadores de mudanças emocionais?

45. Como Silvana Nascimento de Carvalho compreende o papel do terapeuta ao usar contos?

46. Por que o conteúdo simbólico dos contos é terapêutico mesmo para adultos?

47. Qual a relação entre sonhos e contos na psicologia junguiana?

48. Como os contos promovem o fortalecimento da autoestima infantil?

49. Qual o impacto das narrativas na cura de feridas emocionais da infância?

_____
_____
_____
_____
_____

50. Em que medida os contos ajudam a ressignificar experiências negativas?

_____
_____
_____
_____
_____

51–60: EDUCAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE

51. Como os contos de fadas contribuem para a formação cultural da criança?

_____
_____
_____
_____
_____

52. Qual o papel da escola e dos professores na mediação dos contos?

_____
_____
_____
_____
_____

53. Por que somos todos educadores de crianças ao contarmos histórias?

_____
_____
_____
_____
_____

54. Qual a crítica social implícita nas tramas dos contos de fadas?

_____
_____
_____
_____
_____

55. Como a educação infantil pode se beneficiar dos contos no currículo pedagógico?

_____
_____
_____

_____
_____

56. De que modo os contos resgatam o encantamento cotidiano da vida?
_____
_____
_____
_____
_____

57. O que Jack Zipes afirma sobre a relevância dos contos na sociedade contemporânea?
_____
_____
_____
_____
_____

58. Como os contos ajudam a criança a compreender o ciclo da vida?
_____
_____
_____
_____
_____

59. Qual a importância de manter viva a oralidade e a tradição dos contos?
_____
_____
_____
_____
_____

60. Como os contos contribuem para um desenvolvimento integral — emocional, simbólico e social?
_____
_____
_____
_____
_____
_____

Formas explicativas e criativas de apresentação do conhecimento final sobre "Contos de fadas e o desenvolvimento integral da criança", com sugestões práticas que valorizam a expressão oral, visual, artística e coletiva, ideais para atividades escolares, projetos interdisciplinares ou eventos educativos.

1. PODCAST TEMÁTICO

Descrição: Produção de episódios em áudio onde os alunos narram contos, discutem seus significados simbólicos, entrevistam professores, psicólogos ou até familiares sobre a importância dos contos na infância.

Objetivo: Desenvolver habilidades de comunicação oral, escuta ativa, síntese de ideias e reflexão crítica.

Exemplo de episódio: "O que o Lobo Mau nos ensina sobre o medo?"

2. BANNER EXPLICATIVO

Descrição: Produção de um banner físico ou digital com textos curtos, ilustrações e citações de autores (Jung, Von Franz, Zipes, Kast, etc.), explicando os principais conceitos do artigo.

Objetivo: Organizar visualmente o conhecimento de forma clara e acessível.

Tópicos sugeridos: Self, arquétipos, função terapêutica, o "eu", o "outro" e o "nós", função educativa dos contos.

3. EXPOSIÇÃO ILUSTRADA OU GALERIA SIMBÓLICA

Descrição: Alunos criam ilustrações que representam cenas arquetípicas de contos de fadas (ex: a floresta escura, o espelho, o castelo, o dragão) com legendas interpretativas.

Objetivo: Estimular a leitura simbólica, a sensibilidade estética e a expressão artística.

Complemento: Cada imagem pode conter um QR code com uma narração ou explicação do simbolismo da cena.

4. VÍDEO AULAS OU CURTAS EDUCATIVOS

Descrição: Gravação de vídeos curtos explicando temas como "Arquétipos nos contos de fadas", "O papel da escola no encantamento" ou "Como o símbolo atua na psique".

Objetivo: Desenvolver roteiro, argumentação, expressão verbal e pensamento crítico.

Sugestão: Criar um canal da turma no YouTube ou uma mostra de vídeos em um "Cine Conto".

5. DIA DO CONTO (EVENTO LITERÁRIO OU CULTURAL)

Descrição: Organização de um evento escolar com apresentações orais, dramatizações, roda de histórias, oficinas de escrita criativa e contação de histórias por pais, alunos e professores.

Objetivo: Fortalecer o vínculo escola-comunidade, incentivar a oralidade e valorizar a tradição cultural dos contos.

Complemento: Espaço para troca de livros, exposição de banners e ilustrações feitas pelos alunos.

6. JOGO EDUCATIVO TEMÁTICO

Descrição: Criação de jogos de tabuleiro, cartas ou aplicativos que envolvam desafios baseados em arquétipos, símbolos e interpretações de contos.

Objetivo: Aprender brincando, revisar conceitos simbólicos, estimular cooperação e criatividade.

Exemplo: Jogo "Trilha do Herói" com desafios simbólicos (caverna, ponte, monstro, recompensa).

7. REVISTA OU E-BOOK COLABORATIVO

Descrição: Produção de uma publicação digital ou impressa com artigos, poemas, releituras de contos, reflexões e desenhos feitos pelos alunos.

Objetivo: Articular escrita, leitura, ilustração e revisão coletiva.

Seções sugeridas: "Conto e psique", "Meu conto favorito", "Entrevista com a bruxa", "Reflexões junguianas infantis".

8. TEATRO SIMBÓLICO OU DRAMATIZAÇÕES

Descrição: Encenação teatral de contos de fadas clássicos ou reinterpretados, com foco nos significados simbólicos e transformações do "eu".

Objetivo: Desenvolver empatia, expressão corporal e trabalho em grupo.

Variante: Improvisação guiada baseada em arquétipos.

9. CÍRCULO DE DIÁLOGO/REFLEXÃO

Descrição: Roda de conversa onde os alunos discutem o impacto dos contos em suas vidas, como se identificam com personagens ou situações, e o que aprenderam sobre si mesmos.

Objetivo: Estimular escuta ativa, introspecção e convivência respeitosa.

10. ÁLBUM SIMBÓLICO FOTOGRÁFICO

Descrição: Produção de um álbum ou exposição fotográfica que represente simbolicamente momentos arquetípicos da vida (ex: "minha floresta escura", "meu castelo", "meu lobo").

Objetivo: Trabalhar metáforas visuais e relações entre realidade e mito pessoal.

JOGOS EDUCATIVOS E SIMBÓLICOS RELACIONADOS AO TEMA "CONTOS DE FADAS E O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA".

1. TRILHA DO HERÓI

Objetivo: Compreender a jornada simbólica do herói (partida, desafios, transformação e retorno).

Como brincar: Em um tabuleiro com etapas simbólicas (floresta, caverna, ponte, castelo...), os jogadores devem avançar respondendo a perguntas sobre si mesmos, contos de fadas e desafios emocionais (ex: "Qual seu maior medo?" / "Qual obstáculo você já superou?").

Materiais: Cartolina ou MDF com o tabuleiro, dado, fichas, cartas de desafio (com perguntas ou tarefas simbólicas).

Público-alvo: Crianças a partir de 8 anos e adolescentes.

2. CARTAS ARQUETÍPICAS

Objetivo: Identificar e compreender arquétipos como o herói, a bruxa, o mentor, o lobo, a princesa e o dragão.

Como brincar: Cada jogador sorteia uma carta e deve contar uma história ou lembrar de uma situação de vida em que esse arquétipo apareceu (real ou simbólica).

Materiais: Baralho com imagens/arquetipos e frases associadas (ex: "Bruxa – a força sombria que desafia", "Mentor – o guia interior").

Dica terapêutica: Pode ser usado em rodas de conversa ou sessões de psicoterapia infantil.

3. RODA DOS CONTOS

Objetivo: Estimular a criação de histórias com estrutura simbólica.

Como brincar: Em uma roleta dividida em categorias (personagem, lugar, desafio, ajuda mágica, solução), os alunos giram e constroem um conto coletivo, oral ou por escrito.

Materiais: Roleta feita em papelão ou digital, folhas, lápis ou celular/tablet com app de notas.

Variação: Pode ser feito com cartões em vez de roleta.

4. TEATRO DOS ARQUÉTIPOS

Objetivo: Representar simbolicamente emoções e papéis psíquicos.

Como brincar: As crianças escolhem um personagem/arquetipo e, em pequenos grupos, criam uma cena que represente um conflito simbólico e sua resolução (ex: o medo do abandono, a coragem diante do desconhecido).

Materiais: Fantasias, objetos simples, cartazes com sugestões de cenas.

Dica: Ótimo para turmas de teatro, rodas terapêuticas ou atividades de linguagem.

5. MAPA DA JORNADA PESSOAL

Objetivo: Refletir sobre a própria trajetória de crescimento.

Como brincar: Os alunos desenham um mapa simbólico da sua vida, com obstáculos (dragões), conquistas (castelos), ajudantes (fadas, mentores) e medos (florestas escuras).

Materiais: Papel grande, lápis de cor, colagens, revistas velhas.

Resultado: Trabalho individual que pode ser exposto em um mural coletivo.

6. O QUE O PERSONAGEM DIRIA?

Objetivo: Desenvolver empatia e interpretação simbólica.

Como brincar: Cada aluno escolhe um personagem de conto de fadas e responde perguntas como: “O que você diria para uma criança com medo?”, “Como você enfrentou a solidão?”, “Qual seu conselho para o herói?”.

Materiais: Cartões com perguntas, imagens de personagens, papel para anotações.

Indicação: Pode ser feito em sala de aula ou sessões terapêuticas.

7. MONTE O SEU CONTO

Objetivo: Praticar a escrita criativa e estrutura narrativa simbólica.

Como brincar: Os alunos recebem uma ficha com espaços: herói, obstáculo, ajudante, lugar mágico e final. Preenchem com ideias próprias e depois compartilham oralmente ou escrevem a história.

Materiais: Fichas impressas, lápis/caneta.

Complemento: Pode virar uma coletânea de contos da turma.

8. EMOÇÃO ENCANTADA

Objetivo: Trabalhar identificação e expressão emocional.

Como brincar: Os participantes sorteiam uma carta de emoção (tristeza, raiva, medo, alegria) e uma carta de personagem. Devem contar uma pequena cena com esse personagem sentindo aquela emoção.

Materiais: Cartas de emoção + cartas de personagem/arquetipo.

Reflexão: Ideal para rodas de conversa sobre sentimentos.

9. DETETIVES DO SIMBÓLICO

Objetivo: Estimular interpretação simbólica e leitura crítica.

Como brincar: Após ouvir ou ler um conto, os alunos devem "investigar" seus símbolos escondidos (quem é o arquétipo? o que representa a floresta? o que significa a prova final?).

Materiais: Texto do conto, fichas com perguntas-guia.

10. DESAFIO DOS CONTOS

Objetivo: Revisar conhecimentos de forma lúdica.

Como brincar: Jogo de perguntas e respostas em grupo sobre temas como: estrutura do conto de fadas, autores citados (Jung, Von Franz, Zipes, Kast), simbologia, função terapêutica etc.

Materiais: Quadro, campainha ou palito para disputa, perguntas impressas.

SUGESTÕES CRIATIVAS DOS AUTORES PARA APRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE OS CONTOS.

Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos
Gabriel Nascimento de Carvalho
Genilde do Nascimento Alves Monteiro
Gladys Nogueira Cabral
José Fernandes Góis
Juliana Balta Ferreira
Sandro Garabed Ischkanian
Silvana Nascimento de Carvalho
Simone Helen Drumond Ischkanian

Considerando a importância da escrita criativa no desenvolvimento infantil, como Cíntia Aparecida Nogueira dos Santos destaca a relação entre a imaginação estimulada pelos contos de fadas e o fortalecimento das habilidades linguísticas, de que maneira podemos implementar práticas pedagógicas inovadoras que integrem contação de histórias, escrita livre e artes visuais para maximizar o potencial expressivo da criança?

Forma criativa de apresentação: Criação de um podcast onde crianças narram e reinventam contos de fadas, intercalado com entrevistas sobre os impactos da escrita criativa no desenvolvimento.

Levando em conta a influência do universo simbólico na construção da identidade infantil, como Gabriel Nascimento de Carvalho evidencia o papel dos arquétipos presentes nos contos para o amadurecimento emocional da criança, qual seria a relevância de atividades que envolvam o teatro de fantoches e dramatizações para aprofundar esse processo de reconhecimento do self?

Forma criativa de apresentação: Produção de uma peça teatral ou vídeo dramatizado com fantoches que explore os arquétipos dos contos de fadas para ilustrar a jornada do herói.

Tendo em vista a complexidade das relações afetivas construídas a partir das narrativas infantis, como Genilde do Nascimento Alves Monteiro ressalta a importância das histórias para o desenvolvimento social das crianças, de que forma a utilização de dinâmicas de grupo baseadas nos personagens e enredos dos contos pode facilitar o entendimento de emoções e a empatia?

Forma criativa de apresentação: Realização de uma exposição interativa com ilustrações e jogos colaborativos baseados nas histórias para estimular o debate sobre emoções e relações.

Ao enfatizar o impacto dos contos de fadas no fortalecimento da autoestima infantil, como Gladys Nogueira Cabral explica que a superação das adversidades nas histórias auxilia na construção do eu, como podemos criar ambientes educativos que favoreçam a resiliência por meio da arte e da narração de histórias?

Forma criativa de apresentação: Desenvolvimento de um mural coletivo em sala de aula, onde cada criança cria sua própria versão de um conto, destacando um momento de superação.

Analisando a função terapêutica dos contos no processo de transformação pessoal, conforme José Fernandes Góis, como a leitura e interpretação simbólica das histórias pode ser incorporada em programas de apoio psicológico para crianças em situações de vulnerabilidade?

Forma criativa de apresentação: Produção de videoaulas que combinem análise psicológica dos contos com exercícios de autoexpressão e escrita terapêutica.

Diante da visão de Juliana Balta Ferreira sobre o papel fundamental da imaginação no desenvolvimento cognitivo e emocional, de que maneira a utilização de tecnologias digitais e aplicativos interativos pode expandir o alcance das narrativas infantis e tornar a aprendizagem mais envolvente?

Forma criativa de apresentação: Criação de um aplicativo interativo que permita às crianças explorar, criar e recontar contos de fadas com elementos visuais, sonoros e narrativos.

Com base na análise de Sandro Garabed Ischkanian sobre os aspectos simbólicos dos contos e sua influência na formação do self, como o estímulo à reflexão crítica e ao debate pode ser implementado em atividades escolares para promover uma consciência mais profunda das próprias emoções?

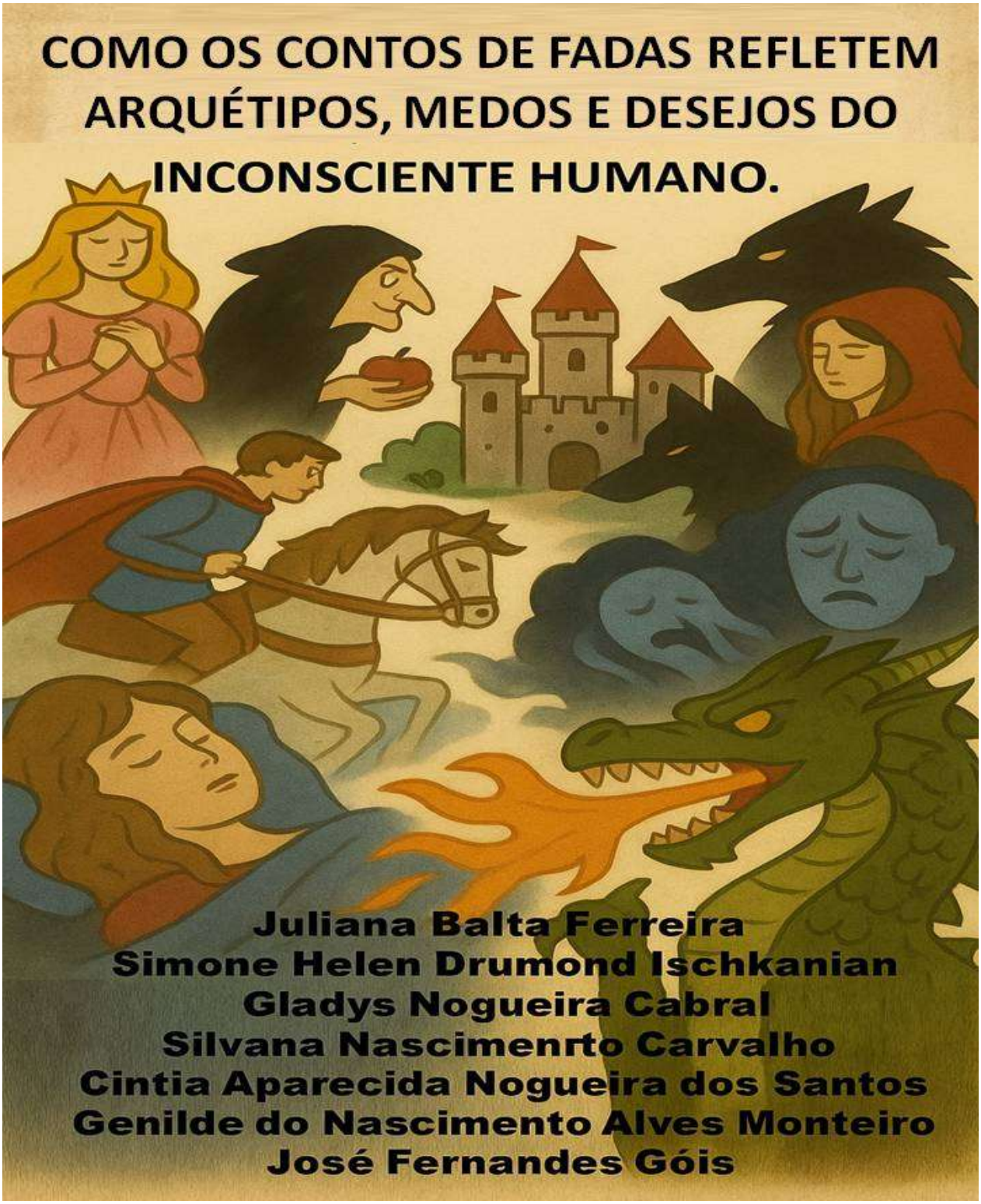
Forma criativa de apresentação: Organização de um "Dia do Conto" com rodas de conversa e debates guiados sobre os temas e símbolos presentes nas histórias.

Partindo da perspectiva de Silvana Nascimento de Carvalho sobre a relação entre leitura, escrita e construção de vínculos afetivos, como a implementação de projetos que integrem família e escola pode favorecer o desenvolvimento integral da criança e fortalecer o laço entre esses dois ambientes?

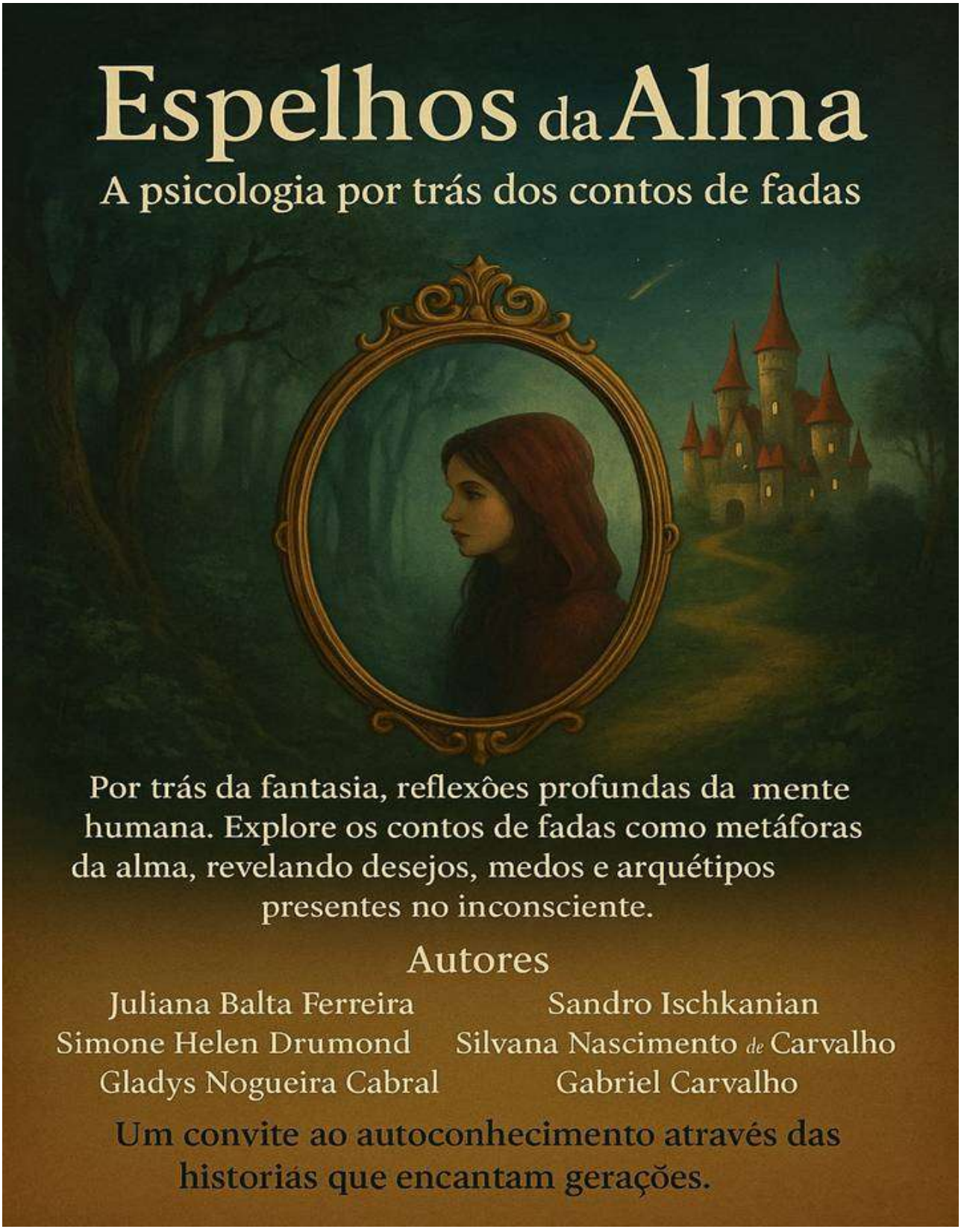
Forma criativa de apresentação: Realização de um evento "Contando Histórias em Família", onde pais, filhos e educadores participam de oficinas conjuntas de contação e criação literária.

Considerando a importância que Simone Helen Drumond Ischkanian atribui à função iniciática e transformadora dos contos de fadas, de que modo as práticas pedagógicas podem incorporar o uso dos contos como ferramentas para o desenvolvimento da autorregulação emocional e da resiliência na infância?

Forma criativa de apresentação: Desenvolvimento de um workshop com dinâmicas baseadas em contos, utilizando técnicas de mindfulness e expressão corporal para auxiliar no reconhecimento e gestão das emoções.


COMO OS CONTOS DE FADAS REFLETEM ARQUÉTIPOS, MEDOS E DESEJOS DO INCONSCIENTE HUMANO.
Juliana Balta Ferreira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Silvana Nascimenrto Carvalho
Cintia Aparecida Nogueira dos Santos
Genilde do Nascimento Alves Monteiro
José Fernandes Góis

FERREIRA, Juliana Balta; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; CARVALHO, Silvana Nascimento; SANTOS, Cíntia Aparecida Nogueira dos; MONTEIRO, Genilde do Nascimento Alves; GÓIS, José Fernandes. **Como os contos de fadas refletem arquétipos, medos e desejos do inconsciente humano.** Disponível em: https://www.academia.edu/143267223/COMO_OS_CONTOS_DE_FADAS_REFLETEM_ARQU%C3%89TIPOS_MEDOS_E_DESEJOS_DO_INCONSCIENTE_HUMANO. Acesso em: 05 ago. 2025.


Espelhos da Alma
A psicologia por trás dos contos de fadas
Por trás da fantasia, reflexões profundas da mente humana. Explore os contos de fadas como metáforas da alma, revelando desejos, medos e arquétipos presentes no inconsciente.
Autores
Juliana Balta Ferreira
Sandro Ischkanian
Simone Helen Drumond
Silvana Nascimento de Carvalho
Gladys Nogueira Cabral
Gabriel Carvalho
Um convite ao autoconhecimento através das histórias que encantam gerações.

FERREIRA, Juliana Balta; ISCHKANIAN, Simone; CABRAL, Gladys; ISCHKANIAN, Sandro; SANTOS, Cíntia Aparecida Nogueira dos; CARVALHO, Silvana Nascimento de; CARVALHO, Gabriel Nascimento de. **Espelho da alma: A psicologia por trás dos contos de fadas – Ampliando a visão do Eu, do Outro e do Nós na experiência simbólica dos contos.** Disponível em: https://www.academia.edu/143324969/ESPELHOS_DA_ALMA_A_PSICOLOGIA_POR_TR%C3%81S_DOS_CONTOS_DE_FADAS. Acesso em: 07 ago. 2025.

SANTOS, Cíntia Aparecida Nogueira dos; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; CARVALHO, Silvana Nascimento de. **Contos de fadas e o desenvolvimento integral da criança: emoções, imaginação, escrita e relações afetivas**. Disponível em: https://www.academia.edu/143335151/.... Acesso em: 8 ago. 2025.